



Instituto de Sociologia

Relatório Final de Pós-Doutoramento de Renato Sampaio Sadi

**As classes médias e o esporte:
estrutura/funcionamento; pertencimento/engajamento; pedagogia/treino**

Supervisão: Lígia Ferro

2023

PÁGINA DE ROSTO

Autor: Renato Sampaio Sadi

Título do trabalho: As classes médias e o esporte: estrutura/funcionamento;
pertencimento/engajamento; pedagogia/treino

Instituição: Universidade do Porto

Porto, 2023

FICHA TÉCNICA

As classes médias e o esporte: estrutura/funcionamento;
pertencimento/engajamento; pedagogia/treino

Sadi, Renato S.

Editor: Renato Sampaio Sadi

Local da Edição: São João del Rei-MG, Brasil

Ano: 2023

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Resumo | 3 |
| Apresentação | 4 |
| Introdução | 14 |
| Capítulo 1 – Estrutura e funcionamento das classes médias, seus sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas | |
| 1.1 – Primeira avenida: História, filosofia, sociologia | 29 |
| 1.2 – Segunda avenida: Ideologia, família, lutas | 46 |
| 1.3 - Terceira avenida: Reconfigurações das famílias de classes médias | 62 |
| 1.4 – Quarta avenida: Comportamentos (e pensamentos) no esporte | 69 |
| 1.4.1. Violência | 71 |
| 1.4.2. Alfabetização esportiva | 76 |
| 1.4.3. Competição | 80 |
| Capítulo 2 – O pertencimento/engajamento na promoção e aposta de carreira esportiva | 89 |
| Capítulo 3 – Contornos e práticas específicas da política e da cultura | |
| 3.1 – Os limites do capitalismo predatório e suas globalizações | 96 |
| 3.2 – Sementes do esporte como pedagogia: aula, treino, representações, perspectivas | 101 |
| 3.2.1 – Aula/treino | 104 |
| 3.2.3 – Crítica da crítica dominante | 122 |
| Considerações provisórias | 124 |
| Referências | 128 |

**As classes médias e o esporte:
estrutura/funcionamento; pertencimento/engajamento; pedagogia/treino**

Resumo e justificativa

Eu, Renato Sampaio Sadi, apresento, aos interessados, meu relatório final de pós-doutoramento. Inicialmente, agradeço todos os esforços de ambas as Universidades (Universidade Federal de São João del Rei e Universidade do Porto) no processo de investigação no período situado, entre outubro de 2021 à março de 2022. Destaco que após este tempo, os esforços teórico-metodológicos foram canalizados para a exposição dos resultados que apresento neste relatório. Após os difíceis tempos de pandemia, no ano passado passei por intervenção cirúrgica no coração (ponte safena) o que me obrigou a adiar ainda mais a finalização deste projeto. Repassei o texto à Professora Lígia Ferro que retornou com um feedback positivo. Para o encaminhamento final, segue a justificativa do atraso:

“Solicito à Sra. Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que considere a aceitação deste relatório de pós-doutoramento, apesar de ter sido entregue com atraso. O pesquisador esteve sobrecarregado com o trabalho durante o último semestre e foi submetido à uma intervenção cirúrgica no coração. No entanto, durante o período indicado, trabalhou em seu projecto e já está a trabalhar num artigo e livro a ser brevemente publicado.”

Resumo do conteúdo

O pano de fundo deste trabalho é a discussão da posição de classe na formação esportiva em Portugal e no Brasil. O tema das classes médias é recortado dos determinantes marxistas e, após condensado, retira de costuras metodológicas e atuais, as múltiplas questões históricas, sociológicas, psicológicas e pedagógicas que emergem do tripé crianças-esportistas/treinadores/pais-responsáveis. A posição de classe é uma possibilidade de ascensão, manutenção e/ou vontade de melhorar, pertencer e engajar-se. Dessa maneira, a partir de uma classe média, a posição de classe indica os possíveis esforços das famílias na educação e formação

de seus filhos. O texto discorre sobre as direções e os significados mais sensíveis e sutis do neoliberalismo/neoconservadorismo, em um quadro revoltoso do atual capitalismo predatório e devastador, que atinge e reconfigura diferentes classes médias, suas lutas e esperanças. Neste espectro, contradições gerais e específicas são postas ao debate estrutural e conjuntural. O percurso metodológico, qualitativo e discursivo analisa o esporte, como semente de um casamento duradouro das classes sociais. Tal caminho, têm a preponderância das classes médias. Ainda que, afastado de suas origens o esporte apresenta-se como mediação estratégica possibilidade pedagógica. A proposta de um debate especulativo, político, crítico e propositivo só têm sentido teórico e político se o sujeito coletivo (professores/treinadores/famílias) estiver interessado em mudanças. Como resultados provisórios destacam-se tensões e contradições pertinentes às três características investigadas: estrutura/funcionamento; pertencimento/engajamento; pedagogia/treino.

Palavras-chave: Família, Pedagogia do Esporte, Classes Médias; Pertencimento; Engajamento

Apresentação

Há sem dúvida quem ame o infinito, há sem dúvida quem deseje o impossível, há sem dúvida quem não queira nada - Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles: Porque eu amo infinitamente o finito, Porque eu desejo impossivelmente o possível, Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser, ou até se não puder ser...
Fernando Pessoa

O ponto de partida e de caminhada, desta trajetória é a longa estrada da profissão de professor; coleciono sonhos, enfrentamentos exitosos, pedras, perdas, e desafios diários de uma exaustiva jornada de lutas. Desde os anos 1980 os problemas relativos à desigualdade social, assim como, as crises e as respostas das instituições, pulsava, como questões sensíveis no emaranhado da economia política, com reverberação direta nos corações dos lutadores. As divisões de classes geradora de antagonismos, conflitos, confusões e negatividades informava que era preciso calçar o edifício teórico-prático da filosofia política com o tempero do sindicalismo combativo. Mais à frente, vi incongruências no tratamento das

disputas sindicais e político-partidárias. Nem sempre os desejos coletivos são conquistados em nome de uma categoria e/ou grupo político. Normalmente, a força bruta de um lado (patrões e Estado) visa destruir a fragilidade ou não coesão por parte dos trabalhadores, porém, como isso não é explícito, o que se passa, torna-se legítimo. As conquistas são pontuais e necessitam de alianças para compor alguma verdade, a ser deixada como exemplo na história e historiografia dos partidos e dos próprios governos. Nas palavras de Mézaros (2015b) ainda temos uma montanha a conquistar.¹ De qualquer maneira alguns dos conhecimentos empíricos sobre greves, negociações, estratégias, sindicatos, partidos e paciência, postos à mesa como condicionantes políticos de aprendizagem, fizeram com que minha percepção das lideranças fosse vista para além das personalidades, ou seja, vi o movimento político das esquerdas como um movimento de constante busca, unidade e aprendizado. Também isso, foi sufocado pelo neoliberalismo/neoconservadorismo e o caldo ideológico arraigado nesse ideário que atingiu negativamente diversos profissionais. O novo mundo, portanto, tem sido constituído por perdas crescentes de parte dos trabalhadores, sendo preciso encontrar rotas alternativas, ou seja, *armas da crítica* em quantidade e qualidade suficiente, imprescindíveis para combater a atual onda fascista, de ortodoxia ultraliberal, como raiz (no qual banalidade e boçalidade são somadas) e, além disso, combater a *crítica das armas* (naquilo que há de irracional e/ou emocional descontrolado) e seu conjunto de estruturas e pensamentos sectários de parte da esquerda.²

Considero, nesta jornada, que experimentei uma viagem intelectual ao mundo de propostas e mudanças, sem as quais, o nada e o tédio teriam mais força para me derrubar. Chove, no mundo de hoje, gotas de caos que atingem a alma, a sociedade, a cultura, a política. Até mesmo o ar respirado não é seguro, diriam os mais céticos. Prefiro o lado da crítica contundente, anticapitalista, mas que, ao

¹ . Ver MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado**. Boitempo Editorial, 2015.

² . “As armas da crítica não podem, de fato, substituir a crítica das armas, a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material, uma vez que se apossa dos homens. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel. **Temas de Ciências Humanas**, v. 2, 2005.

mesmo tempo, vê saída e, por isso, propõe. Sou, portanto, amigo do espírito jocoso e juvenil de Ariano Suassuna, que se considera um realista esperançoso. Diz o pensador: “Não sou nem otimista, nem pessimista. Os otimistas são ingênuos, e os pessimistas, amargos”.

Neste texto, não desenvolvi uma teoria acabada, tampouco um percurso acadêmico com opiniões dispersas ou mesmo a tentativa de ordenar lógicas desordenadas. Como expressa o título, trata-se de uma *relação* entre as classes médias e o esporte. Qualquer que seja a compreensão disso, pretendo dialogar com o leitor, sobre os sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas desta relação.

Ao promover o encontro entre as classes médias e o esporte, comprometo-me com uma reflexão crítica que, ao mesmo tempo, possa situar (e provocar), uma incômoda problemática que saia do lugar comum acadêmico. Escolhi trilhar o percurso Brasil-Portugal por entender que, a ampliação de foco, no tratamento da relação *classes médias e esporte*, revela pormenores ainda não discutidos de forma satisfatória e que, a comparação é produtiva ao se verificar o intercâmbio acadêmico e o potencial lusófono. Como se sabe, os dois países têm muitas semelhanças e algumas diferenças.³ Além disso, a rejeição do simples e vazio, deve ceder lugar ao rigoroso, ético e verdadeiro, com atenção aos contornos conjunturais e de possibilidades concretas. O economicismo que trata as classes apenas no plano quantitativo pode ser incrementado com discussões sobre o funcionamento das classes e alguns aportes culturais. O educacional (familiar e escolar) que, normalmente, aceita, sem questionamento, o status-quo estabelecido, também pode, ser alimentado pelo arcabouço político-sociológico e desviar-se da fraseologia que parece reinar sobre muitas cabeças pensantes.

³. Dados indicadores-comparativos entre Portugal e Brasil: Índice de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas (IDH-ONU) Portugal = 0.864, posição 38 de 189; Brasil = 0.765, posição 84 de 189. Índice Global de Paz - Portugal = 1.267, posição 4/163; Brasil = 2.430, posição 128/163; Índice de fragilidade - Portugal = 27.3; Brasil = 68.7; Desemprego - Portugal = 6.4%; Brasil = 13.2 %; Despesas públicas per capita - Portugal = 9.587 Euros; Brasil = 2.548 Euros. Salário Mínimo - Portugal = 770 Euros; Brasil = 170 Euros. Fonte: <https://pt.countryeconomy.com> Acesso, 15/11/2021. População conluente do Ensino Secundário em Portugal em 2020 = 82.9% Fonte: <https://www.pordata.pt> População conluente do Ensino Médio no Brasil em 2019 = 48.8%. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Assumi a empreitada de pôr à mesa, um debate verdadeiro sobre as contradições das classes médias na sua relação com o esporte. Isso trouxe os riscos de não obter nada diferente e interessante da já existente história do esporte e, ao mesmo tempo, possíveis curiosidades e simplicidades dos processos educativos na família e no clube, pouco produtivas. O comportamento das classes médias, a educação dos filhos, a pedagogia do treino e como as crianças e jovens processam o aprendizado, era (e continua a ser) muito importante aos estudantes, professores e treinadores, porém, tudo isso confina-se em uma caixa preta, de difícil abertura. Apresento, nesse sentido os principais entraves e desafios, de forma a explicitar, o que criou as motivações a este trabalho e o que eu supostamente poderia apresentar como “saída”:

1 - Os estilhaços das feridas deixadas pela qualidade duvidosa foram, ao longo de muitos anos, acumulados nas diversas experiências pedagógicas. Nas intenções dos homens de bem, o conjunto destas ideias contém projeto, sonho, esperança e empenho entre os envolvidos, pais/responsáveis, crianças/jovens, professores/treinadores. Sua situação de classe pode limitar ou até motivar as ações. Isso, deixava no ar, uma sensação de neutralidade, bastante desconfortável, tendo em vista que, a área de Educação Física e Esporte pouco se posiciona política e ideologicamente a favor da esquerda ou do eixo centro-esquerda. Explico-me: Existe sim, uma longa tradição do movimento sindical e corporativo dos docentes das Universidades públicas brasileiras, do movimento estudantil e do movimento de professores da educação básica porém, os posicionamentos e as formas de luta, normalmente estão baseados, ora em uma negatividade aligeirada que desconhece o quadro mais amplo das interferências mundiais e que pode conduzir ao formato sectário das lutas, ora em uma tentativa de apaziguar os conflitos, simplesmente pelo adormecimento, os famosos *panos quentes*, ora ainda, na ausência de ruídos e formação de consensos (de direita ou de esquerda) sutilmente conduzidos e que camufla ou mesmo acomoda um suposto bem-estar das entidades políticas.⁴

⁴ . Entre o consenso e o conflito é preciso vencer a tentação, o agonismo e o participacionismo da democracia eleitoral; superar as famosas arestas e seus cortes; não cair na armadilha de ver no governo a possibilidade e, no povo, a legitimidade que fez o governo. Ver “Consenso e conflito na teoria democrática: para além do agonismo” (Miguel, 2014)

Curiosamente, nunca me vi inteiro em nenhum agrupamento político e/ou partidário, exatamente pelas insuficiências citadas. Isso não tirou-me a energia diária para a luta que, desde sempre, soube refazê-la; penso que muitos militantes, estudantes e professores assim também comportam-se. Continuamente, ser flexível, apoiar-se em princípios (sem ser principista) e revigorar-se com a idade é uma das receitas de manter-se na luta.

2 - A capacidade teórico-política de tornar, na prática, o esporte uma manifestação verdadeiramente educacional foi uma outra avenida repleta de congestionamentos. Nos documentos, nas políticas ou no discurso, o esporte é mais do que belo, promove a paz, acelera a aprendizagem, reconforta a todos. Nos debates em fóruns, congressos, seminários e encontros, é criticado por diversas carências. Na Universidade são apontados seus excessos, sua história, seu elitismo. No entanto, há no conhecimento da prática, provavelmente muito do seu oposto, isto é, da guerra, da não aceitação e da tensão generalizada de sua própria gênese agonística. Seria preciso defrontar-se com a pergunta sobre as intenções mudancistas para o terreno educacional do esporte. A sociedade pós-coronavírus terá que reprocessar a lógica competitiva que destila, no esporte o seu mal e buscar criar autenticidade nas práticas esportivas, democratizá-las e massificá-las ou então, estará fadada ao descompromisso de muitas das políticas sociais e públicas consagradas. Isso porque, paira hoje no ar, *um quê* de deslealdade e malandragem espalhados pela mídia esportiva, no conjunto do setor.⁵ Nosso futuro depende, antes de mais nada, de nossas projeções sobre ele. Por mais incertas que sejam as apostas (pouco desenvolvidas do ponto de vista estratégico, e quase sem rumo fora do capitalismo) o quadro projetado por Sousa Santos (2020) é certo. Contém três cenários e um destaque: “entre a repetição do inferno e o kairós”. Neste conteúdo, três ideias-chave firmam o pensamento propositivo: 1. De como o vírus, e suas vertentes históricas atravessa o nosso tempo e se apresenta como inimigo,

⁵ . Esportistas, atletas, professores, treinadores, dirigentes, árbitros, empresários e o vasto número de crianças, jovens e torcedores em geral consomem o esporte nas redes sociais. É como jogar um jogo que, após iniciado, descobre-se sujo e, portanto, não há como retroceder. Ver GUSSO, Karin Cristina. **Esporte, Mídia e Indústria Cultural**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2018.

mensageiro e pedagogo; 2. De um capitalismo abissal e avassalador que aprofunda desigualdades e discrimina barbaramente, ou seja, de como a pandemia tornada negócio movimentou o capitalismo corsário; 3. De uma transição paradigmática de monoculturas ou insuficiências de saberes em direção a anseios ecológicos e transdisciplinares. O futuro distante, não importa, nosso esforço em visualizar a utopia de um esporte diferente do existente, poderá colher os frutos desta atual tragédia;

3 - A quase total ausência da política como linguagem. Dadas as circunstâncias catastróficas e absurdas do corpo confinado, a libertação parece ficar longe e, com isso, o esporte talvez seja conduzido a este lugar distante (inalcançável?) e confuso. Mesmo antes do furor pandêmico e dos estilhaços produzidos era possível verificar um definhamento dos esportes coletivos e um socorro individual às atividades físicas personalizadas, da saúde e da estética. Um mergulho ao egoísmo do humano, seu cansaço e esgotamento com a coletividade, em uma palavra, seu “lavar as mãos” pode ser uma tendência passageira ou mais definitiva; ainda vivemos em uma era que pouco se sabe sobre solidariedade. Uma síntese do neoliberalismo/neoconservadorismo, seus princípios, sua ética e seu desastre, explicam parte da verdade. Ao concordar com tal síntese, complemento com a explicação de Louçã (2021) para quem “o caminho para a naturalização do medo foi a deslocação da política para a bufonaria, uma máscara da necropolítica suportada pelo frenesim da comunicação”.⁶

4 - Os limites da teoria e dos debates acadêmicos infrutíferos supõe um tipo de encruzilhada histórica, na qual é necessário exercer a autocrítica como plataforma de superação. Embora continuemos a ter uma massa de pais, professores e treinadores alheios ao que se passa ao redor de seus filhos, alunos, jogadores, ou seja, ao redor das classes médias, não desistimos da aposta no esporte. É comum, por exemplo, o mero interesse na produtividade de crianças e

⁶ . Francisco Louça (2020) no livro “O futuro já não é o que nunca foi: uma teoria do presente” desnuda a realidade em que vivemos. Na antiguidade, no Egito ou em Roma, a bobice do bobo da corte, a figura do bufão, também era procurada pelo povo. Na recente política, nasceu uma outra espécie de bufão, o maléfico Trump, em 2016 e Bolsonaro, em 2018, espécie esta, a ser reinventada todos os dias.

jovens destituído de sinceridade, afetividade e proposições de melhoria. As questões são mais complexas e o buraco é mais em baixo, parecido com a análise crítica de Engels, aos socialistas utópicos.⁷ Será preciso reverberar a teoria e o debate perdidos entre aqueles que ensinam e as leituras críticas. Será também, preciso, voltar aos clássicos da filosofia política, da história e da literatura militante para uma intervenção condizente com o atual quadro de revolução tecnológica. Entrelaçar os aspectos históricos de lógica dialética com a amplitude de possibilidades produtivas que possam minimizar os efeitos catastróficos da ordem do capital.

5 - O esporte como instituição universal, formal e consolidada em confederações e federações de modalidades, difere do jogo, uma categoria que o funda e continua a oferecer-lhe substrato. Entretanto, há aqui uma sutileza, as políticas sociais e públicas de esporte orientam os recursos ora, para o chamado esporte de alto rendimento, ora, para o esporte como manifestação educacional, de inclusão e lazer. A procura por valores homogêneos e transparentes não resolve o problema pois o conteúdo, além de continuar injusto, não é da mesma qualidade. Trata-se de uma manipulação conceitual e prática que torna o esporte desigual, ou seja, de um lado, é efetivamente a produção de atletas e o consumo de espetáculos pelos torcedores (as classes sociais), de outro, é a prática do jogo, o fazer dos projetos populares, a oportunidade da produção e do consumo corporal. Grosso modo, poder-se-ia comparar tal divisão com a fragmentação do acesso à cultura, isto é, uma cultura erudita em oposição à uma cultura popular. Este *filme* é antigo e foi repaginado pela ganância dos empresários e gestores públicos, ávidos pelo empacotamento e venda do produto esporte, leia-se, prepará-lo e vendê-lo à diferentes públicos. (de diferentes interesses e classes sociais) Em minha percepção, o esporte foi dividido em: *esporte mais completo* para a burguesia e o conjunto das classes médias e *esporte desinteressado* para as classes populares.

⁷ . “Para todos eles, o socialismo é a expressão da verdade absoluta, da razão e da justiça, e é bastante revelá-lo para, graças à sua virtude, conquistar o mundo. E, como a verdade absoluta não está sujeita a condições de espaço e de tempo nem ao desenvolvimento histórico da humanidade, só o acaso pode decidir quando e onde essa descoberta se revelará” ENGELS, Friedrich. **Del socialismo utópico al socialismo científico**. Ediciones AKAL, 2021.

O debate pode tornar-se extenso, pouco produtivo e desnecessário pois constitui pensamentos dispersos e, ainda, pouco científicos, porém, é possível esboçar tendências que fotografam a realidade, cada vez mais polarizada entre ricos e pobres.

Os meios de produção e consumo, encontrados nas sociedades capitalistas ou mesmo em formas de sociedades socialistas, por exemplo, não são abstrações ou inexistências a serem jogadas no lixo, mas necessidades humanas de recompor caminhos, desbravar novos entraves e compreender o nosso tempo. Talvez sejam atalhos que possam nos levar à uma maior cientificidade. O socialismo, portanto, como projeto a ser redesenhado, não é uma simples *bandeira de luta* dos trabalhadores mas, estratégia essencial, para aqueles que desejam compreender o nosso tempo (e também ajudar a construir um novo tempo). Um ponto de partida atual pode ser retirado do resumo feito por Piketty (2021). Este autor sinaliza para o fato de que a concentração da propriedade e do poder econômico, embora tenha diminuído ao longo do século XX, ainda é extremamente forte.⁸

O neoliberalismo/neoconservadorismo é, portanto, uma ideologia teórica e política, de grande envergadura, formulada nos anos 1970, disseminada nos 1990 e reprocessada pela extrema-direita, após nítidos desgastes. As bases neoliberais da desestatização ou lógica do Estado mínimo, firmaram um pacto com os valores tradicionais da moralidade da família, na qual as ideologias da direita e da extrema direita emergiram como vitoriosas. O foco no indivíduo (abstrato pois, as posições de classe não são consideradas) e sua capacidade de escolha, direcionou (e direciona) de forma, conservadora, religiosa e disciplinada, o conjunto de pensamentos e comportamentos pessoais e coletivos. Soma-se a isto, promessas e mudanças liberais e conservadoras não realizadas, a incapacidade das esquerdas em lidar com os conflitos distributivos da social-democracia da Europa Ocidental,

⁸ . A igualdade educativa e o Estado social não chegam. É preciso aumentar o rendimento mínimo e encurtar as diferenças salariais entre homens e mulheres, mobilizar o sistema fiscal e sucessório a fim de promover uma maior circulação da propriedade. Ver PIKKETY, Thomas. **Pelo socialismo!** Crônicas. Bertrand, 2020.

do liberalismo americano e do populismo latino. A reação da direita foi (e tem sido) poderosa.⁹

Por fim, tenho aprendido, diariamente, com portugueses e brasileiros, sobre como chegamos até aqui, nossos problemas e possíveis soluções; se o presente texto for um bom pontapé para o diálogo, ficarei satisfeito. Acredito ter realizado o compromisso de uma produção esboçada em 2018 e encorpada durante a pandemia. Certamente, entre o capitalismo e o socialismo a trincheira das lutas sociais são gigantescas (assim como as enormes desigualdades entre classes sociais). Da Geopolítica à Economia, do desenvolvimento e de sua busca por sustentabilidade, um país emerge de forma diferente: a China. Debruçar-se sobre este tema (e aqui não é o espaço) me parece fulcral para a compreensão de uma saída às esquerdas. Trata-se de um substrato teórico, cultural e político pouco conhecido, mas rico em alternativas à barbárie do capitalismo.

dezembro de 2021

Apresentação - Atualização e acréscimo (um ano de turbulência)

Os fatos políticos de 2022 mais destacados e específicos de Portugal e Brasil podem ser sintetizados no desenrolar de duas contradições: 1. a total incapacidade de enfrentamento da questão econômica no sentido da promoção de um desenvolvimento sustentável (leia-se criação de emprego, indústria e pulverização de serviços); 2. a desfaçatez com que os governos tratam a questão social, ora por meio de um horror e/ou humor fascista, ora pela via tecnológica da comunicação *fake News*, ora por deixar como está.

Os portugueses reelegeram, em janeiro, o primeiro-ministro em um processo de rompimento com as esquerdas que foi aprofundado na virada de 2021 para 22, ainda que com a maioria absoluta no parlamento. O país passou a conviver com um aumento da extrema direita e, ao mesmo tempo, com um esgotamento de um tipo de governança política que oculta as contradições das classes médias. O socialismo português, já muito distante dos preceitos da Revolução dos Cravos, de abril de 1974 ainda responde pelo aprofundamento da crise econômica e a reverberação

⁹ . Ver THERBORN, Göran. **Do marxismo ao pós-marxismo?**. Boitempo Editorial, 2015.

disso em toda a Europa.

O caso brasileiro, mais grave, foi aprofundado pela ausência de projeto e de perspectiva. Em um ano eleitoral, a polarização direita/esquerda repetiu o quadro de 2018, com repercussões odientas nas redes sociais, manobras de todo tipo e, principalmente, a malandragem como arma da política e sua utilização perversa em convergência com a ignorância e o dissabor da população em geral. Os resultados eleitorais indicaram igualmente, um aumento da extrema direita e uma pulverização direitista baseada em ignorância popular somada à oportunismo. O sistema financeiro soube aproveitar o momento para alargar seu domínio sobre os mais pobres. Isso poderia ser uma pauta restrita ao Brasil, porém, acabou-se verificando, no mundo todo, uma crescente miséria, acompanhada de miopia financista, isto é, de uma visão curta dos planos macro e microeconômicos.

As classes médias foram afetadas por tais disparates, tendo em vista, inclusive, seu potencial de consumo, pois a recessão tem ocupado o destaque dos noticiários. Para além da falência dos modelos reformistas, destacadamente o socialista e o trabalhista, a prática política dos grupos reforçou a ideia da repetição das mesmas políticas que não lograram êxito durante as últimas duas décadas: a repartição consumista e a excessiva flexibilidade aos grandes capitais. A sensação geral de 2022 foi sair às ruas e colher os cacos da devastação de três anos de pandemia, seguidos pela mesmice do poder político e econômico do capitalismo. Nesse sentido, as esperanças terão que ser renovadas para que novos caminhos sejam descobertos. Para as propostas na área do esporte, especialmente, aquelas de caráter educacional, mais do que apontar saídas práticas em termos de gestão e pedagogia, torna-se urgente repensar as estratégias em torno da formação e qualificação de professores e treinadores. Este tema específico esbarra nas franjas políticas que envolvem o esporte (financiamento, gestão, promoção, esperança) e as expectativas das classes médias, muitas tendentes ao conservadorismo de direita, reinantes na sociedade atual.

O autor

outubro de 2022

Introdução

A chegada dos anos 1990 deixou evidente a voracidade do capital diante do refluxo dos trabalhadores.¹⁰ O interesse em privatizações, enxugamento do Estado, austeridade fiscal, valorização tecnológica para poucos e, desvalorização educacional para muitos, fez aumentar, ano a ano, a desigualdade social e o desemprego estrutural. Soma-se a isso, fatores como recessão, inflação e excessiva valorização imobiliária, na verdade, um conjunto econômico explosivo que teve seu ápice na crise de 2008 e, recentemente, em 2020/1 na pandemia. Tal cena, longe de ser hipotética ou uma fantasia da esquerda, mostrou também, que a questão do desenvolvimento é perturbadora e ameaçadora, do ponto de vista ecológico. Será mais devastadora na medida em que a realização material não puder ser completada - aquisição e satisfação de bens de consumo ou mesmo, na medida em que a penetração das crises “amassar” ainda mais os indivíduos do ponto de vista psicológico. A encruzilhada está posta: o desenvolvimento, como estratégia, é a única via que pode combater a concepção neoliberal/neoconservadora, mais interessada em financeirizar as moedas/crypto-moedas do que desenvolver/investir em gente. Entretanto, o desenvolvimento por si só, já não atende aos anseios bioecológicos e de sustentação do planeta. Ainda que se possa observar um caráter continuísta, de concertação social (as negociações estão paralisadas e precisam ser oxigenadas; a burocratização das formas políticas e econômicas precisam igualmente passar por um filtro de oxigênio e limpeza) o desenvolvimento, em formato produtivo e sustentável pode ser superior àquele mais destrutivo ou que foge para paraísos fiscais/offshores.¹¹

¹⁰ .“O declínio da densidade da filiação nos partidos políticos nas diferentes democracias europeias é, hoje em dia, um facto inegável. Os diferentes estudos mostraram isso mesmo (...) Apesar de a Lei Fundamental portuguesa oferecer aos partidos políticos a organização e a expressão da vontade popular, Portugal não é exceção neste cenário e segue a tendência de declínio nos seus números de filiados nas organizações partidárias. Ver: FAZENDEIRO, Júlio. O declínio da filiação partidária em Portugal: respostas e estratégias das lideranças. In: ESPÍRITO SANTO, Marco Lisi Paula do (org) **Militantes e ativismo nos partidos políticos**. Portugal em perspetiva comparada. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2017.

¹¹ . As crypto-moedas ou ativos-crypto, é uma moeda privada, como, por exemplo, o bitcoin. Sua concepção tem uma perspectiva anarco-liberal e, além de ser difícil a taxação de imposto, pode associar-se com a lavagem de dinheiro (crime econômico) Ver: MORTÁGUA, Mariana. Entrevista à

Para as famílias de classes médias (tanto para quem chegou nestas classes como para quem já pertencia a elas) o espaço da vida social e profissional está reaberto à outros tipos de desenvolvimento e, assim, impactos e identidades são (re)criados em diversos setores da sociedade, entre eles, o esporte e suas ferramentas criativas e pedagógicas. Em algumas situações, as mudanças dramáticas obrigam a reajustar relações pessoais e sociais, mas, com a continuidade necessária do(s) sentido(s) da família como porto seguro de partida e retorno dos jovens à casa dos pais, ainda permeia o sonho da construção familiar com ampliação de direitos e busca pela paz.

A correnteza avassaladora da tecnologia abre passagem para a (re)criação de valor, aumenta as vendas de várias mercadorias, assim como a oxigenação de produtos com nova roupagem. Vivemos em uma era de incertezas e de crises. As opções de desenvolvimento produtivo para os empresários e o Estado, dadas a legislação, burocracia e engessamento são poucas, o que alimenta o apetite por produzir em outros lugares antes não ocupados, isto é, as áreas virgens e o fenômeno da deslocalização para se reinventar. Tais processos impactam as famílias, principalmente na obtenção de recursos (salário e renda) para a reprodução social e na contenção destes recursos para utilização imediata.

As novas formas de recriar a mercadoria tornando-a atrativa é, portanto, uma nova potência de desenvolvimento, impulsionada pela *invasão de esferas virgens*, antes não ocupadas pelas forças do capital. Isso significa novos espaços e ambientes não utilizados e/ou processos de reforma e reutilização.

O ciclo marxiano informa o percurso e explica esta teoria: A partir da matéria e do trabalho humano (vivo e/ou morto) o produto torna-se mercadoria e, apresenta-se sob uma forma fetichista e fantasmagórica. Para a atualidade esta nova forma é a própria preparação e apresentação do suposto novo produto/serviço, empacotado na aparência do fenômeno de atração. O processo de valorização, é, portanto, aquele no qual os capitais, por meio do progresso técnico empregado, geram valor, sendo que este valor inicial se valoriza em aumento exponencial, pela exploração

Esquerdanet no Youtube, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OL6lhrsIDW4> acesso a 22/12/2021.

do trabalho e, posteriormente, multiplicação e descontrolo de capitais - lucros e mais-valia. Se a mercadoria é a forma de riqueza do capitalismo, uma forma que combina *coisa produzida* e relação social ou, em outros termos, um valor de uso e um valor de troca, seu carácter enfeitado apoia-se, de um lado, na objetivação do homem, em seu trabalho concreto e, de outro, nas necessidades e desejos deste homem, a partir do trabalho abstrato, dos valores de troca e das ramificações deste trabalho no tecido social. Tais bases, em linhas gerais, permitem a compreensão do metabolismo do capital e sugerem a verificação dos impactos atuais das novas formas de mercadorias em diferentes *espectros/esferas de invasão ou áreas virgens* a serem penetradas pelo capital. O capital busca, portanto, novas esferas e o faz com a voracidade de um leão, pois as velhas bases de atuação estavam saturadas no que diz respeito à realização do lucro, à objetivação do processo de valorização. Isso possibilita desenvolvimento ao setor competitivo, a novidade do produto, a melhor qualidade e o menor custo. Desejos e necessidades são (re)criados e a capacidade de produção e circulação de mercadorias, revigoradas. Combate-se a crise de estagnação do ciclo anterior de desenvolvimento por meio do empacotamento de produtos, serviços e sonhos com novas roupagens. Resta, finalmente, responder à questão: porque o capital, de tempos em tempos, busca renovar-se? A resposta envolve concorrência, queda ou realocação de lucros e mais valia, descontrolo do trabalho e substituição de necessidades. (Fernandez Enguita, 1993, p. 262)

Os capitalistas não concorrem pelo prazer de ver quem produz uma mercadoria em menos tempo ou mais barata, mas para apropriar-se de uma parte maior de uma dada massa de mais valia ou de dado lucro, portanto, a concorrência não só consiste em produzir mais uma mesma mercadoria, como também, substituir uma mercadoria por outra na satisfação de uma mesma necessidade ou inclusive de substituir uma velha necessidade por uma nova e diferente. (op cit, p. 277)

No setor esportivo, por exemplo, não só o tênis-última moda, a roupa ou o material esportivo são os responsáveis pela (re)criação de necessidades/desejos dos consumidores. Há inúmeros atalhos que revalorizam os capitais: a disseminação de alimentos em pó, os energéticos e o fracionamento de vitaminas; os novos equipamentos para o fitness, as novas marcas e miudezas visuais para a

estética facial e de calçados. Há também, os esportes radicais e de aventura, como o skate, por exemplo, uma nova febre juvenil.¹²

A histórica concentração de recursos nas contas de rentistas acompanha a qualidade duvidosa da política em geral e da política estratégica para o esporte, afinal, o por que, ainda pouco mudou, é, em primeiro lugar, relativo à escassez de recursos combinada à uma pobre distribuição e gestão do dinheiro entre as classes. Nesse sentido, o desejo das famílias de classes médias, em incluir crianças e jovens, constitui parte da nova agenda mundial, na qual o espaço da política tem sido reduzido. Em outras palavras, cabe às classes médias, detentoras de capital simbólico, investir e lutar por melhores formas de educação às crianças e jovens, já que o Estado está dedicado prioritariamente às classes populares. Alguns dos seguintes itens ajudam a explicar este reordenamento: manutenção e fortalecimento da burocracia, (Sadi, 2017) política assistemática, (Mazzei et. al, 2014) disparidade de gastos (Bastidas; Bastos, 2011) e excessivo investimento na área do esporte de alto rendimento, em detrimento das áreas de esporte educacional e de lazer (Silva; Borges; Amaral, 2015).

O chamado Estado mínimo poderia ser perfeitamente esclarecedor se a ideia de mínimo fosse ampliada à ideia de básico - qualidade socialmente referenciada. Mas não é disso que se trata e, provavelmente, isso seria impossível em função da *centrifugalidade do metabolismo social do capital* - a expressão é de Mézsáros (2015). O fosso entre público e privado foi aumentado a partir do desastre neoliberal e, contra isso, as esquerdas tiveram dificuldade em trazer verdades e criatividade.

A formação educacional e esportiva de crianças e jovens depende, em larga medida, do tripé família, escola e ambiente social, no qual os interesses e práticas das classes sociais tendem a pesar. As modalidades esportivas e sua cultura paralela, contribuem para um olhar classista, normalmente carregado de ideologia.

¹². Exemplos: *Rattling* – descida de bote pelos rios; *Canyoning* – descida em rapel pelo meio de uma corredeira, *Hikking* – caminhada pelo leito ou margens dos rios e riachos; *Boiacross* ou *Aquaraid* – bóias que descem o rio pelas corredeiras; além destes, há outros mais conhecidos (Jet Ski, Canoagem, Pára-glíder, Pára-quedismo, Ski-aquático, balonismo, escaladas, trilhas-bike, enduro a pé – trekking, enduro equestre, rapel e pesca esportiva. Todas estas *radicalidades* das práticas esportivas personalizadas exigem a produção de novos desejos/necessidades/mercadorias em processo constante de fluxo de capitais. Ver: ALMEIDA, Renan. Os bastidores da regulamentação do profissional de educação física. **Vitória: UFES, Centro de Educação Física, 2002.**

Grosso modo, somos forçados a enxergar modalidades como o Hóquei no gelo, a Patinação artística, o Tênis, a Esgrima, o Pólo Aquático e o Golfe, como esportes para ricos. Já o Remo, a Natação, o Rugby, as lutas, o Futebol, o Futsal, o Voleibol, o Basquetebol, o Surfe e o Badminton, por exemplo, são esportes das classes médias e classes populares. Alguns destes, até considerados mais populares que outros devido à sua exposição na mídia. Embora as divisões e fragmentações possam evidenciar preconceitos, há uma lógica que envolve o custo geral de cada modalidade, pertinente à discussão que segue.

A formação educacional e esportiva de crianças e jovens, para além do economicismo, depende, também, de saberes e conhecimentos anteriores - tanto a família, quanto a inserção em coletivos sociais e a formação de professores/treinadores que tenham como eixo educativo, o jogo, são parâmetros essenciais, para que o discurso acadêmico seja mais ancorado na prática profissional. (Gallatti, 2017; Scaglia et.al, 2013, Sadi; Costa; Sacco, 2008) Dentro das expectativas de formação, as famílias estão hoje, condicionadas, pelos recursos econômicos que são realizados diretamente (iniciativa privada) e/ou por meio de ações e parcerias de apoio dos governos. Reside, nesse espectro, a questão de classe social e o binômio pertencimento/engajamento. As *classes médias* são acumuladoras de capital cultural e possuidoras de bens relativamente compatíveis com os ambientes de clubes esportivos e modalidades coletivas encontrados na sociedade portuguesa e brasileira. O conceito de classes médias e seus recortes em estratos envolve, portanto, um esforço teórico e empírico de organização de dados, classificação e problematização. (Souza, 2018; Nogueira, 1995)

Em segundo lugar, a formação educacional e esportiva de crianças e jovens necessita olhar a escola como ambiente integrado à formação no clube. Isso significa dedicar esforços em uma compreensão dialética da formação básica em conjunto com a formação especializada. Por último, mas não menos importante, a formação de crianças e jovens passa pelo túnel das relações sociais, das redes sociais, engajamentos e encontros, nos quais há intensa troca de aspirações, inclusive dentro e entre as classes sociais.

Para discutir o conceito de classes médias (e engendrar o caldo sócio-cultural da família e do esporte) nos servimos da tradição marxista de classe social - movimento histórico e conjuntura, entendendo o processo de luta de classes e as limitações/confusões desta tradição. O sentido de atualização do marxismo no campo econômico e social se faz necessário diante das inúmeras transformações do século XX e início do XXI. Tal atualização não é negacionista dos fundamentos, tampouco, da lógica interna do pensamento marxiano. Os determinantes e oportunidades sociais não devem ser vistos, portanto, como estruturas impermeáveis, mas como formas flexíveis de acomodação diante das múltiplas mudanças no cenário capitalista. Elegemos aqui, como um dos pontos de partida, a questão da propriedade privada, suas derivações e consequências, diante da história da luta de classes. A própria existência de classes antagônicas revela a disputa por hegemonia, poder e emancipação. Neste quadro, doloroso e, por vezes, sangrento, evolução e revolução combinam-se; proletários, comunistas e outros segmentos de trabalhadores entregaram (e entregam) sua luta, sua vida. Marx cita o pequeno industrial, o pequeno comerciante, o artesão e o camponês como pertencentes a camadas médias. Tais grupos combatem a burguesia, mas o fazem para manter os seus privilégios, não para revolucionar, mas para conservar. Não é uma regra, mas uma tendência. Subjacente às artimanhas das classes médias em manter-se ou lutar para aceder à burguesia, a propriedade privada é o elemento sensível de tal engrenagem. Por propriedade privada, devemos compreender a terra, as edificações, as heranças, as fábricas, as máquinas e todo o conjunto de poder ter (ou poder acumular) para si e família, a partir disso. Duas passagens marxianas ilustram um significado mais preciso que queremos imputar à propriedade. A primeira, referente à posse, ao ter como objeto de consumo e poder.

a propriedade privada fez-nos tão cretinos e unilaterais que um objeto só é o *nosso* (objeto) se o tivermos (...) se existir para nós como capital ou se for imediatamente possuído, comido, bebido, trazido no corpo, habitado por nós, etc., em resumo, usado (...) O lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do ter” (Marx, 2015a, p. 108)

Nesta passagem, Marx adverte que o sentido do ter, emerge da propriedade privada, como, por exemplo, a terra (não importa se produtiva ou improdutiva), isto é, os bens imóveis desdobram-se para os sentimentos humanos do tipo *tenho isso, isso é meu, posso comprar isso para mim*. José Paulo Netto lembra que nas obras *Cadernos de Paris* e *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, a pressuposição fundamental de Marx para a propriedade privada reside na produção para ter, a produção para uma posse, um consumo egoísta, porém, na idealidade da superação da propriedade privada, todas estas energias cederiam lugar para o gozo ou satisfação consciente da produção humana.

O sentido do ter pode ser explicado na relação da propriedade privada com o trabalho e o capital. capital e trabalho são, primeiramente, unidos e, depois separados. Neste ponto ocorre a alienação que, entre outros significados é um apego à coisa produzida (“isto é, meu” = posse/ter). O trabalhador vê o capitalista como a sua não existência e o capitalista visa arrancar a existência do trabalhador, sugando-lhe trabalho. Entretanto, há uma contraposição de cada um (capital e trabalho) contra si mesmo. Sendo o capital = trabalho acumulado e o trabalho = a possibilidade do acúmulo de capital, ambos dependem do ter. Ao ser desdobrado para o conjunto das relações sociais, o sentido do ter fortalece o capital e fragiliza o trabalho. Sutilmente, o trabalhador é desapossado do seu objeto (coisa produzida) por meio da entrega, em maior volume de recursos (dinheiro) para o bolso do capitalista.

O segundo trecho é uma crítica radical de Marx pois, como programática, defende a supressão desta condição. É uma passagem do *Manifesto Comunista*:

Horrorizai-vos porque queremos suprimir a propriedade privada. Mas na sociedade atual, a vossa, a propriedade privada está suprimida por nove décimos de seus membros; ela existe precisamente pelo fato de não existir para nove décimos. Censuramos, portanto, porque queremos suprimir uma propriedade que pressupõe, como sua condição necessária, que a imensa maioria da sociedade não possua propriedade. (Marx, 2015b, p. 84)

Imbuído do sangue revolucionário de sua época, Marx expressa sua indignação quanto ao fato das pessoas não entenderem, suficientemente, a loucura da propriedade privada. Fica nítido que os não proprietários, constituintes da

maioria da sociedade, não são apenas os proletários, mas uma massa de homens, ainda alienados. O Manifesto Comunista atrai até hoje, milhares de jovens de todas as classes. No que se refere às classes médias, os jovens são, basicamente, estudantes, que formam uma ideologia à esquerda, opondo-se às determinações do capitalismo. Pode-se fazer a crítica de que são jovens que buscam ascender à classe social mais elevada que a sua, que detém dentro de si, promessa utópicas, que o discurso a favor dos pobres e oprimidos é um discurso conveniente e a favor de si próprio, isto é, um discurso de vitimização. Nesta discussão é preciso separar o Manifesto Comunista em duas partes: a parte teórica e a política. De um lado, compreender o que se passava com o jovem Marx e suas incursões teórico-metodológicas por ocasião de sua fervura revolucionária, de outro, as próprias trilhas do movimento internacional comunista. Ao realizar a junção teórico-política conclui-se por uma outra narrativa: a da necessidade de uma ideologia radicalmente diferente que possa ser amplamente divulgada não apenas entre estudantes, mas a toda a população dominada pelo capital. O dissecar da lógica burguesa do Marx da maturidade permite desenhar um quadro mais amplo; mesmo assim, já na juventude, os textos indicam um amplo conhecimento sociológico, antropológico, filosófico, político e com concepção de totalidade social. O sujeito revolucionário, em Marx, é a classe trabalhadora e/ou o proletariado como classe. Estão inseridos, portanto, nesta classe, o que podemos classificar como os jovens de classes populares e médias.

Em 2013, por exemplo, uma massa de jovens rebelou-se contra o aumento de tarifas do transporte público brasileiro movimento social conhecido como Manifestações de 2013. A questão da mobilidade urbana foi o estopim para a reivindicação de melhorias em vários setores. Na verdade, acumulou-se pontos de caos, respectivamente ao crescimento das cidades. O transporte individual e basicamente rodoviário foi fortemente reforçado e incentivado em detrimento do transporte público. A precariedade, portanto, resultou no entupimento das ruas e avenidas em horários sensíveis: pela manhã e ao final da tarde, exatamente os horários em que elevadas doses de ansiedade são destiladas, a partir das frágeis relações de trabalho.

Ao defender a ideia de um *preariado no Sul Global* (trabalho e trabalhadores) Braga (2017) recupera o conceito de *semiperiferia* do sistema. Neste enquadramento, Portugal e Brasil teriam misturado consciências ideológicas de direita, como as pertencentes ao Partido Social Democrata (PSD) português e o Movimento Brasil Livre (MBL) brasileiro. Talvez, por cautela, o autor tenha preferido não mostrar a proeminência de uma nova classe média, em função da polémica de tal tese. O fato é que as Manifestações de 2013 foram percebidas pelos jovens de classes médias com a tendência de ideologia de direita e, em resposta, saíram às ruas, nas Manifestações de 2014, estas nitidamente, de cunho político. Assim, após o golpe parlamentar de 2016 que conduziu ao impeachment da presidente Dilma Rousseff, o sentido da aliança entre a direita e a extrema direita abriu espaço para a consolidação de uma forma política antes não vista: a degradação da própria política como linguagem, ou seja, um sentido mais agressivo e truculento de fazer política.

Tais heranças ou legados do golpe (e do impeachment) nos faz voltar a Marx para limpar diferenças econômicas entre as classes e situar, de um lado, a raiz do trabalho, de outro, a oferta de crédito. Esta é a base objetiva da discussão teórica, na qual repousam subjetividades como as mencionadas anteriormente, a ideologia e as movimentações políticas, nas quais amplas camadas da juventude são inseridas. No que diz respeito aos fundamentos objetivos, destacamos três argumentos: a farta produção material hoje existente; a edificação do trabalho individual, cheio de sentidos e significados, como portador de mudança do eixo das fragmentações para o eixo das realizações; a posição de classe diante das intensas revoluções tecnológicas. Ao limpar diferenças econômicas entre as classes, sobra o tempo de trabalho e a expressão sensível do valor de uso que, em qualquer que seja a classe, deveria este tempo ser livremente destinado ao indivíduo, à sua opção de consumo, às suas necessidades e desejos, imediatos ou não.

O tempo de trabalho é a substância vital do trabalho, indiferente à sua forma, conteúdo, individualidade; é sua expressão viva, quantitativa, ao mesmo tempo que sua medida imanente. O tempo de trabalho realizado nos valores de uso das mercadorias é, não somente a substância que faz delas valores de troca e, por conseguinte, mercadorias, mas é também, a medida de seu valor determinado. As quantidades relativas dos diferentes valores de

uso, nas quais se realiza idêntico tempo de trabalho, são equivalentes, ou, dito de outro modo: todos os valores de uso são equivalentes nas proporções em que contém o mesmo tempo de trabalho concreto, realizado. (Netto, 2020, p. 345)

O tempo de trabalho não pertence apenas ao trabalhador; é resultado socializado como valor de troca e, portanto, havendo geração de fatura é perfeitamente possível a diminuição da jornada de trabalho. Na contramão desta equação, o tempo confinado pertence ao trabalhador e, o que ele gera destina-se unicamente para ele (e sua família) sendo que a não formação de estoque nem a fatura desembocará em crise. O resultado final disto é o aumento da jornada de trabalho.

A questão do crédito pode ser resumida na ampliação/expansão da produção, das empresas e do sistema bancário e de ações, fazendo com que o capital adquira a forma de capital social sob controle privado. Retira-se a distribuição do capital das mãos dos capitalistas particulares e, ao mesmo tempo, o banco e o crédito impulsionam a produção capitalista. O crédito alavanca, portanto, os modos de produção (capitalista e do trabalho associado) em conexão com grandes revoluções orgânicas do próprio modo de produção (Netto, 2020, p. 384).

O crédito e sua transitória inviabilidade para as classes médias, devido aos juros, prazos, controle e expectativas das políticas praticadas, deve ser desafogado para abrir as potencialidades humanas do trabalho concreto e, com isso, abrir as tampas da cultura e das produções não materiais. Consideramo-lo inviável, embora inevitável seja a participação no consumo, em forma de parcelamentos, juros e promessas que o crédito impõe. Como se sabe, o crédito é atrelado à moeda, um terreno de disputa ideológica com desdobramentos, tensões, cautelas, apostas, medo e emoções da (in)segurança dos mercados financeiros. A teoria econômica consolidou a divisão entre ortodoxia e heterodoxia. Do lado da heterodoxia econômica a moeda-crédito assume as seguintes premissas: 1. É facilitadora de transações, porém com interferências na estabilidade, no investimento, no emprego e na procura; 2. É uma relação de dívida ou promessa de pagamento futuro não indexado às reservas do banco central; 3. É endógena ao funcionamento da

economia. Neste último ponto, há diferentes graus de endogeneidade, como, por exemplo, as teorias monetárias de crédito, que admitem que os bancos podem criar dinheiro, com o controle do banco central. Grupos de pensamento são assim divididos: os *horizontalistas*, que acreditam que os bancos deveriam ter uma autonomia mais alargada em relação ao banco central; os *estruturalistas*, que encontram-se a meio caminho e que preferem um processo mais pautado por liquidez. Não concordam com os *horizontalistas*, rejeitam a proposta de super-endogeneidade. Na ponta extrema, o *neocartalismo*, mantém que a moeda é uma criatura do Estado. (Louça & Mortágua, 2021)

Dentro das classes médias, visualizamos dois caminhos interdependentes: de um lado, as vontades e os interesses em participar destes mercados; de outro, as vontades e os interesses em ajustar as contas domésticas e profissionais, no sentido de projetar (e proteger) a educação dos filhos e a própria segurança econômica no futuro. Os dois caminhos revelam, para os grandes investidores, o potencial de financiamento dos setores médios da população. Tais vontades e interesses são, na verdade, uma avalanche mercadológica que, diariamente, cria mecanismos de busca por parte das empresas, nos contatos com seus clientes, na captura de novos clientes, via redes sociais.¹³

Historicamente situada, as classes médias modificam-se, mas conservam essências que as fez termômetro das lutas de classes. No breve século XX, houve uma nítida expansão das classes médias (especialmente no pós-guerra) em direção à uma sociedade salarial com grandes clivagens internas. Os seguintes fatores podem ser arrolados: organização científica do trabalho; gestão da produção (fordista); especialização de funções; ampliação da rede de proteção social; complexificação organizacional; emergência de indústrias criativas. Além disso, a questão do financiamento das moradias e um crescente comprometimento nos orçamentos domésticos (Lopes; Louça; Ferro, 2018).

Relativamente aos determinantes e possibilidades de escolha na aquisição de produtos ou serviços, a arena socioeconômica ou macroeconomia, no qual a família

¹³ . Ver a respeito SOUZA, Raniêdo Barreiras Barbosa; JÚNIOR, Francisco Rubens Feitosa; BRUNO, Flávio Marcelo Rodrigues. A Gestão da Marca Nas Redes Sociais. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 1, p. 11-16, 2018.

está inserida, determina em grande medida o que será o futuro das crianças oriundas desta ou daquela família. Mudanças no percurso são quase inevitáveis e, portanto, para além do tangencial, existe um processo concreto e subjetivo de intenções familiares que estão estranguladas pelos limites econômicos disponíveis, ou seja, pelo enquadramento rígido das classes sociais, ocupações e rendimentos. Hoje, certamente, há uma maior flexibilidade para sair de determinado estrato social e aceder ao de cima.

O ensino, a aprendizagem e a vivência de esportes proporcionam, portanto, obstáculos, exigências e desafios para valorizar e ressignificar os ambientes e, dessa forma, a pedagogia como elo entre a educação formal e o esporte se torna uma ferramenta humana enriquecedora, um capital cultural particular e excitante.

A criança e o jovem convivem com o sabor, a mágica, o sonho, o prazer e a frustração dentro de grupos específicos situados em seus ambientes mais próximos, sendo o ambiente esportivo, desafiador quando se trata de um novo conhecimento ou habilidade a ser dominada. Saem para o mundo à busca de formas entre brincadeira, o jogo e o pacote desafio/prazer, novos amigos e novas oportunidades (Hirama; Joaquim; Montagner, 2011; Rezer, 2010). Este vasto ambiente fora do currículo escolar pode ser promovido de forma positiva, como parte integrante de uma formação integral e que, também devem ser observados quanto às agendas e aspectos motivadores (Rosado; Ferreira, 2011).

As raízes de uma reprodução/transformação, condicionadas às influências das classes médias, se farão sentir na medida do desenvolvimento do sportista-atleta, incluindo sua história de vida pela ótica dos pais/responsáveis. Nesta engrenagem, boa parte dos discursos e das práticas espontâneos do esporte serão substituídos pelo furor da competitividade. O sentido do ter (posse) continuará a ser reproduzido.

Na sequência, pontuamos os pressupostos e as características de cada modelo/método, utilizados direta e indiretamente pelos treinadores. A ideia é apresentar as nuances metodológicas a partir das diferentes formas de ensinar e treinar o esporte. Pulveriza-se, como senso comum (e, às vezes, como senso comum acadêmico) os sentidos lúdicos e livres do esporte para as classes

populares e aqueles considerados mais sofisticados (como, por exemplo, o conhecimento teórico e cultural) para as classes médias e a burguesia. No pensamento de professores e treinadores, talvez subjetivamente, tal tema, apresenta-se como forma de esquivar-se do tradicionalismo/tecnicismo.

Quais são os pontos de intersecção possíveis entre os três modelos/métodos investigados? O Sport Education é um modelo americano de ensino esportivo de Educação Física (escola) baseado na meta de alfabetizar uma pessoa do ponto de vista esportivo, competente e entusiasta. Promove a modificação de jogos e incentiva os alunos a jogarem em grupos. Ensina por meio de jogos reduzidos aplicando papéis sociais a serem desempenhados pelos alunos (jogador, árbitro, jornalista, torcida, etc.) O planejamento das aulas prevê competições e o desenvolvimento de um evento final.¹⁴ O TGfU é um modelo inglês de ensino esportivo da Educação Física (escola e clube); concebe o esporte coletivo em categorias de jogos, sendo o aluno o centro do processo (construtivismo). Modifica jogos e cria representações e cenários em jogos considerados *exagerados*. Incorpora questões do Sport Education como os jogos reduzidos, porém, acrescenta a distinção entre jogo e tarefa, para solidificar as questões táticas e técnicas em processo de compreensão; quando relacionado à crianças e jovens, respectivamente ao ensino de táticas, desenvolve uma variação denominada Tactical Games (Sadi, 2016). Em todas as formas deste modelo, existe a necessidade de criar questionamentos (perguntas e respostas planejadas) exigindo dos alunos o pensamento sobre o jogo.¹⁵ O Game Sense é um modelo australiano de ensino esportivo da Educação Física (escola e Clube); incorpora os dois outros modelos envolvendo a questão técnica no conjunto de habilidades fundamentais de movimento que, ao longo do processo educativo, se tornarão habilidades esportivas específicas. Este modelo trabalha com o foco em objetivos e resultados esperados da aprendizagem. As questões táticas ganham relevo e são complexificadas com questões estratégicas do jogo. As questões técnicas, por sua vez, ocupam um ligeiro espaço maior que os outros modelos, tendo em vista que

¹⁴ - Para o modelo do Sport Education, ver Siedentop (2011).

¹⁵ - Para o modelo do TGfU, ver Mitchell; Oslin; Griffin (2003).

há uma dedicação maior aos conhecimentos da área de educação motora. Um esquema simples representado por jogo, questionamentos, repetição do jogo e modificação se junta com a perspectiva de formação integral, afetiva e de comportamentos.¹⁶ Um resultado prático, porém provisório e especulativo, a ser retirado destas nuances dos modelos é o fato de que todos tendem para poucos alunos/jogadores por professor/treinador, o que significa uma tendência ao ensino individualizado. Tal fotografia metodológica permite inferir que, grandes grupos, como os das aulas de EF serão prejudicados, ou seja, terão um ensino mais solto, livre, lúdico, no sentido da brincadeira, com um viés direcionado às classes populares e ao estrato mais baixo da classe média.

A falta de uma política esportiva mais acabada, que alimente as instituições, federações, clubes e escolas, assim como um *universo pantanoso* presente nos discursos de gestores, professores, treinadores, pais e responsáveis nos têm feito reféns nas investigações sobre a atual qualidade no esporte (e na prática profissional). As consequências imediatas desta falta de política são sentidas na baixa densidade de conhecimento sobre os modelos pedagógicos. O pensamento sobre a formação esportiva é difuso e beira incoerências do senso comum. Em outras palavras, aceitamos como natural e, quase sempre, sem questionamento, os processos de formação, iniciação e treino destituídos da contribuição familiar decisiva e do papel dos treinadores. A depender única e exclusivamente dos treinadores para a exposição de processos esportivos e educativos, caímos nas armadilhas discursivas do treino e da competição como responsáveis pelos diversos êxitos ou fracassos na vida, provavelmente, tais armadilhas apresentam um caráter unilateral e se tornam viciadas pelos vínculos apaixonantes que nos ligam ao esporte. Neste clima, simbólico e complexo, há, gargalos (objetivos e subjetivos), erros de planejamento, de pais e treinadores, sendo possível intuir que muitas crianças e jovens enfrentam obstáculos/impedimentos em ambientes nem sempre propícios e pouco acompanhados, o que pode conduzir ao abandono sem que saibamos os verdadeiros motivos.

¹⁶ - Para o modelo do Game Sense, ver Breed & Spittle (2020).

A generalidade da política social e/ou pública que afirma existir qualidade, sem amarrar os condicionantes, assim como a generalidade acadêmica, centrada em discussões endógenas, nos remete de volta à propriedade privada, mas desta vez, como legitimadora dos diversos capitais (dinheiro, cultural, simbolismos, etc). *A questão nodal resulta, portanto, nos rendimentos das famílias somados à transmissão e ao acoplamento de capital cultural como aposta de formação.* Sabendo que as necessidades básicas e urgentes da sobrevivência já foram, ao menos, contornadas, as classes médias se lançam (e são lançadas) à conquista de novos aportes culturais. A legitimidade desta luta interna ocorre em função da degradação das condições da existência das próprias classes médias.

No Capítulo 1, destacamos o enquadramento econômico das classes para situar, em perspectiva, o horizonte das intenções das famílias e seus limites. O esporte, como elemento agregador, apresenta um elevado potencial que se soma a outros sentidos e significados culturais. Todavia, é sempre bom reforçar que as estruturas do capital e suas ramificações objetivo-subjetivas, concreto-simbólicas em formas de fetiche ou reificação são traços de fundamentação marxiana ainda válidos para o capitalismo contemporâneo (Netto, 1981). Tais ramificações serão mais ou menos tóxicas, a depender dos arranjos internos das famílias. Temos, portanto, *quatro avenidas paralelas*, a primeira de orientação política, com adjacências histórico-filosóficas, a segunda, de caráter ideológico-sociológico, relativa à família, a terceira, com considerações de mudanças ocorridas nas últimas quatro décadas e a quarta com apontamentos focados no esporte, discussão que visa criar curvas de compreensão interligadas às três outras avenidas.

Uma das ferramentas metodológicas, em nossa concepção e descrição textual, as grades de pensamento livre, serão cotejadas com o conteúdo destes arranjos citados.¹⁷

¹⁷ . Este percurso metodológico permite a identificação de um livre trânsito de pensamento. Nas palavras de Arendt (2018) *pensar sem corrimão* significa que perdemos o apoio do corrimão para subir ou descer escadas, ou seja, que estamos *sem chão* para dar sentido aos pensamentos, à política, às circunstâncias. ARENDT, Hannah. **Pensar sem corrimão**. Editora Relógio D'Água, 2018.

Capítulo 1 - Estrutura e funcionamento das classes médias, seus sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas

1.1 - Primeira avenida: História, filosofia, sociologia

A combinação de valor de uso e valor de troca foi utilizada por Marx para decifrar a lógica de acumulação e desnudar o sistema metabólico do capital. De fato, qualquer coisa tem um valor de uso, cuja durabilidade depende da matéria prima. No valor de troca estão contidas as engrenagens que alavancam lucros e mais-valia, ou seja, se cada coisa (produto) possui um pequeno valor a mais, o conjunto da produção terá um valor agregado. Não se trata apenas da relação oferta-demanda como os economistas afirmam, mas de uma produção voltada para o processo de valorização, leia-se, criação de valor. Neste processo, o valor do trabalho também tem destaque: está subordinado à lógica de acumulação e, inevitavelmente, decai enquanto, a jornada de trabalho aumenta. Esta engrenagem auxiliar, possui dois eixos: a mais-valia relativa e a mais-valia absoluta, a primeira um tipo de filtro que suga o valor pelo produto, isto é, pelo aumento da produtividade (melhoria da tecnologia), a segunda, pela extração do aumento de horas do trabalho. Como indicado por Marx, somos produtores, consumidores, construtores de coisas e ideias. Nossa relação com os outros assume um imenso sentido quando trocamos produtos, porém no mercado de trocas, antes de sermos pessoas, somos donos de mercadorias ou simplesmente, coisas. Somos, portanto, valores de troca. (Arendt, 2010)

Na apresentação à sociedade ou mesmo, no interior das relações sociais, o ser social reveste-se de negociante e apresenta seu produto ao patrão, seja o Estado ou o empresariado. A força de trabalho, também considerada mercadoria, tem um valor exato, compra, para a sobrevivência, o quanto este valor conseguir comprar, no mercado de produtos ou serviços ou mesmo indiretamente, via retribuição pelo pagamento de impostos ao Estado. A força de trabalho promete pagamento à vista ou parcelado. Está subjugada às vontades dos capitalistas que forçam as leis e orientam os valores a serem arrecadados. Estratificada, a sociedade fragmenta opções e promove promoções (para que se possa comprar

sempre) e, portanto, pedaços de classe social são igualmente fragmentados. Nestas opções, as classes médias vivenciam suas experiências de trocas, suas semelhanças e diferenças de poder; reforçam o sentido do ter (posse).

No entanto, é preciso adentrar no conceito de classe e perceber seus desdobramentos, complexidades e ajustes para definir como o atual debate das classes médias, pode fazer sentido. A classe como adjetivo (relações de classe; estrutura de classes) implica pensá-la no interior do sistema capitalista. Embora não tenha mais o peso tradicional do antagonismo da luta de classes (burguesia x proletariado) e, com isso, no século XX, por exemplo, as inúmeras flexibilidades conceituais reprocessadas, permanece inalterada as bases do sistema capitalista de produção, ou seja, o capitalismo não deixou de ser exploração capitalista. Em outras palavras, alguém ordena, alguém obedece.

Nesse sentido, a complexidade como ferramenta metodológica para decifrar nuances na análise de classe é composta por cinco fontes: 1. A complexidade de situações dentro das próprias relações; 2. A complexidade das pessoas e a ocupação de múltiplas posições de classe; 3. A complexidade das carreiras versus posição; 4. Camadas ou estratos dentro das relações; 5. Famílias e relações de classe. Direitos, poderes e contradições orientam a estrutura de classes e estabelecem parâmetros dinâmicos de mudança. Isso só é possível por meio de outros cinco fatores, mais subjetivos: 1. Interesses de classe; 2. Consciência de classe; 3. Práticas de classe; 4. Formações de classe; 5. Luta de classes. (Wright, 2015) Para a formação de crianças e jovens, tal análise permite perceber como o conhecimento é apropriado pelo indivíduo. Paralelamente à tal forma de apropriação, as mudanças no mundo do trabalho (principalmente sua crescente velocidade tecnológica) são conduzidas por novas amálgamas de nicho e classe. O conjunto de complexidades funciona como o fluxo sanguíneo em artérias, veias e capilares. Dominados por interesses materiais, os indivíduos alocam-se (e são alocados) em classes sociais. Passam a exercer funções de liderança, trabalho, reprodução, alienação.

Qualquer desenho, gráfico ou tabela que limita e divide as classes sociais apenas conforme seus rendimentos desconsidera, portanto, a questão da cultura e

as formas pelas quais as gerações apropriam-se da cultura como questões secundárias. Ainda que os traços quantitativos sejam esclarecedores e definidores dos enquadramentos das classes, não são reveladores completos do que ocorre por dentro, por exemplo, de como a cultura é temperada. Em nossa concepção, dinheiro e cultura são equivalentes e devem, portanto, serem vistos como elementos fundadores e agregadores das famílias de classes médias. Os investimentos com cultura, nesta lógica, incluem a questão da educação, do esporte e lazer pois, nas atuais circunstâncias do capitalismo, o sentido predador do indivíduo está evidenciado na sua posição de classe, no quanto recebe e como troca produtos e serviços em um mercado altamente competitivo.

Para interpretar as questões econômicas, elaboramos duas tabelas, uma para Portugal e outra para o Brasil. As classes sociais estão situadas, de acordo com os rendimentos individuais/mensais para 2022.¹⁸ Registra-se que as classes econômicas foram separadas em cinco estratos (A, B, C, D e E) com nuances diferentes de outras divisões.

| Classes Econômicas | Limite Inferior | Limite Superior | Imposto |
|--------------------|-----------------|-----------------|---------|
| E | 0 | 705 | 14% |
| D | 706 | 760 | 17% |
| C | 761 | 1500 | 22% |
| B 2 | 1501 | 2700 | 24% |
| B 1 | 2701 | 5700 | 28% |
| A | 5701 | Acima | 37% |

¹⁸ . Encontramos uma ligeira diferença no intervalo das classes C, para o Brasil e B, para Portugal. As hipóteses que explicam este quadro envolvem a estabilidade do valor do salário mínimo, a ausência de proteção social que induz às pessoas destas classes a buscar outras formas de sobrevivência (fenômenos com uberização e outras formas de iniciativa liberal) assim como os processos de endividamento que forçam famílias a ajustar seus orçamentos para baixo.

Tabela 1 - Portugal, adaptado de Portal Economias, 2022. Janeiro/2022, valores em euros

| Classes Econômicas | Limite Inferior | Limite Superior | Imposto |
|--------------------|-----------------|-----------------|---------|
| E | 0 | 2000 | 0.0% |
| D | 2001 | 3500 | 7.5% |
| C 2 | 3501 | 5000 | 15% |
| C 1 | 5001 | 7500 | 22.5% |
| B | 7501 | 25000 | 27.5% |
| A | 25001 | Acima | 27.5% |

Tabela 2 – Brasil, adaptado de Neri, 2019. Janeiro/2022, valores em reais

Inicialmente, as classes são consideradas econômicas devido à capacidade de compra que adquirem, ao longo dos tempos. Isso inclui heranças e capacidade de crescimento por mérito e, portanto, de forma flexível, os enquadramentos *limite inferior* e *limite superior* orientam o trânsito dentro de uma classe. Nas camadas B e C há uma elevada flexibilidade nos ganhos e entre os países. Isso significa que, em Portugal, há uma única camada C e dois grupos de classe B, enquanto no Brasil, há uma única classe B e duas camadas de C. Observa-se que o imposto cresce conforme o rendimento, sendo que no Brasil, as classes populares, D e E pagam, proporcionalmente menos imposto, enquanto em Portugal, os valores para estas classes são de 14% e 17% respectivamente. Para as classes B1 e A em Portugal e B e A, no Brasil, embora os percentuais sejam próximos, há uma baixa progressividade no caso brasileiro, cujo patamar máximo de imposto, situa-se nos 27.5%. No caso do imposto português, a progressividade de 28% e 37% incide nas classes mais altas. (B1 e A)

A informação da tabela é referente à ganhos individuais mensais; aproxima o pertencimento do indivíduo à classe que é permeada por outros sujeitos familiares, equivalentes aos rendimentos mencionados. Nesse sentido é comum os salários serem complementados por outras pessoas e aportes. Em famílias de classes populares e médias coexistem o recebimento de um salário do(a) chefe(a) principal e de uma segunda pessoa que também recebe salário. Pode ser salário de emprego formal ou de emprego precário, pode ainda ser salário acrescido de trabalho doméstico, neste caso, uma forma de salário indireto. Lembramos ainda que o conceito de família está relacionado à um microcosmo (ou microssistema) afetivo no qual coexistem famílias. (agregados e/ou amigos que acabam por serem membros efetivos) Com base nos intervalos de rendimentos, exemplificamos, hipoteticamente, o consumo médio de uma família, situada entre a classe B e C. Considerando que, no metabolismo do capital, o dinheiro hoje, foi convertido em fetiche extremo, o salário ou ganho familiar pode ser acrescido até 30%, ou seja, esta parte, consideramo-la como crédito corrente. Então, uma família em Portugal, receberia, aproximadamente, um pouco mais de um mil euros por cabeça, com um gasto mensal de, aproximadamente um mil e trezentos euros. No Brasil, de três a cinco mil reais, também, por cabeça, com o acréscimo, em termos de crédito, de, aproximadamente, um mil reais. As somas, portanto, indicam, no caso de uma família na qual dois adultos recebem dinheiro, dois mil e seiscentos euros para uma família portuguesa e, aproximadamente, dez mil reais para uma família brasileira. O consumo com alimentação, moradia e transporte pode chegar à mais da metade destas projeções, o que restringe as possibilidades de planejamento das classes médias, suas intenções com poupança, cultura, turismo, esporte. Em uma estrutura pouco maleável os capitalistas não gostam nem um pouco de alterar o *status-quo* das classes e clivagens, porém lançam no discurso, o oposto, a mentira da neutralidade, como se não houvesse uma sociedade classista.

Os defensores da ordem estabelecida, armados ainda com seus poderosos *geradores de névoa*, fazem tudo o que estiver a seu alcance para mistificar seu adversário histórico (...) há mais de um século eles pregam com desfaçatez que as classes estão se *fundindo* umas nas outras e que estamos todos passando à *classe média*. Entretanto – em meio ao crescimento cada vez mais evidente da desigualdade e da exploração – esquivaram-se de

modo calculado e continuam a esquivar-se da questão: *média entre o que?* (Mézsaros, 2015, p. 322)

Tecnicamente, as classes sociais lidam com a cultura de formas diferentes, mas, isso se considerarmos que há uma formação cultural no desenvolvimento da totalidade social. Não é o caso de Adorno (1995) para quem a formação cultural é deficitária, ou seja, uma *semiformação*. A crítica repousa sobre o caráter contraditório da cultura; de um lado, a defesa de princípios da então burguesia revolucionária, de outro, a pasteurização, a popularização e até mesmo, a falsificação da formação cultural que acaba por conduzir desproporções, massificações e narcisismo coletivo. Uma obra musical, por exemplo, não pode ser semi-experimentada ou semi-entendida. Ela precisaria ser digna na sua totalidade, e a contradição é exatamente esta: entre o poder e a impotência econômica, a cultura empobrece-se. O nivelamento em supostas classes médias e as tentativas de integração das massas à cultura, como, por exemplo, a pretensão da educação popular, são fracassos não ditos. Prefere-se discursar sobre a cultura por meio do status e da importância formativa ao invés de encarar a verdade: ainda estamos vinculados à semiformação. Os ideais formativos, carregados de ideologia, explodem no ar e são unidos pela semiformação.

A formação tem como condições a autonomia e a liberdade. No entanto, remete sempre à estruturas pré-colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se. Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem está já, teleologicamente, seu decair (...) Mas, o grave é que a própria existência liberada não adquire sentido; como algo que, tendo perdido o encantamento, permanece assim como prosaico entendimento negativo. (Adorno, 1995, p. 9)

Para Adorno, não é a cultura que está em jogo, mas as relações sociais petrificadas que, nem mesmo os revolucionários conseguiram inverter. Em nome da liberdade, a cultura tornou-se menos livre, mais confinada, menos socializada, mais satisfeita em si mesma, mais burguesa.

O duplo caráter da cultura, nasce do antagonismo social não conciliado, que a cultura quer resolver, mas que demanda um poder que, como simples cultura, não possui (...) E quanto menos as relações sociais, em especial as diferenças econômicas cumprem esta promessa, tanto mais energeticamente se estará proibido de

pensar no sentido e na finalidade da formação cultural. (Adorno, 1995, p. 4)

O diálogo adorniano sobre a música e a execução musical do artista revela que os extremos das classes sociais é o próprio fosso ou desigualdade, ou seja, entre a técnica refinada e perto da perfeição e a ignorância, a semiformação seria um buraco muito próximo da ausência de formação - inimidade mortal ou ignorância. Pode-se inferir, a partir desta compreensão, que toda classe média possui, à partida, ou o desejo de subir à burguesia ou se situar mais próxima das classes populares. Embora não seja uma equação mecânica, a ideia de estar na linha mediana de duas classes antagônicas faz com que outras interferências, como liberdade, formação de opinião, status, estética, gênero e raça sejam postas como moeda de troca nesta incômoda situação das classes médias. Desta forma, dinheiro e cultura são divisores de águas.

No Brasil, a questão da educação situa-se em um quadro mais amplo de análise qualitativa. Sem abandonar os determinantes históricos e econômicos da reprodução ampliada de capital e trabalho, questões culturais da formação social podem ajudar a explicar a semiformação e, portanto, o gargalo existente na incômoda posição de classe média.

O fetiche da mercadoria de Marx passa a ser reificação. No pensamento adorniano, a consciência é um sujeito diferente e, portanto, há uma pseudoindividualidade sobreposta à individualidade, ou seja, os indivíduos assumem personalidades semiformadas diante de circunstâncias que mudam a cada instante. A incômoda posição de classe média, ao assumir a semiformação, assume, na verdade, não apenas o rebaixamento da formação, mas a proximidade com a ignorância das classes populares que ela própria (classe média) quer desvencilhar-se.

À semiformação corresponde a noção de pseudoindividualidade, que aparece em diversos momentos da obra de Adorno, como um sucedâneo da individualidade (...) A formação é substituída pela semiformação. Quando a subjetividade é esvaziada por esse processo ela não permanece vazia, mas é substituída por algo imposto de fora, há então um quiproquó. Trata-se, na chave da indústria cultural, de uma construção mercantil e reificada da individualidade que se dá em diversos níveis. Usurpados da possibilidade de formar-se, os indivíduos passam a se relacionar

com a composição de sua personalidade como mercadorias que se compram no mercado. (Torre, 2019, p. 532)

A pseudoindividualidade e a semiformação são, portanto, consequências da ausência de uma identidade que pudesse fazer frente às ondas maléficas do fetichismo da mercadoria, da reificação e dos processos simbólicos confusos do capitalismo. Esta ausência de identidade está presente em várias camadas sociais e, uma das razões das classes médias em buscar distinção está justamente neste enquadramento.

Darcy Ribeiro (1995) atribui à ausência de identidade do brasileiro, a ideia de *ninguém*, discutindo sentidos antropológicos da formação social, entre eles o domínio e a subjugação racial. O conceito seria uma dupla negação sofrida pelos brasilíndios (e afro brasileiros), ou seja, seriam negados pelos pais portugueses que os viam como raça inferior e, ao mesmo tempo, sentiam-se negados pelas mães índias, vistas apenas como reprodutoras. Esse tipo de ausência de identidade, ou *ninguém*, fruto de processos de *desindianização* irá criar o mestiço. Posteriormente, o brasileiro rompe com suas raízes e assume uma dupla consciência (no afã de ser alguém) = identidade dominador/dominado e a emergência da categoria *neoninguém*.¹⁹ Em um sentido verticalizado da história, o que é nítido neste pensador, é o sangue das lutas de mestiços, índios e negros, um sangue transformado em luvro às classes empresariais.

Para Souza (2018) a questão da moralidade, desdobrada em características ou sentimentos morais, como culpa, raiva, inveja, constituem complementos de formação nas famílias de classes médias, inculcadas desde a infância, com pitadas de uma supremacia racial e econômica. Juntamente com a questão moral, a dimensão subjetiva/invisível do processo de formação e a dimensão factual do pertencimento/engajamento faz com que ocorra um compartilhamento de saberes e conhecimentos, dentro de uma mesma classe (amizades, casamentos, negócios, tudo facilitado pelo mesmo estilo de vida). O autor pinça determinantes históricos e os soma à ideia do capital cultural reproduzido na burguesia e na classe média alta.

¹⁹ . Ver DA COSTA, Pedro Henrique Antunes; MENDES, Kíssila Teixeira. A eterna fuga da ninguendade: ofensiva do capital, identidade brasileira e produção de neoninguéns. **Revista Psicologia Política**, v. 20, n. 49, p. 476-489, 2020.

No Brasil, a instituição que influenciou todas as outras foi a escravidão. Como sistema econômico e social, o escravismo jamais existiu em Portugal. A escravidão, portanto, é brasileiríssima. É nossa verdadeira herança (...) A defesa do capital cultural prestigioso, complementa-se aqui, com o nível de renda que permite investimentos de alto retorno na educação e nas relações pessoais. Vínculos invisíveis, posto que, afetivos e aparentemente desinteressados, o que aumenta de modo exponencial, sua eficácia. (Souza, 2018, p. 74-130)

No universo educacional da escola e do clube, no interior de famílias e seus laços tradicionais e de cultura, no feixe de luz que a contemporaneidade ainda nos deixa e, em vários cortes (nas classes e nos indivíduos) existentes, no seio das sociedades capitalistas, como a brasileira e a portuguesa, o esporte permanece como um substrato humano, poderoso e produtivo; convive com as múltiplas contradições do sistema de reprodução e, ao mesmo tempo como um potencial criativo que permite aos seus defensores, promovê-lo e lançá-lo às trocas de Estado e Mercado. As gerações esportivas, experimentadas na prática social do esporte edificam legados simbólicos que são marcas profundas de convivência e conhecimento que, permanentemente humanizam nossas relações desumanizadas. Com isso, as crenças nas próximas gerações são capazes de pugnar por mais esporte, na verdade, uma das poucas manifestações físico-espirituais de sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas latejantes quando comparadas com a política, a economia e a própria cultura, confinadas ao jogo de empurra, de mentiras e ocultamentos na mídia e fora dela, mais do que desrespeitosos, cheios de maldade.

A complexa pergunta sobre nossas crenças no esporte nos dirige a um pântano de dúvidas, pertinentes aos conhecimentos provisórios das classes médias. Acredita-se que o ensino e a aprendizagem do esporte são dotados de elevação cultural, melhorando-nos como sujeitos. Isso é verdadeiro, possível e desejável, mas não mecânico. O *como fazer* no interior do esporte é uma pergunta estratégica e instigante ainda não desbravada. Professores e treinadores de modalidades esportivas coletivas desenvolvem competências éticas e estéticas de forma a conduzir as crianças e os jovens à uma plataforma de elevação moral, hoje parcialmente perdida. Há que se perceber o como fazer dentro do esporte sem a

pretensão de modelos ou receitas. Então, o ambiente esportivo se mescla ao ambiente familiar e as trocas afetivas, quando intensas, podem revelar mais do que simples conversas e comentários sobre o que ocorreu na aula de educação física na escola ou no treino do clube. Pais e responsáveis, adultos na experiência, conhecedores de antigos caminhos, também podem oferecer sua contribuição educativa aos mais jovens, porém, algo mais denso está situado na realidade imediata, na história e na criatividade, igualmente desenvolvidos. Trata-se da intenção deliberada na educação familiar, de *processar a educação dentro e fora de casa*, um aporte tendencialmente mais ligado às classes médias e altas e à burguesia. Neste movimento são incluídos os seguintes ingredientes: conversas em família no sentido deliberado de aumento do vocabulário, busca de significados de expressões e frases, assim como da formação do gosto, horas de bagagem na formação básica e inicial da criança; ocorrências subjetivas inclusive as fantasias mentais/corporais e a sexualidade, o que evidencia as apostas em uma formação integral diferente; círculo de amigos dos jovens; estruturas, espaços, equipamentos, tecnologias, processamento de condutas em jogos, outras particularidades como educação das sensibilidades, da natureza, dos sons, da meditação, etc.

Nossas crenças são resultado de um lodo histórico que arrasta consigo as positivities e negatividades de um vir-a-ser desconhecido. Acreditamos no que queremos sem, às vezes, saber ao certo, o que de fato queremos. Por exemplo, no interior de uma família de classe média, como ocorre o desenvolvimento dos filhos e o que absorvem da crença dos pais e das pessoas mais próximas? Também é preciso perguntar o que liga as pessoas ao contexto mais imediato que vivem e o que passam a acreditar a partir disto?

As dificuldades da pesquisa longitudinal, para além dos recursos materiais e apostas dos pesquisadores, são relativas aos fluxos e conexões da família, seu ambiente mais imediato de convívio social e as reverberações da cultura, ou seja, quais são e como funcionam os elos de indivíduo para indivíduo? Então, cabe ao sistema de crenças promover a compreensão do desenvolvimento humano. O que é o sistema de crenças? É um sistema subordinado, na verdade, um subsistema

acoplado ao sistema vizinho de determinações imediatas, o microssistema familiar. Tal acoplamento é resultante do modelo ecológico ou bioecológico que entrelaça vários subsistemas. Entre os modelos citados, aquele que envolve o processo, a pessoa e o contexto apresenta uma análise entre as propriedades do contexto e das características da pessoa em desenvolvimento ou *características desenvolvimentais do processo-pessoa-contexto*.

A mera presença de informações nas três esferas (processo-pessoa-contexto) não é suficiente. É preciso uma análise da possibilidade de que a força e a direção do processo possa variar em função conjunta entre as propriedades do contexto e das características da pessoa em desenvolvimento. Em resumo, o processo está sujeito aos efeitos moderadores interativos da pessoa e do contexto. (Bronfenbrenner, 2011, p. 112)

De um lado, o desenvolvimento humano só é humano se *tornar os seres humanos mais humanos*. Na acepção do autor, podemos desenvolver e aperfeiçoar nossos ambientes e potenciais genéticos; podemos igualmente incrementar os desafios e formatar o mundo de intrincadas maneiras. A experiência bioecológica transita, da criatividade, da continuidade e da mudança de características biopsicológicas por meio de sucessivas gerações para a multiplicidade de contextos e tempos que promovem ou prejudicam o desenvolvimento humano. De outro, uma ciência do desenvolvimento humano incorpora a família, seus potenciais educativos e comportamentos desconhecidos. Como um microssistema integrado a dois sistemas intermediários, o mesossistema e o exossistema, a família também é impactada pelo macrosistema, um padrão global de ideologia e organização social. As digitais de identificação social para uma determinada cultura ou subcultura virão, em cascata, a partir do microssistema.

No sentido de tangenciar a totalidade da família, os estudos sobre os pressupostos da psicologia do desenvolvimento evolucionista, da psicologia transcultural e da psicologia da cultura, na observação da genética em interrelação com o ambiente sugerem que mudanças podem ocorrer nos indivíduos, desde o nascimento. As pesquisas sobre *epigenética* apontam franjas de uma discussão que repercute na família. Tal compreensão é importante para balizar o pêndulo entre as determinações antropológicas e herdadas e a aprendizagem, ou seja, entre a

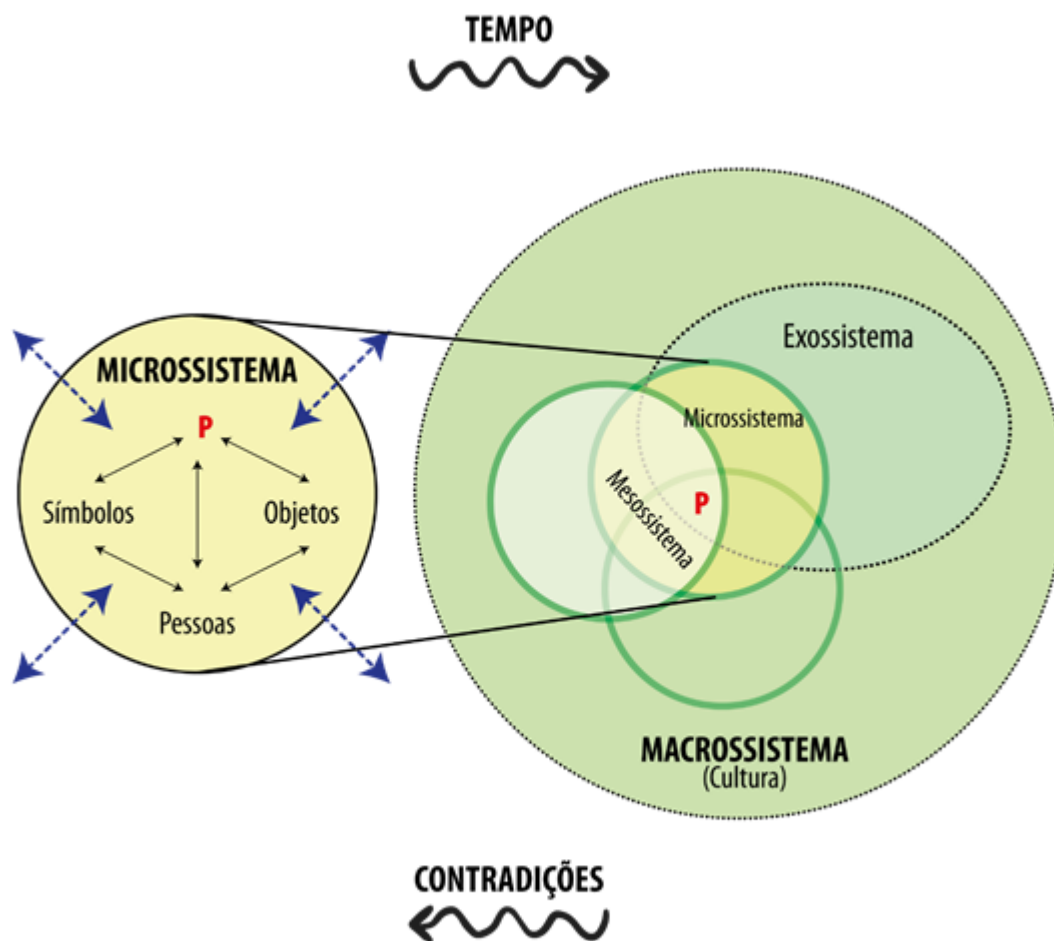
dupla direção indivíduo-ambiente pois, de um lado, os indivíduos modificam o ambiente (processo de escolhas) e, do outro, o ambiente modifica o indivíduo (altera pensamentos e comportamentos).

O conceito de *epigênese* explica a relação entre a genética e os fatores ambientais; envolve a ação de genes, proteínas, neurônios e ambiente (incluindo a cultura) na emergência de novas estruturas e funções durante o curso de desenvolvimento (...) o processo epigenético gera, tanto características fenotípicas comuns aos membros da espécie humana como variações no comportamento adaptadas às ecologias locais (Martins; Vieira, 2010)

O ponto sobre a aprendizagem revela duas expectativas: a primeira, uma não aprendizagem convencional, mas sutilmente diferente, com participação mais ativa dos pais e do ambiente social; a segunda, a herança de famílias conservadoras que são mescladas por três componentes: interdependência, independência e uma síntese de interdependência e independência. As respostas para as diferenças e semelhanças de formação esportiva podem ser encontradas nas famílias, no emaranhado de educação e cultura. Há diferenças de formação em esportistas oriundos de cidades médias e cidades grandes (Collet, 2018) assim como há um forte peso do dinheiro nas decisões familiares (Neri, 2008; Pochmann, 2015).

Destas estruturas retiramos o *cronossistema*, o sistema do tempo conectado à idade mas, também, transversal às mudanças físicas. O *cronossistema* envolve um delineamento longitudinal de uma dada experiência ou ciclo de vida (transição). O *cronossistema* está dividido em três subsistemas: microtempo, mesotempo e macrotempo. Tais esferas de tempo são episódios contínuos ou descontínuos e servem apenas para qualificar fatos que serão somados. Há alguns perigos ou armadilhas quanto ao tratamento destes dados, afinal é possível que nunca saibamos quais pensamentos e (e alguns comportamentos) formaram determinada criança ou jovem (mesmo em pesquisa, na qual os respondentes tenham mencionado como significativo, para a avaliação do antes e do depois). A teoria bioecológica está ciente das limitações que lhe são impostas pela própria característica de seu objeto que é mutável no tempo. Exatamente por isso, há complexidades não visíveis, em intervalos de tempos maiores, dois ou três anos,

como, por exemplo, nas passagens da infância para a adolescência. As características bioecológicas arroladas por Brofenbrenner ajudam na composição das circunstâncias que envolvem os valores psicológicos. (Figura 1) O tempo, por ser um valor passageiro, arrasta a formação da personalidade (P) para dentro do microsistema, que, por engendrar os componentes da pessoa-contexto, no sentido mais imediato, imprime força aos sistemas maiores (mesossistema e exossistema) responsáveis pelas energias renovadas do macrosistema. O cronossistema, ou sistema do tempo, na verdade, um olhar da esquerda para a direita da figura, acelera, isto é, movimenta todos os sistemas. É um sistema invisível que funciona em forma de cobra (tempo ida e contradições volta).



O problema da formação (do professor e do treinador, do aluno e do jogador) conhece esta engrenagem e percebe as lacunas, assim como as oportunidades, mas, talvez, ainda não consiga saturar os conhecimentos relativos às classes sociais. A hipótese aqui é que somos conduzidos ao consumo supérfluo e arraigados ao status-quo impositivo e, isso, provavelmente, em razão da cascata de dependência a que estamos sujeitos. Desde os modelos econômicos retilíneos, conservadores, burocráticos e de *democracia de conveniência*, aos modelos pedagógicos igualmente petrificados e reproduzidos na família, na escola e no clube. Então, na prática, podemos, ao máximo, ofertar o feedback positivo/negativo e as formas de incentivo/punição tradicionalmente conhecidas. Questionar o sistema só pode ser continuado se não se causar problemas nas relações sociais, o que significa, na visão dominante, o chavão *esporte e política não se misturam*. Para além da aparência, é preciso ter claro que, não apenas a mistura é corriqueira, como fundamentalmente, torna-se uma questão social (e pedagógica) no debate das esquerdas ou mesmo entre professores e treinadores de diferentes matizes.

Diante de uma gigantesca equação econômica e contraditória, que envolve exclusões variadas (e poucas inclusões), o resultado parece ser simples ao considerar-se a neutralidade como metodologia, afinal a destituição da política como linguagem de mediação é indiretamente estimulada desde a tenra infância. Ao contrário do que deveria ser, a política como fervura e tensão ideológica é capaz de ativar adormecências revolucionárias e manter o sonho das mudanças, vivo. Transferindo-se para as famílias, os indivíduos têm o dever de impulsionar novas conquistas para os filhos. A régua, que mede a força da educação e as adjacências da formação, precisa medir também, a inserção das crianças e dos jovens na política, obviamente, num amplo fazer da política, incluídas as suas possibilidades na economia, na cultura, na família, na escola e no clube. Uma *economia política do esporte*, democrática desde a base, seria razoavelmente ousada e utópica.

Diferente das ideias de ganhar dinheiro ou aceder à classe superior, do ponto de vista econômico, a linguagem do cassetete e da força policial, isto é, da

autoridade do Estado, é a que prevalece, em larga medida, nos espaços citados. A boca amordaçada, o pensamento congelado, a tortura e a ameaça presentes ainda são formas de violência física e simbólica que visam frear a lutas dos trabalhadores. A contemporaneidade inclui fracassos, derrotas, refúgios, silenciamento de vozes, outrora poderosas. Se o sentido do ter pode conduzir à mesquinhez, o pólo oposto é a legitimidade do ter frente à hipocrisia da sociedade burguesa.

As classes médias em Portugal e no Brasil são herdeiras de um sufocamento das ditaduras e extremismos que destilaram elevadas doses de ódio no povo. O poder do macrossistema é a mola propulsora dos demais sistemas e, portanto, condiciona nas pessoas, uma intensa vontade de desgarrar-se de sua classe de origem e passar a dominar a classe superior. O caso português pode ser configurado dentro de uma semiperiferia do sistema mundial. Sociedades intermédias estão situadas entre as centrais e as periféricas. Mudanças nos padrões salariais, desde o fordismo, assim como a emergência da financeirização conduziram o país à um balanço de ganhos e perdas. Braga (2017) desenha o conceito de *austericídio* para ilustrar uma tendência catastrófica. O autor destaca quatro momentos: 1. A revolução de 1974; a integração de Portugal à Comunidade Económica Europeia, em 1986; a participação na União Económica e Monetária, em 1999 e a intervenção externa resultante do pedido de financiamento em 2011. Sobre esta recente história, Santos & Reis (2018) observam que:

No período subsequente à Revolução de Abril, assistiu-se a uma aceleração da melhoria das condições de vida dos portugueses, induzida sobretudo por transformações de ordem política e por um novo quadro de regulação económica. A nova moldura institucional que veio a proteger o trabalho, a criar o sistema de segurança social, e a garantir uma provisão pública universal de educação e de saúde foram marcantes (...) Partindo de níveis extremamente baixos de proteção social, e beneficiando de condições internas e externas excecionais, o desenvolvimento do frágil Estado-providência português foi possível, e até compatível, com a neoliberalização da economia. (Santos & Reis, 2018)

O retorno a Marx, sedutor do ponto de vista teórico e prático, do ponto de vista da verdade atual, reposiciona o debate sobre classes divididas e sobre a própria luta dessas classes. Em qualquer círculo académico ou político, Marx é respeitado e necessário para a compreensão das lógicas humanas de produção,

consumo, circulação e subjetividade. Pode ser insuficiente, mas continua a ser fundamental no estabelecimento de alicerces da luta capital-trabalho, valor-trabalho e classes-no-trabalho. Marx é um pensador do século XIX, portanto, sua responsabilidade com o século XX em diante deve ser relativizada. Ademais, a juventude marxiana, somada à maturidade de seus escritos não pode ser vista como um manual para a aplicação na luta política imediata, antes, é parte de um longo processo civilizador. Revolução e reforma são, nesse sentido, eixos inerentes às engrenagens de produção e reprodução (material e simbólica), consumo e mudança nas sociedades avançadas ou atrasadas. Para Netto, o que Marx constrói dura de dez a quinze anos, sendo que após 1844 há giros e revisões, continuidades e rupturas e que, mesmo assim, mantém uma unidade. O núcleo de sua teoria é a reprodução ideal do movimento real do capital na sociedade burguesa (2020, p. 32-3). A especulação sobre as classes parte do real, acumula traços do materialismo histórico e se junta à história, no que era possível à época. Assim, os sentidos da ideologia, da política e do humanismo democrático da juventude são, ao mesmo tempo, mantidos e transformados na maturidade. Na célebre passagem sobre a ideologia alemã, evidencia-se a dominação de uma classe sobre a outra.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade e, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante (...) são as ideias da sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão (...) e, por conseguinte, suas ideias são as ideias dominantes da época. (Marx & Engels 2015, p. 67)

Interessante notar que a classe dominante e as camadas mais altas das classes médias, nem sempre dominam por meio de intenções diretas, mas pelas ideias dominantes de uma época, que já foram “legalizadas” ou assumidas coletivamente, ou seja, pelas ideias já impostas e aceitas pela maioria da população. Formam-se, portanto, herdeiros e reprodutores de pensamentos e ações dominantes. Muitas destas ideias são consideradas nas relações comerciais vigentes.

A cada compra e venda defrontam-se duas pessoas com interesses absolutamente opostos; o conflito é decididamente hostil, por que cada um conhece as intenções do outro, sabe que são opostas às suas próprias. A primeira consequência é, por um lado, a desconfiança mútua e, por outro, a justificativa desta desconfiança, o uso de meios antiéticos para alcançar uma finalidade antiética (...) em uma palavra, negociar é fraude legalizada. (Engels, 2021, p. 165)

Considerarmos que, sem Marx a análise das classes sociais perderia densidade, consideramos mais: 1. Que parcelas das classes médias em ascensão irão, a certa altura, possuir a vontade da dominação - lutar, legitimamente pelo domínio do conhecimento e do mérito; 2. Que a ideologia não é apenas falsa consciência, mistificação ou mentira, mas sobretudo uma classe que domina, alicerçada em maioria e que promove seu domínio por diversas formas sutis (nos dias atuais, por exemplo, pelas *fake news*); 3. Que as sociedades resultam de uma intensa luta de classes localizadas em várias frações do pensamento e da ação, coletiva ou individual, muitas, assumidas pelas classes médias; 4. Que a burguesia espalha ideias dominantes em seus aparelhos de reprodução, entre eles, a escola e o clube; fazem destes aparelhos, apostas condizentes com sua ideologia dominante e, portanto, têm maiores chances de vencer tais apostas.

Considerando também, que os determinantes marxianos convivem com nossas expectativas contraditórias de educação e política, principalmente aquelas alocadas no campo das esquerdas e que, para professores/treinadores, o pensamento dominante tem sido alinhado à direita, entendemos que é necessário pontuar a contradição referente à “sociedade sem classes” como ideal não atingido, limpando também, mentiras anticomunistas. De fato, muitas das ilusões do igualitarismo e do “esquerdismo como doença infantil” (a expressão é de Lênin) repousam sobre a perspectiva do trabalho e do tempo livre. Tal espectro conjuga filosofia e política e foi destacado por Marx, na décima primeira tese sobre Feuerbach, na qual Arendt tece a seguinte crítica:

A tese sobre Feuerbach afirma claramente que só porque a filosofia interpretou o mundo e só depois de o ter feito podia chegar o momento de o transformar. Era também por isso que Marx podia fazer com que a sua política revolucionária - ou melhor, a sua concepção visando revolucionar a política - desembocasse na imagem de uma “sociedade sem classes”: uma imagem

manifestamente orientada pelos ideais de ócio e tempo livre concebidos na pólis grega. O desfecho, contudo, não foi evidentemente este relance fugaz virado para uma utopia passada, mas antes a reavaliação da política enquanto tal. (Arendt, 2005, p. 68)

Em termos de transformação prática da sociedade, os frutos foram pífios. Isso torna evidente para a esquerda que a transformação não pode ser “esquerdista” e/ou de um comunismo imposto pelo Estado.

O esporte, quase sempre, não é questionado na sua essência, apenas teórica e/ou academicamente, de forma abstrata e diversionista. Para poucos acadêmicos é visto como objeto de estudo e pesquisa que considera a política, mas não a aprofunda. Em termos de enquadramento no debate acadêmico e profissional, sua configuração em políticas sociais e/ou públicas e políticas de fomento à atletas, divide as classes e os agentes envolvidos. Mais ou menos Estado; classes que dominam e classes que são dominadas; políticas monetárias, redistributivas e desenvolvimentistas, todos temas há muito discutidos, porém com pouca significância na área de Educação Física e esporte. Dominantemente, seus agentes de liderança, professores/treinadores, orientam-se pelo caminho do esconderijo, da omissão e da fuga. Encontram, portanto, maneiras de falsear a realidade e evitar mudanças.

1.2. Segunda avenida: Ideologia, família, lutas

Neste item, lançamos uma discussão que visa fundamentar a questão das intenções das famílias, o que pensam, como atuam na perspectiva de educação dos filhos, o que querem atingir. A família como eixo articulador e ponto de partida da longa trajetória de crianças e jovens no esporte é, portanto, o principal laço objetivo e de afeto, segurança e possibilidade de desenvolvimento. Neste laço, encontramos a ideologia, como um dos atalhos que faz a ligação entre a política, a educação e o esporte.

O esporte, como política, não é apenas confrontado nas instituições esportivas, tampouco nas políticas de esporte (legislação) mas no fazer próprio (dos estudantes, professores e treinadores, dentro e fora da família) que renasce na

prática social, realidade multifacetada e contraditória dos sujeitos envolvidos. O esporte como política é, então, a compreensão mais ampla do conjunto complexo da política que, sem os substratos histórico-filosóficos, a reduz à pobreza da interpretação. Neste desenho de compreensão do esporte, emerge a pedagogia do esporte, uma área em processo de constituição, pertencente à Educação Física e às Ciências do Esporte.

Os caminhos produtivos destes calços políticos de formação, que é a própria prática social dos sujeitos e seu engajamento, inicia desde pequeno, inclui a estratégia, o planejamento e uma visão do futuro; não estão diretamente ligados às opções de ideologias ou de militância política; dependem da criatividade de novas apostas e arranjos, do fazer no ensino-aprendizagem de jogos e modalidades esportivas, de aulas e treinos interessantes, assim como de formação permanente e, em serviço, dos profissionais envolvidos. A família entra nesta equação de forma indireta, porém, a depender da proatividade dos sujeitos, pode participar em mergulhos mais profundos.

Como humanos e ativos somos seres práticos e sociais, aventurados às perspectivas educacionais de curto, médio e longo alcance e, portanto, acostumados a lutar em grupo, especialmente quando se trata de família. A mente humana é constituída por uma poderosa ferramenta de orientação social com a qual podemos mudar o foco, adensar o insuficiente, estudar o detalhe, promover, criticar, reprocessar o conteúdo quando necessário, propor e mudar a direção, etc. Somos capazes, portanto, de separar o conteúdo formativo em várias dimensões; produzir planos e reavaliar, de maneira permanente. Esta engrenagem está presente nas famílias de classes médias, na mente de gestores e profissionais, nomeadamente nos quesitos estratégia e táticas da política de esporte.

A célebre passagem marxiana sobre a abelha e o arquiteto permite vincular a ideia de projeto em um sentido amplo da totalidade das relações sociais do trabalho e vínculo com o capital, passível de redirecionamentos e reconfigurações de metodologia e procedimentos práticos.

A aranha realiza operações que lembram o tecelão, e as caixas suspensas que as abelhas constroem envergonham o trabalho de muitos arquitetos. Mas até mesmo o pior dos arquitetos difere, de

início, da mais hábil das abelhas (...) O arquiteto não só modifica a forma que lhe foi dada pela natureza, dentro das restrições impostas pela natureza, como também realiza um plano que lhe é próprio, definindo os meios e o caráter da atividade aos quais ele deve subordinar sua vontade. Marx (2018)

Para Marx, assim como para a cultura de seu pensamento, a função cognitiva ocorre na intenção e, como isso nos diferencia dos outros animais, somos capazes de grandes estratégias, como por exemplo, as equações econômicas do passado, presente e futuro e seu intenso diálogo com a história. A mente humana é, portanto, mais do que as complexas ligações de neurônios, sua bioquímica e a própria fisiologia e/ou biomecânica dos movimentos conscientes. Portadora de emoções que fervilham de tempos em tempos, a mente humana é um balde que cabe a água necessária para a oportunidade de copiar experiências exitosas de outras pessoas. Neste balde, também entram em ebulição, a pá, a areia e o caminhão de brinquedo. O sentido social da mente foi construído pelo marxismo de Vygotsky, em um conjunto de interações dialéticas da criança e seus ambientes; válido também para os adultos. “Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo (...) para a mente ingênua, evolução e revolução parecem incompatíveis e o desenvolvimento histórico só está ocorrendo enquanto segue uma linha reta.” (Vygotsky, 1989)

Percepção, motricidade, linguagem e desenvolvimento são funções dialéticas penetráveis. Os olhares de pais, professores e treinadores criam estímulos, que tornam-se significantes educativos, nas memórias e registros dos pequenos, conhecimentos que possivelmente servirão às novas gerações e seus processos de reprodução. Não há nenhuma possibilidade do desenvolvimento ocorrer em linha reta, sem tombos ou paredes, o que significa dizer, que, por maiores esforços realizados pela família, um conjunto complexo de variáveis sociais vibrará mais intensamente nas relações de amizade e outras. Então, o desenvolvimento é, necessariamente, complexo, dialético e cheio de curvas, porém nem sempre percebido no imediato, isto é, em curtos períodos de tempo; a depender de intervalos razoavelmente longos pode ser evidenciado o seu resultado. Segue a pergunta - retorno ao conceito: O que é o desenvolvimento do esporte, por

dentro do indivíduo? No corpo infantil o esporte já existe como semente. É uma luta da biologia a favor da natureza humana que torna-se ainda mais vencedora à medida em que emerge do esportista, um ser humano diferente. É uma luta que encontra a possibilidade real de desenvolvimento dialético. No jogo e no treino temos a chance de aprender com os gestos e as atitudes do outro. Quando admiramos alguém, copiamos os seus traços, extraímos da sua mente o brilho e a transparência do seu conhecimento. Estamos situados, nesse ponto, no terreno da reprodução social e no papel das gerações. O esporte como uma substância que reúne brinquedo, jogo, prazer e realização, busca a sua própria reprodução. Podemos compreender tal funcionamento, a partir das seguintes engrenagens: os incentivos da família, os processos de comunhão entre ética e estética, o desenvolvimento do pensamento complexo, a busca de soluções criativas e o experimento de realizações no jogo, no treino e na competição.

No jogo, a intuição atua como uma ferramenta de possibilidades que indica o que o adversário fará, indicando também, como podemos apostar nas próximas jogadas, o que pode ou não ocorrer no jogo. Tal assertiva apresenta um paralelo metafórico à educação na família, ou seja, os pais, professores e treinadores apostam nas possibilidades das crianças e jovens de maneira a extrair o melhor que cada um tem. Isso só é possível para uma mente que está permeada de palcos sociais, ou seja, acostumada aos vários acúmulos e experiências que poderão tornar-se significativas. Por exemplo, basta observar o outro saltar que podemos desenhar mentalmente o salto, como forma de imitação, educação, reprodução e melhoria do salto. Temos também a possibilidade de resgatar a brincadeira ou o infantil dentro de nós para expressar nossa humanidade diante de um grupo. Mais do que isso, podemos antecipar quaisquer pensamentos que quisermos e/ou que chegam à mente por variados estímulos.

No conjunto da obra marxiana podemos considerar que há uma análise profunda da sociedade burguesa, sua constituição e os desdobramentos de lutas. As classes sociais fundamentais, o Estado, o Homem e suas necessidades, assim como os processos organizativos dos trabalhadores são temas igualmente destacados. Há indicações econômico-filosóficas, válidas para diferentes tempos

históricos, incluindo os dias atuais. Em linhas e entrelinhas, há passagens de cunho antropológico e psicopedagógico. Além disso, a concepção de projeto é atada às intenções individuais e coletivas, em possibilidades concretas que se espalham por inúmeras subjetividades. Os diferentes marxismos expressam tais possibilidades de leitura e o fazem sobre um suposto sujeito omnilateral, sua própria possibilidade de superação e emancipação. Junto ao ideário marxiano e marxista encontram-se os interesses de classe, oriundos do amálgama da ideologia (um outro conceito deveras carregado de determinações históricas e políticas).

A larga tradição marxista inclui a reprodução de formas estatais, espalhadas pelo mundo afora (e os erros cometidos); não pode ofuscar a mente de quem deseja a direção de um foco produtivo e assertivo para o futuro. Assim como Marx não pode ser responsabilizado por falhas de seus seguidores, não é razoável trabalhar com uma perspectiva engessada de sua obra. Ressaltamos a necessária flexibilidade na leitura deste referencial, dado o seu caráter amplo e, ao mesmo tempo, de difícil concatenação.²⁰ Istvan Mézсарos, por exemplo, limpa arestas e decodifica problemáticas confusas de adversários teóricos ao percorrer a questão do Estado com profundidade; permite não apenas uma atualização das pautas de lutas dos trabalhadores, mas adianta elementos que podem ser decifrados para diferentes ciências humanas, sociais e políticas. O tamanho do Estado, por exemplo não pode ser tomado por uma democracia representativa fracassada, presente em inúmeras instituições políticas, tampouco ser reduzido ao debate sobre a estrutura regulatória, sem antes tratar das determinações qualitativas, isto é, das estruturas de tomada de decisão e das formas correspondentes de controle. Na esteira dessa argumentação, há uma insustentabilidade nas atuais condições históricas dos Estados, denominadas pelo autor de *centrifugalidade antagônica das células do sistema sócio metabólico*. Somos tomados por uma questão chave que precede à questão da estratégia, isto é: Que democracia queremos?

É totalmente irrelevante debater o tamanho da estrutura regulatória defendida sem tratar, ao mesmo tempo, as determinações

²⁰ . Ver LOSURDO, Domenico. **O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer**. Boitempo, 2019. Ver também, NETTO, José Paulo. **Karl Marx, uma biografia**. Boitempo, 2021

qualitativas – das estruturas de tomada de decisão e das formas correspondentes de controle (...) O verdadeiro desafio é, portanto, a superação historicamente sustentável dos antagonismos estruturalmente entrincheirados nas células constitutivas da ordem social do capital, que são responsáveis pela centrifugalidade de suas determinações sistêmicas incuráveis. (Mézsaros, 2015, p. 21)

Mézsaros considera que uma meta a ser buscada seria um formato de *democracia substantiva* que superasse a democracia representativa e, ao mesmo tempo, a democracia direta. Afirma que a única maneira de se alcançar esta façanha seria instituir uma forma de tomada de decisão sem a *recalcitrância*, fazendo com que os indivíduos sociais definam a lei para si mesmo de modo também a serem capazes de modificá-la de forma autônoma. Avalia o direito e a lei, ao defender a ideia de que o domínio estatal, centrado na aplicação do aparato jurídico, como essência, é um conteúdo vazio e os partidários de tal premissa desconsideram a conotação de classe. Na visão do autor isso é tendencioso quando se pensa em ordem social. Na contramão dessa postura, encontramos um posicionamento que, incansavelmente, repete o sentido ilegal do Estado.

A ilegalidade incorrigível do Estado, reside em sua constituição mais íntima como árbitro soberano sobre a lei e, portanto, acima da lei. O resto é consequência ou secundário a isto, incluindo o tecnicismo apologeticamente saudado da “separação dos poderes”, dependendo se o cumprimento das implicações objetivas de estar acima da lei exige modalidades violentas ou não violentas de ação. (Mézsaros, 2015, p. 58)

O *sentido ilegal* implica, portanto, em uma *lei do mais forte* o que, por sua vez, pode ser igualado no domínio do Estado sobre as classes sociais. A concepção de que o Estado deve ser superado encontra, vontade teórica e política do autor na formulação de que não pode haver Estado forte e/ou democrático para a solução dos problemas da humanidade. Ao contrário, as mudanças devem passar pelas consciências de produtores e consumidores livremente associados. Não devemos criar pois, ilusões/mistificações em torno do Estado. Acrescentamos também, que toda política social e/ou pública por mais elaborada que seja, além de insuficiente é paliativa – ameniza conflitos e não os resolve. Um Estado verdadeiramente democrático e conquistado pelas massas heterogêneas de trabalhadores, seria, na essência, uma das meta utopias daqueles dispostos a mudar as condições de vida

e trabalho de sua classe social de origem. Como então, destravar a concepção de política social e/ou pública de esporte, com a ampliação numérica de interessados? Como fazer isso com filtros de desburocratização e democratização? Como, enfim, dotar a família de poder democrático (e compartilhado com professores e treinadores) na educação dos filhos?

As andanças e viagens sobre o tema da formação e intervenção criativa (e da própria política de esporte que conduz estas pautas) tempera lampejos de uma discussão ainda imatura. Não cabe listar as razões de tal imaturidade pois isso seria como remar parado. O Estado e seus penduricalhos, como as políticas e os programas *tapa buraco* ofuscam a crítica construtiva e a criatividade; limitam os debates no mundo do esporte entre quem tem e quem não tem dinheiro. Na direção de uma remada à frente, providenciamos um arranjo metodológico para trilhar os caminhos inéditos e criativos, sem esquecer das determinações e freios que a burguesia impõe, seja na sociedade brasileira, seja na sociedade portuguesa. Novamente em Marx, mas desta vez em sua antevisão de como funcionam as lutas de classes, extraímos um *como fazer* no desenho de um projeto necessário. As lentes da análise abaixo permitem decifrar este entendimento.

Não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do século XIX pode colher a sua poesia. Ela não pode começar a dedicar-se a si mesma antes de ter despido toda a superstição que a prende ao passado. As revoluções anteriores tiveram de recorrer a memórias históricas para se insensibilizar em relação ao seu próprio conteúdo. A revolução do século XIX precisa deixar que os mortos enterrem os seus mortos para chegar ao seu próprio conteúdo. Naquelas, a fraseologia superou o conteúdo, nesta, o conteúdo supera a fraseologia. (p. 28-9)

Ao tratar da revolução francesa o autor não se limita às conjecturas e pensamentos estruturantes. Ao contrário, lança a ideia do passado e do futuro como engrenagens de formação consciente. Mas aqui, é bom lembrar que as fórmulas, modelos e apostas precisam ser continuamente revisitadas. Já que as classes dominantes buscam ressuscitar mortos (leia-se repactuar políticas atrasadas para manter o povo *como gado*) seria frutífero se as classes dominadas olhassem o futuro, para colher a sua poesia. Nestas lógicas, os processos revolucionários estão permeados por contradições, por idas e vindas, acertos e erros, de tal forma que a

meta possa ser: superar a fraseologia por meio de conteúdo. Seria como estabelecer um percurso metodológico baseado em passos de ousadia combinados com passos conservadores, pois da mesma forma que os conservadores irão querer a volta ao passado, os ousados sonharão com o futuro, talvez impossível com as atuais limitações, entre elas, o principal obstáculo, o modo de produção capitalista. Se o próprio conceito de revolução mudou ao longo do século XX, as perspectivas a serem desenhadas necessitarão superar *frases de efeito* e adensar conteúdos.

Arendt, (2005) por sua vez, busca as possibilidades da política dentro das impossibilidades históricas que, muitas vezes são adiadas (as possibilidades) em nome, ou do acúmulo de forças ou de justificativas conservadoras, ou mesmo do próprio fim dos ciclos históricos.

A história tem muitos fins e muitos começos, sendo cada um dos seus fins um novo começo, e pondo cada um dos seus começos fim ao que existia até então. Além disso, podemos datar a nossa tradição com maior ou menor certeza, mas já não podemos datar a nossa história (...) O ponto que importa aqui é que se supõe que só as ações humanas possuem e tornam manifesta uma grandeza específica que lhes é peculiar, de tal maneira que nenhum fim, nenhum telos último, era necessário, ou podia ser sequer usado para as justificar. (Arendt, 2005, p. 41-3)

A história, em seu curso natural, é como a água que passa no rio; nunca será a mesma. Disso resulta que não podemos determinar uma história diferente, a priori ou de forma imediata; ao contrário, não sabemos muito como manejar o futuro e portanto, necessitamos de várias mediações. Tal racionalidade, todavia, não significa comodismo ou ceticismo com a história, mas um olhar atento e factual que seja somado à uma interpretação possível. Regredir à história, com a imposição de um telos, torna, a própria memória, tóxica. A toxicidade da política expressa um quê fazer sem sentido definido. Então, entre o buscar, o articular, o lutar, o alcançar e o conseguir de fato, os resultados e os diferentes caminhos políticos poderão ser perdidos na tradição e, ainda mais, na história. Para a autora, os homens não sabem o que fazem em relação aos outros; trata-se de um fazer separado do saber. O desejo de governar tem sido refém da popularidade e das glórias pelo status do poder. Isso resulta, na história (e Arendt elenca inúmeras experiências como a pólis grega, o império romano e a igreja cristã), em governos que acreditam que sabem

e governados que aceitam fazer e não saber.

A burocracia é um meio para que tudo isso ocorra. É um mal necessário, favorável aos dominantes e à política, invariavelmente, desfavorável aos trabalhadores. Como uma máquina irracional, a burocracia busca, freneticamente, a racionalidade do sistema, mas não a encontra. Então, o sonho da sociedade sem classes do marxismo, já estaria morto à partida. Em função de um desgoverno da máquina burocrática não teríamos como administrar o espaço público, isto é, alguns de nós, as classes médias, por exemplo, teriam que fazer o trabalho sujo da burocracia. Em outras palavras, a manutenção de uma estrutura viciada em classes: a burguesia opera por comandos (hierarquia) ou simplesmente não opera; as classes médias pensam e executam e às classes populares sobra apenas, a execução sem pensar.

Pressupunha-se que a administração seria o não governo, mas de facto ela só pode ser o governo de ninguém, quer dizer, a burocracia, uma forma de governo em que ninguém assume responsabilidades. A burocracia é uma forma de governo da qual desapareceu o elemento pessoal da governação, e é igualmente verdade que esse governo poderá não governar no interesse de qualquer classe (...) O governo de ninguém governa muito efectivamente quando considerado do ponto de vista dos governados e, o que é pior, tem um importante traços em comum com o do tirano. (Arendt, 2006, p. 69)

O governo de ninguém não é uma anarquia, mas, a não liberdade em uma sociedade burocrática, que diz ter buscado a liberdade. Neste ponto o pensamento arendtiano, considera que Marx realmente fez a defesa do interesse de classe. Mais: uma vez que a sociedade de classes tenha sido derrubada, tal interesse é de toda a humanidade. Resta uma categoria fundamental que continuará a fazer parte do motor da história, a categoria trabalho que, simplesmente é o *acontecimento sociológico decisivo da história*, indicando assim, a base fundamental, a produtividade necessária, o homo faber para si.

De qualquer maneira, a política não resolve o trabalho, assim como não resolve os desejos das classes médias, tampouco é capaz de frear a ganância da burguesia e dos latifundiários. O que a política pode resolver é pouco diante da promessa política do enfrentamento à corrupção, prometendo com isso a sobra de

recursos para os investimentos públicos de uma suposta qualidade. Este pouco da política é, todavia, o único instrumento que as classes populares (e parcelas das classes médias não cooptadas) têm para lutar (a favor e/ou contra) as classes dominantes. Nas lutas da política, estar a favor e/ou contra depende de circunstâncias táticas e estratégicas e, portanto, tal questão não pode ser um princípio irrefutável. É também, uma das únicas possibilidades de, nessa luta, as classes médias serem educadas para ajudar nas reformas e/ou processos revolucionários. A família, como eixo articulador dos saberes e conhecimentos disponíveis, lança as crianças e jovens no mundo, atua como um elástico em sua educação, isto é, ao mesmo tempo, incentiva e freia aquilo que lhe parece satisfatório. Novamente, em Arendt (1961) destacamos o sentido de gosto, de assimilação de cultura, de pertencimento a um determinado grupo social.

Sempre que as pessoas julgam as coisas do mundo que lhes são comuns, nos seus juízos está implicado algo mais, para além destas coisas. Pela sua forma de julgar, a pessoa de certo modo revela-se a si própria, revela o tipo de pessoa que é, e essa revelação, que é involuntária, adquire validade na medida em que se libertou das meras idiosincrasias pessoais. Ora, é precisamente na esfera do agir e do falar, ou seja, no domínio da política enquanto atividade, que esta qualidade pessoal, passa para primeiro plano; é em público que o “quem se é”, mais do que as qualidades de talento individuais que se possa ter, se torna manifesto. (Arendt, 2006, p 260)

A revelação do “quem se é” ocorre, primeiramente pela aparência, que pode ser configurada no *sentido do ter* (posse). Como preconceito ou não o “quem se é” depende da posição de classe e, à primeira vista, diz pouco.

Passemos agora, nessa mesma avenida, a tratar de questões históricas, na verdade com o substrato filosófico e o ajuste político como amortecedores polêmicos. As lentes desta parte do texto, serão, necessariamente, aumentadas para perceber o contexto atual em que as classes médias são chamadas ao conhecimento científico, à cultura, à educação, à saúde, ao lazer e ao esporte. Historicamente comprimida entre a opção popular, sensível à ideologia antagônica das classes dominantes e a opção fascista, engendrada a partir de movimentos e regimes totalitários, as classes médias têm, respondido, favoravelmente ao lado das diversas direitas e seus penduricalhos ideológicos, destacadamente o

neoliberalismo/neoconservadorismo e as recomposições amalgamadas pós crise de 2008. Para que o conjunto de classes populares e médias possam aceitar e, por vezes, assumir os preceitos neoliberais/neoconservadores é preciso que um conhecimento subjetivo e sensível seja digerido. Estamos, portanto, no terreno da ideologia, seus significados e alcances.

A questão da ideologia, sustentada pelos pilares marxistas, que a definem como *identidade ideológica*, remete a discussão para o centro nervoso das classes sociais. Não se desconhece o fato que a ideologia pode ser vista de forma positiva ou negativa, mas antes, assume-se que ela é, necessariamente negativa.

A ideologia tem o poder de nos fazer dóceis e amáveis, mesmo perante situações controversas. Ela pode tornar a sociedade apática e acrítica diante das próprias calamidades sofridas. Ela ainda possui o poder de naturalizar os fatos sociais e torná-los necessários. A ideologia minimiza, obstrui e deprecia a capacidade humana de transformar e reconstruir sua própria realidade. Ela possui o poder de nos fazer enxergar o que não existe e de nos fazer cegos diante da realidade (Souza, 2017).

Para o pensamento gramsciano há que se criar o consenso a partir da realidade intelectual e cultural dos homens. A ideologia é, portanto, um mecanismo de consenso e disputa, por isso, a atenção privilegiada na educação.

A ideologia é a própria inteligência que, de maneira crítica, intervém sobre o real para problematizá-lo e, então, intervir nele. É uma das armas mais usadas que as classes em luta dispõe. Para tanto, é preciso educar as gerações na utilização destas armas, ou seja, na perspectiva de Gramsci, desenvolver o papel dos intelectuais orgânicos, isto é, constituir uma massa de seres pensantes que possam contribuir na construção da hegemonia. Então, a ideologia será mais ou menos hegemônica na medida em que a utopia puder ser viabilizada. Isso significa que a ideologia pode assumir um papel revolucionário, como tática de superação, ou seja, como manobra de forças unitárias e dispostas a combater a ideologia oposta. Neste paciente jogo de correlação de forças, as classes médias, suas ideias, valores e formação de consensos serão chamadas a atuar e poderão escolher entre um lado ou outro, assim como, durante um governo, trabalhar a favor ou contra.

Na esteira da ideologia, a *consciência de classe* é um outro conceito enganador. Normalmente somos chamados a pensar os conceitos cheios de

densidade histórica, razão pela qual, autores clássicos podem apenas nos ajudar a refleti-los diante dos mais diversos interesses circunstanciais de investigação. Assim, também, tal conceito se fez negativo; parece ser muito atado às questões revolucionárias e, ao mesmo tempo, às lutas de classes, à própria ideologia com ênfase negativa. A *consciência de classe* diz respeito, diretamente, às classes historicamente antagônicas, a burguesia e o proletariado. Mas também informa, indiretamente, o comportamento das classes médias e/ou aos sentidos e significados das esquerdas.

Com a crescente fragmentação das classes e a multiplicação das desigualdades e diferenças (étnicas, culturais, raciais, linguística, de gênero, etc.) o movimento sindical ganhou poder institucional e negocial e, ao mesmo tempo, perdeu capacidade de mobilização (...) Desta forma o crescimento da nova classe média caminhou de par com a sua dispersão interna e da fragmentação da classe operária. (Estanque, 2016).

Situada em uma zona de amortecimento de conflitos, operou-se uma transformação do velho para o novo momento histórico (século XX). O mérito e o reforço positivo para as exigências de trabalho, assim como o assalariamento e as carreiras foram a troca para que as classes médias proprietárias do século XIX se transformassem em classes médias plurais. Infere-se aqui, a questão sob duas formas: ou pelo sepultamento da ideologia dominante, isto é, dos *sentidos e significados* de ser proprietário, ainda que de pequenas e médias propriedades, ou pelo renascimento de uma inserção proativa em um grupo de rendimentos situado entre o pensar e o fazer. A verdadeira *consciência de classe*, para as classes médias, seria perto do impossível, tendo em vista que tais classes nunca vivenciaram, de fato, as sensações das lutas de classe na pele. Entretanto, o que interessa é a organização da problemática no conjunto maior das classes médias, seus sentidos e significados. Desta forma nos parece convincente a referida mutação das classes médias, o que inclui um verdadeiro rebuliço nas consciências.

Na sequência, abrir-se-á um parêntesis para qualificar os determinantes históricos e compreender como se fecha a aliança entre as diversas direitas. Lançamos em cena, o historiador Fernando Rosas, pesquisador do Estado Novo português e estudioso dos fascismos, suas semelhanças e diferenças. A discussão

da ideologia e da consciência de classe, assim como o trabalho e a política ficarão em standby com a incumbência de serem sacados a qualquer momento.

Uma das comparações entre Portugal e Brasil que, repousa na história e, oferece pistas para compreender as diferentes formas de luta e inserção das classes, refere-se exatamente sobre o desenvolvimento sangrento operado no século XX, em ambos os países. Em Portugal, longos 50 anos de fascismo foram rompidos, em 1974, com a Revolução dos Cravos.²¹ Portas foram abertas no sentido da ampliação de conquistas, direitos sociais e consolidação de uma forma política, pública e estatal, na qual as esquerdas até hoje, conseguem ter voz. No Brasil, ocorreu o oposto, a ditadura de 1964 foi operada, em orquestração internacional de combate aos comunistas e o longo processo de redemocratização foi iniciado tardiamente, a partir das Diretas-já, em 1984. Os direitos da Constituição de 1988 não foram aplicados na sua totalidade e, portanto, a longa transição teve características, predominantemente burguesas. A recente história brasileira pode ser contada a partir de um Estado de mal-estar-social.²²

Condições políticas diferenciadas permitem, grosso modo, quatro tipos de unificação fascista e suas ramificações ideológicas: 1 - Hegemonia dos movimentos fascistas plebeus e de seus chefes; 2 - Compromisso dos partidos fascistas com o fascismo conservador; 3 - Integração subordinada dos movimentos fascistas plebeus no regime de ditadura fascistizada e; 4 - Relação conflitual alternando com alianças instáveis entre as direitas conservadoras e os fascismos plebeus na liderança do Estado. Para Rosas (2019) o fascismo enquanto regime pode ser formulado em sete teses apresentadas pelo autor, como pontos de partida teóricos.²³ O que unifica os movimentos vividos em Portugal e no Brasil não é,

²¹ . Ver ARCARY, Valério. A revolução solitária. **Revolução ou transição**, 2012. Ver também: LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antonio da. Entrevista com Raquel Varela: Revolução dos Cravos, condições de trabalho e vida em Portugal. **Revista Katálysis**, v. 18, n. 1, p. 123-130, 2015.

²² . Ver COSTA, José Ricardo Caetano; SERAU JUNIOR, Marco Aurélio; SOARES, Hector Cury. **O" estado de mal-estar social" brasileiro**. Repositório Furg, 2020.

²³ . 1 - O fascismo como movimento e como poder deve ser encarado como fenômeno e categoria histórica, historicamente contextualizado; 2 - O fascismo é um produto do capitalismo; 3 - Nenhum movimento fascista conquistou o poder por si só; 4 - Os regimes fascistas configuram uma época histórica específica, a época dos fascismos; 5 - O fascismo é um fenômeno dinâmico, complexo e mutante, vai do grupo plebeu, miliciano, desordeiro e terrorista para o partido no poder; 6 - O totalitarismo é uma dimensão ideológica que visa fabricar o homem novo e que impacta em diversas

portanto, diretamente ligado à tradição marxista, tampouco aos difusos conceitos tradicionais de luta de classes, consciência de classe e ideologia. O que pode criar unidade de pensamento neste tema, é, de um lado, o imenso *caldeirão fascista* e seus penduricalhos, de outro, as fracas representações partidárias que perderam, consideravelmente, apoio sindical, apoio de massas e hegemonia. Trata-se de uma perversão do próprio fascismo, encorpado com novas roupas, entre elas a representação política, travestida de democracia. Este quadro pode ser bem ilustrado pelo número de partidos em Portugal e no Brasil, seus perfis ideológicos e as tendências direitistas explícitas ou veladas.²⁴

A ideia de atualizar/trazer à contemporaneidade/conjuntura, características fascistas ainda presentes e, também, extrair consequências práticas para o desenvolvimento do esporte no interior das classes médias, pode não ser frutífera do ponto de vista teórico, mas permite verificar as insuficiências políticas no geral e na esquerda, muitas vezes, subjetivistas e ingênuas, que não freiam o fascismo; na contramão, podem até trabalhar a seu favor. Então, uma das responsabilidades centrais de uma compreensão democrática não burguesa, seria acalmar as classes médias, ávidas por dinheiro, e trazê-las para o campo progressista de esquerda ou centro esquerda, afastando-as do populismo radical fascista.

Do ponto de vista estratégico, o capitalismo foi, é e poderá ser fascista, quando a iminência de uma crise/ameaça puder ser explodida. As classes dominantes poderão lançar táticas violentas para tentar driblar a crise ou propor novas formas de intervenção, como por exemplo, o *Estado Novo*, ou mesmo reconfigurar as violências simbólicas. Não há receita política ou teórica para o futuro; o que há, nas várias encruzilhadas vividas pelo capitalismo, é um sistema

esferas da vida social; 7 - O colonialismo moderno é um prefácio do fascismo e da política de extermínio nazi no segundo conflito mundial. (cf. Rosas, 2019, pp. 31-76)

²⁴ . Portugal tem dois partidos com perfil de esquerda, o Bloco de Esquerda e o Partido Comunista Português, dois partidos que oscilam entre um perfil de centro esquerda e centro direita, o Partido Socialista e o Partido Social Democrata e dois partidos de direita, a Iniciativa Liberal e o Chega. No Brasil, dos mais de trinta partidos ativos de esquerda, merecem destaque, o Partido Socialismo e Liberdade, a Rede Sustentabilidade e o Partido Comunista do Brasil, entre a esquerda e o centro esquerda, assim como o Partido dos Trabalhadores e uma ampla aliança de partidos: o Partido Socialista Brasileiro, o Partido Democrático Trabalhista e o Avante. Partidos de direita, as representações são: O Partido Liberal, O Partido dos Democratas, o Partido Trabalhista Brasileiro, o Partido Social Cristão e o Partido Social Liberal.

totalitário que soube encontrar as saídas, recorrendo à instrumentação fascista quando as formas liberais estavam esgotadas. Assim, foi na crise de 1929, em 1964, na quase totalidade da década de 1970, na crise de 2008, na movimentação entre 2013 e 2018 e em 2020. Operou-se, portanto, na costura de longos anos, uma repactuação de classes, em que pese as revoluções e seus ensinamentos.

Na sequência, tal repactuação será objeto da discussão sobre as lutas internas das classes médias. Como o consumo foi tornado motivação na simbologia de crianças e adolescentes, atingindo adultos e nichos diversificados? A aliança do fascismo repaginado com o neoliberalismo/neoconservadorismo disposto a mentir, criou novas rebeldias para a direita, extrema direita e “independentes”, afinal, comprar, vender e transformar desejos puderam ser ampliados nos desenhos capitalistas da contemporaneidade. O mercado, na palma da mão de crianças, jovens e adultos comercializa produtos infantilizados para atrair vendas. Esta é uma das engrenagens do *processo infantilizador* que atravessa a cultura, o cinema, o fast food, os cosméticos, os brinquedos, a moda, envolvem altas cifras e trancam o corpo aprisionado na prisão do eu. A sedução do mercado é aguçada pelo marketing segmentado das redes sociais, como pode ser visto no quadro *O corpo consumista*. Em cada etapa da vida, um consumo, uma maneira de vender e comprar mercadorias para o corpo. (Sadi, 2016)

| O corpo consumista | | |
|---------------------------|--------------|------------|
| Criança | Jovem | Adulto |
| Impulso | Crise | Ponderação |
| Brinquedo | Jogo | Trabalho |
| Imagens | Experimentos | Ideias |
| Prazer | Interrogação | Felicidade |

| | | |
|--------------------|----------------|------------------|
| Individual | Rebelde | Coletivo |
| Sexualidade física | Transitório | Amor erótico |
| Corpo biológico | Corpo aprendiz | Corpo de cultura |

As características prazer e sexualidade física encontram o tabu e o conservadorismo das famílias de classes médias que crava nas crianças e jovens, novas sedes de consumo e as faz crescer com os preconceitos arraigados relativos a este tema. Erotismo e reprodução do papel submisso da mulher são somados à pedofilia e aos temas confusos para muitos pais. Entre a objetividade e a subjetividade do corpo de meninas, por exemplo, o consumismo carrega o formato da sedução e da imposição de uma “beleza” padrão. Com isso são geradas expectativas de investimento e produção corporal, por meio da antecipação daquilo que, na discussão acadêmica, convencionou-se chamar de “especialização precoce”.

Em resposta a estas e tantas outras demandas educativas, as classes médias aprendem formas diferentes de luta interna: os pais ajudam seus filhos nas tarefas escolares; esforçam-se para incluir um extenso rol de atividades formativas; ofertam recompensas em troca de produtividade; aumentam os valores de auxílio financeiro tendo em vista a precariedade econômica em que se encontram; orientam círculos de amizade, alguns deles, com restrições de gênero, raça, origem e posição social; preservam valores tradicionais da família, rituais, religião, reforço no comportamento de costumes dos antepassados diretos. Nesta direção, a *ditadura da aparência* impõe seu modelo de consumo no qual as classes médias sinalizam com um aceite.

A aparência se transformou em pressuposto para aceitação social e a propaganda conseguiu promover todas as possibilidades de satisfação ao homem, ao oferecer a solução de seus problemas de realização, por meio da realização do próprio capital. Pois, ao tratá-lo como mercadoria, lhe oferece a oportunidade de elaborar a aparência de sua embalagem por meio de roupas, maquiagens, tinturas, perfumes etc — tudo para que sua imagem se torne

agradável e vendável. No capitalismo a produção da aparência não é nada mais que uma função para objetivar a realização do valor da mercadoria. (Andrade, 2007, p. 57)

Dentro ou fora do shopping center, as atrações visuais sequestram as almas das pessoas de classes médias, principalmente das mulheres. A *ditadura da aparência*, ao conhecer esta poderosa engrenagem, sinaliza positivamente para a propaganda e as redes sociais, no intuito de captar o cliente. Assim, a mercadoria é engordada antes de ser efetivamente vendida, ou seja, há uma preparação simbólica, na qual vendedor e comprador são unidos. Os potenciais compradores seriam as classes populares, porém, nestes nichos, há baixa expectativas de ambos os lados (compra e venda), portanto, as classes médias ocupam este destacado lugar.

1.3. - Terceira avenida: Reconfigurações das famílias de classes médias

Os processos de reorientação da Sociologia da Educação percorridos durante os anos 1980/90, nomeadamente, o currículo, a sala de aula, as biografias escolares e os, então novos, conhecimentos da Educação Física, como área multidisciplinar (alimentada pelas ciências humanas e sociais) foram adensados pela perspectiva de conhecer a performance escolar e as dinâmicas intra familiares mais de perto. Por meio da Sociologia da Família, buscaram-se estratégias educativas internas do microcosmo (ou microssistema) composto por pai, mãe, responsável, filho mais velho, irmão, agregado ou qualquer ou vínculo familiar (de sangue ou não). Dentro deste quadro de recomposição de um fôlego educacional mais amplo, os seguintes aspectos podem ser destacados: posição da família na estratificação social; relações com a escolaridade dos filhos; interações entre pais e professores; mudanças pontuais nos comportamentos de raça, gênero e nos próprios desafios em inserir os jovens no mercado de trabalho da época. Mesmo que o terreno pedagógico não tivesse sido ainda atingido na sua essência (questão que com mais intensidade ocorreu em meados da década de 1990 em diante), uma nova zona de interação entre o espaço público da escola e o privado da casa familiar foi aberta como possibilidade educativa. Paralelamente às mudanças nos modos de vida familiar, incluindo-se a questão afetiva e o enfraquecimento do papel

instrumental dos pais, os novos tempos seriam marcados por uma subjetividade de valorização da autoestima. Este tipo de corte seco na concepção de formação dos filhos só teve êxito a partir do momento em que a criança deixou de representar um capital para se tornar um custo econômico, ou seja, a partir do momento em que o modo de produção foi, predominantemente deslocado (no plano simbólico) para um modo de produção escolar. Nas ferramentas objetivas e sutis de educação dos filhos recaiu um enorme peso nas costas dos pais, pois estes, sabiam, inconscientemente que, os tempos de crescimento econômico do pós-guerra, período de 30 anos de 1945 a 1975, seriam transformados em tempos de recessão e inflação nos 30 anos seguintes, de 1975 a 2005.

Na esteira desta fervura familiar e dos impactos sociais e econômicos que atingiram as famílias de classes médias, em Portugal e no Brasil, os processos de escolarização também foram profundamente afetados. A escola seria chamada a responder/justificar-se, para além da reprodução, por meio de incrementos pedagógicos, inovações e criatividade anteriormente inexistentes. De um lado, o esforço escolanovista, sua decadência e as saídas possíveis encontradas pelos pais para auxiliar os filhos, em uma crise da educação (talvez de caráter permanente), sobretudo para as novas formas de formação de professores e suas responsabilidades; de outro, as inúmeras tarefas assumidas pela escola, como, por exemplo, os aportes em educação afetiva e sexual; a questão das drogas, das doenças, da preservação do ambiente, da orientação vocacional e das mudanças ofertadas pelas áreas de artes e esportes.

Muitos dos teóricos da educação, ao serem envolvidos neste debate, posicionam-se criticamente, com argumentos a favor dos sentidos tradicionais do currículo e do conteúdo, afinal a escola, ao abarcar vários saberes, então, não escolares, deveria se voltar para seu saber-fazer privilegiado e historicamente estabelecido, o domínio técnico e social dos conteúdos, nesta lógica, secundarizados pela fervura da lista infundável (plantas, música, cinema etc.). Mais do que criticar ou aceitar as argumentações em disputa, tal crise edificou o campo da educação e fez os ganhos superar as perdas, ou seja, trouxe como resultado a exigência formalizada na educação de tempo integral. Nessa altura, a escola teria

assumido as funções ampliadas dos centros especializados de atenção integral da criança e do adolescente, trazendo para si, o rol de responsabilidades, atividades e saberes, com a perspectiva de cumprir os preceitos constitucionais e éticos da educação e *entregar* aos pais, filhos melhores. Isso seria bom se fosse acompanhado de investimento suficiente e adequado às diversas gestões, principalmente aportes relativos à reformas, cursos para professores, incentivos para carreira, aquisição e reposição de material pedagógico, tecnológico, etc. Como estamos guiados por uma problemática oposta, orientada pela realização do valor da mercadoria-diploma e/ou valor do primeiro emprego, o sonho da integralidade educacional (e da própria escola de tempo integral) deságua no esgoto do trabalho sem sentido, alienado e estranhado pela repetição, tendente a conduzir o sujeito ao desemprego e fortemente orientado à recompensas que o deixam próximo do trabalho-escravo. Se o trabalho e as implicações subjetivas da família, com a questão da excessiva cobrança, expectativas de frustração e medo ou mesmo uma interna pressão por produtividade escolar com vistas à ascensão social, são temas sensíveis e geradores de conflitos sócio-psicológicos, recebê-los e processá-los a partir de uma classe (e de seus principais pontos de vista e determinações) pode ser esclarecedor e libertador, além de contribuir com a ampliação de um conhecimento específico como o conhecimento esportivo, de perspectiva educacional. Seguimos com a lógica desta discussão, que é inerente à lógica social e econômica das disputas por trabalho e formas de retribuição, sabendo que há uma densidade histórica considerável e que esta, deve, portanto, ser lembrada como sustentação teórico-metodológica para os passos a seguir.

Normalmente há, nas ciências sociais, uma distinção fundamental entre a pequena burguesia (pequenos proprietários e profissionais liberais) e uma nova classe média de assalariados do setor público e privado. Considerando hoje, que a dimensão financeira ocupa a quase totalidade da vida ativa das famílias, a estratificação das classes médias, segundo os ganhos econômicos, não só estrutura o assunto como o deixa apimentado nas diversas disputas sindicais e luta por melhores condições de salário, trabalho e até mesmo, repartição de lucros. No entanto, a estratificação de classe média baixa, classe média e classe média alta

ou superior, limita a discussão do capital cultural, entre outros aspectos, devido ao tratamento precário da educação como valor em si e da, igualmente pobre equação do valor da hora de trabalho. Tudo isso diminui, compacta e sufoca o trabalhador ao tempo sempre produtivo e cada vez mais exaustivo do capital. No que se refere ao esporte, acreditamos que classes médias são detentoras de aportes culturais, econômicos e sociais que permitem conduzir seus filhos a uma educação de qualidade socialmente diferenciada. Dois fatores nos levam a esta hipótese: o primeiro se refere à natureza da ocupação dos pais, seu estilo de vida, onde residem e o que fazem no seu tempo livre. O segundo, na impossibilidade/incapacidade da classe média baixa aportar recursos em suficiência, para a promoção do esporte, seu desenvolvimento e, quiçá, especialização. É óbvio que há exceções oriundas das camadas populares, que a classe média baixa também produz; entretanto, a regra geral estabelece mínimos a serem investidos.²⁵

Então, o decisivo é uma combinação entre formação esportiva escolar e formação esportiva no clube, como meio de engendrar-se uma formação esportiva integral, ainda inexistente. Tal possibilidade de formação incidiria, no capitalismo, de forma mais acabada e com maior ênfase, nas classes médias altas e na burguesia, detentoras de capitais físicos e simbólicos mais sofisticados. São estas as classes que, hipoteticamente, podem fornecer o conforto necessário e distribuí-los, entre seus pares, por meio do Estado e de investimentos físico-financeiros, impossíveis às demais classes da sociedade.

O clube (social ou privado) com o caráter de promoção de iniciação esportiva ampla, calcada em generalidade da pedagogia, só é possível se houver infraestrutura e equipamentos suficientes, profissionais qualificados e bem remunerados, projeto, planejamento e avaliação, além de plano de carreira e uma adequada retaguarda financeira do ambiente social citado.

Uma boa pergunta para dirigir a presente discussão está organizada em

²⁵ . O valor da bolsa-atleta no Brasil que pode ser considerado como um piso inicial para o desenvolvimento de carreira esportiva é aquele situado a partir da categoria Atleta Nacional (R\$ 925,00 mensais) Os pré-requisitos são: ter mais de 14 anos de idade; ter vínculo com clube, federação e confederação esportiva; ter obtido classificação até terceiro lugar em competição oficial. Provavelmente esta bolsa é altamente restritiva se comparada com a quantidade de jovens candidatos, postulantes. Fonte: www.gov.br/cidadania Acesso a 23/12/2021.

torno do papel da família. O que compete à família no processo de entrada da criança no esporte? Esta pergunta envolve o conhecimento do contexto social mais próximo e um conjunto de estímulos (alimentação, sono, aspectos culturais) diferentes e contraditórios, disponíveis às diversas classes médias. O incentivo às habilidades motoras básicas do engatinhar, andar, correr, movimentar e, posteriormente a admiração pelos amigos mais velhos, são indicadores decisivos antes da fase de entrada formal nos esportes.

No interior da casa familiar é possível ajudar e/ou atrapalhar o ser em desenvolvimento. Entre outros temas, as amizades e os novos ambientes a serem frequentados pelos jovens. Nesta grande equação, mencionamos a expectativa dos pais como questão complexa que dificulta a trajetória do futuro sportista/atleta. A expectativa dos pais e responsáveis adultos (inclusive do professor/treinador) é uma das subjetividades de razoável intensidade. Pode vir em forma de excessivas cobranças ou mesmo sutilmente. O êxito do(a) filho(a) para este perfil de pais não é tanto da criança/jovem, mas de uma autoestima do adulto que transfere a sua frustração naquele que aprende. Como será sugerido neste texto, as classes médias almejam o status social de classes superiores e, portanto, este degrau de ascensão pode ser transposto por meio dos filhos, ou seja, aquilo que os pais não conseguiram para si, deslocam/utilizam os filhos como ambição.

Mudanças nos padrões de educação familiar e escolar foram destiladas nas classes médias a partir do movimento escolanovista, no qual os erros da educação tradicional foram fortemente questionados. O caráter generalista e exclusivista da Sociologia (em seus diversos ramos) que observava a riqueza e as desigualdades entre classes (transformou a família numa espécie de engrenagem econômica ou correia de transmissão da estrutura social) abriu espaço para as estratégias individuais (com apoio familiar) na busca pela separação e distinção ou status de classe. Neste ponto, a classe média alta, frenética na escalada do alpinismo social, buscou (e continua a buscar) alcançar a burguesia, por todos os meios disponíveis. Isso pode ser comprovado pelo consumismo avassalador que o mercado de crédito impulsiona. Entretanto, cabe observar a influência do background familiar como

ponte educacional para pensar os processos pelos quais as crianças e os jovens desenvolvem os seus talentos.

“Ambição escolar elevada” (Duru-Bellat e Van Zanten, 1991), “Famílias mobilizadas” (De Singley, 1993), “pais de alunos profissionais”, Establet, 1987). Se as expressões variam de um autor a outro, a conclusão é sempre a mesma: as classes médias dão provas de uma intensa adesão aos valores escolares e fazem da escolaridade dos filhos, “o elemento central de seus projetos” (Nogueira, 1995, p. 17)

As relações com o esporte são diretas. Os pais investem, produzem esforços no sentido de levar seus filhos à ambientes por eles considerados sadios e, além disso, incentivam seus futuros herdeiros a adquirirem competências de dominação. Trata-se de uma luta por dentro. Ligeiramente diferente das lutas sociais, a luta por dentro também pode ser considerada luta de classes pois contém em si, determinações de melhoria, ou seja, vontade de superar e crescer. É um tipo de luta invisível, conduzida de maneira não tradicional, em que não há um confronto direto, como nas manifestações sindicais ou partidárias. Raramente são reconhecidas como luta política, pois as engrenagens ideológicas não estão suficientemente saturadas. Nem por isso, deixam de ter seu caráter de classe.

Boaventura de Souza Santos, ao discutir o esgotamento do que chama *império cognitivo*, aborda a temática das lutas sociais com lentes alternativas às formas tradicionais de luta. Para tanto, afirma ser necessário uma viragem epistemológica. O argumento central está baseado em seis corolários: 1. É preciso um pensamento alternativo às alternativas; 2. A reinterpretação do mundo precisa das lutas; 3. Não pode haver um tipo único de conhecimento; 4. Não há hipótese da não luta social; 5. É preciso revolucionar a teoria; 6. Não há espaço, portanto, para intelectuais de vanguarda. A luta por dentro, como necessidade de alcançar as mentes e os corações de quem luta e de quem não luta é também, uma forma de oxigenar e reconfigurar os sentidos de luta do passado para contemplar e promover mudanças para o futuro. Mudanças que sejam capazes de rasgar com a desigualdade e a barbárie do atual sistema econômico. A luta por dentro pode ser assim descrita:

São lutas em que não existe confronto directo nem formas de resistência abertas e declaradas (...) Não implicam organização, são anónimas, levadas a cabo por ninguém e por toda a gente; ninguém sabe, com certeza quando começam e acabam. São silenciosas (...) pressupõem conhecimentos, a consciência do sofrimento injusto, da arbitrariedade do poder e de expectativas frustradas (...) Tudo isso exige a aplicação de conhecimentos complexos e experienciais intimamente ligados aos mundos da vida daqueles para quem viver é envolver-se na luta ou, em alternativa, não sobreviver. (Sousa Santos, 2018,p. 124-4)

A luta por dentro e a luta de classes são misturadas como necessidades do ser social. São lutas de manipulação consciente. Estratégias e táticas de luta estão presentes na História. Entre tantas outras lutas, na educação e no esporte, esta forma de luta contribui para o destravamento das concepções retilíneas e pouco produtivas da política em geral e da política de esporte, no específico. A própria ideia de luta pacífica de Gandhi, por exemplo, representa a não cooperação, a desobediência e o boicote no conhecimento de si mesmo e na autenticidade. Esse tipo de luta desarmada ofereceu uma alternativa concreta ao esgotamento da chamada “luta armada” que tanto doutrinou os trabalhadores.

Por último, os caminhos de luta das classes médias, seus atalhos, opções e desenvolvimento, passam por olhos atentos à complexidade das lutas na atualidade. Para a atual geração jovem que encontra o sucateamento dos bens públicos e não vê perspectiva em projetos profissionais ofertados como estágios não remunerados ou primeiro emprego incerto (dentro da promessa liberal do empreendedorismo), suas expectativas não são animadoras, o que possivelmente pode agravar os conflitos com pais, professores/treinadores, colegas.

Em Portugal, o desmanche da regulação, decorrente da passagem ao pós fordismo, resultou em significativas transformações nos ritmos da transição da escola para o emprego, tornando-a longa e tortuosa. Em outras palavras, o estudante em tempo integral perdeu terreno em benefício de fórmulas híbridas de conciliação entre o aprendizado e o subemprego. Em aproximadamente duas décadas e meia, as bolsas de estudos, a contratação irregular, o trabalho intermitente e a eterna sucessão de estágios não remunerados transformaram-se nas únicas alternativas ocupacionais para uma parcela crescente da juventude portuguesa. (Braga, 2017, p. 127)

O desafio ao *austericídio* seria engrossar as fileiras da esquerda e fazer ecoar um sonoro “não” às políticas do partido socialista e do partido social

democrata, porém, tal tática poderia isolar ainda mais os jovens de esquerda, simpatizantes de centro esquerda e/ou centro direita. Ainda que o período conturbado da adolescência seja um parâmetro para os pais explicarem as dificuldades de trabalho, o mercado e o mundo do trabalho a ser ofertado a seus filhos, é notório, para as classes médias, uma piora de condições laborais que pode empurrar os jovens ao precariado, conduzindo-os, portanto, à uma insegurança pessoal e social. A lenta subida de preços, aliada à ausência de esperança tem lançado os jovens à rumos desconhecidos. Aqueles que ainda encontram a sobrevivência digna no trabalho, carregam às costas, o fardo do tempo histórico.

O problema não mais se restringe à difícil situação dos trabalhadores não qualificados, mas atinge também um grande número de trabalhadores *altamente qualificados*, que agora disputam, somando-se ao estoque anterior de desempregados, os escassos – e cada vez mais raros empregos disponíveis (...) E o mais importante de tudo é que quem sofre as consequências dessa situação não é mais a multidão socialmente impotente, apática e fragmentada das pessoas “desprivilegiadas”, mas todas as categorias de trabalhadores qualificados e não qualificados, ou seja, obviamente, a *totalidade da força de trabalho* da sociedade. (Mézsaros, 2015a, p. 143, grifos do autor)

Não é incomum nas Américas e na Europa a existência de profissionais ditos liberais em situação de desemprego ou emprego precário. Tal quadro, impensável no passado é hoje, uma triste realidade.

1.4. - Quarta avenida: Comportamentos e pensamentos no esporte

Acreditamos que os indivíduos das classes médias tenham leituras de mundo e sociedade, adequadas a seu perfil de ideologia, comportamento e consumo, de tal maneira que a identidade de classe não seja uma mera abstração. Acreditamos, portanto, que esta identidade seja responsável pelas ligações e conhecimentos existentes em várias áreas da cultura e do lazer, entre elas, o esporte. Todavia, estamos cientes dos movimentos de fascismo promovidos recentemente. Mesmo que não seja um fascismo hegemônico, o ar fascista dos dias atuais dissipa a energia do mal, condensada em uma série de violências. Este tipo de trator atinge o esporte, principalmente a educação do esporte.

Quando crianças e jovens são observados em práticas esportivas espontâneas, nossas crenças são conduzidas pelos ideais da saúde integral, do olimpismo e das boas relações sociais que poderão surgir em grupos de idades homogêneas. Quase sempre, os bastidores da corrupção do mundo esportivo e sua ganância são ignorados. O assunto gira em torno dos dirigentes inescrupulosos, das transações da política esportiva, das tramas e negociatas espúrias. São temas mais corriqueiros entre jornalistas esportivos do que entre professores ou treinadores. Jennings (2012) considera a existência de um jogo sujo na FIFA, extensivo aos poderes olímpicos do COI e com ramificações nas confederações e federações nacionais. O dinheiro, como denominador das trocas ilícitas, compra votos em eleições nestas entidades. Mais: corre por atalhos difíceis de serem descobertos, subterfúgios que desviam os infratores da cadeia. Há explicitamente uma falta de caráter nestes dirigentes endinheirados que declaram não saber de nada, mesmo quando as provas são evidentes. Aliás, o dinheiro lavado ou líquido, pode ser, também, aplicado em outras formas de dinheiro, quase impossível de obter rotas para seguir o seu itinerário. Como poderíamos inverter esta lógica com a utilização da educação como meio de enfrentamento? Seria esta uma questão, à partida, derrotada? Entendemos que não. É preciso travar este debate, em primeiro lugar pela busca de frear/minimizar a violência; em segundo, pela aplicação de uma teoria, a *alfabetização esportiva* (a ser esboçada na sequência) e, por fim, à questão da competição.

Além disso, questionamos o papel da mídia televisiva e internet, sua demasiada centralidade na aparência do esporte de rendimento. Jogos oficiais envolvidos por um entretenimento extremo, desde as curiosidades da vida de atletas até ao excesso de brincadeiras, propagandas, torcidas, etc. As narrativas são reconstruídas com ênfase na espetacularização em detrimento de análises factuais e interpretativas do jogo. Tal empacotamento de emoções serve ao consumo atrativo de produtos e serviços relacionados direta e indiretamente ao esporte. Os pacotes da “indústria cultural global” – a expressão é uma atualização do conceito de indústria cultural, cria lastros com os capitais dispersos e completamente autônomos. Fusões de empresas e corporações constituem o novo império

mediático. Tal movimento expansionista tem um elemento econômico peculiar. Trata-se da customização, isto é, da tendência de produzir a um público numericamente mais restrito, porém com um poder de compra compatível com esse mercado restrito. As classes médias, por exemplo, teriam, nesta lógica, uma capacidade de pagar a mais por um mesmo produto que, se ofertado às classes populares, as estratégias de marketing e economia de escala seriam outras. Perder a competitividade e trocá-la por mercadorias mais caras é, portanto, uma fórmula de sucesso. Hoje, muito do streaming, TV por assinatura, pacotes, canais de comentaristas, etc fidelizam os clientes, num processo denominado capilarização.

Do ponto de vista tecnológico, é evidente que a digitalização generalizada dos meios de geração, reprodução e transmissão tornou mercadologicamente possível a existência e a circulação de produtos adaptados a um consumo não massivo, sem que a lucratividade fosse diminuída (e, em alguns casos, até aumentada) (...) Estas características da customização guardam semelhança com a capilarização que é a capacidade de penetração de mensagens audiovisuais e textuais com a capacidade de resposta imediata dos estímulos, a interatividade. (Duarte, 2010, p. 96)

O ponto sensível dos programas de esporte, baseado em entrevistas, debates, jogos comentados e interatividade com o público cria laços com o combate ao tédio, estratégia simbólica das classes médias. O funcionamento simples seria trazer para o palco da excitação e do prazer, algo que foi perdido na prática corporal do esporte, na infância e juventude. Então, a continuidade da “prática esportiva” seria exercida diante de um aparelho, computador, smartfone, tablet, de forma individualizada.

1.4.1. Violência

Ir à raiz de determinado conceito não apenas extrai a sua constituição e forma, mas, principalmente, a sua essência e significados mais amplos. O conceito de violência, para além da aparência fenomênica, revela ligações com os objetivos do aparato policial e punitivo; no que tange ao uso da força para reprimir uma outra força supostamente exagerada; teríamos que questionar o papel do Estado. O exercício desproporcional da força sobrepõe-se à integridade física e emocional do corpo que expressou determinada energia. Crianças e jovens esportistas recebem, portanto, os impactos da violência externa (na família e no ambiente em que vivem)

e devolvem as primeiras manifestações de violência (interna e/ou reproduzida). Trata-se de um quadro em preto e branco, sujo de poeira, comum aos campos e quadras frequentados por todas as classes. Nele, os lampejos de violência se misturam com as questões familiares e sociais, em ramificações interligadas e dependentes. A violência dos meios de comunicação, tratada anteriormente é uma ponte para a violência física e simbólica que ocorre na prática esportiva de escolas e clubes. Antes do Estado, os indivíduos organizam-se em tentativas de filtrar os excessos e tais processos são multifacéticos; envolvem, desde altas somas de dinheiro até pequenas formas de enfrentamento; porém, para o Estado convergem as expectativas das classes médias.

A responsabilidade do Estado pela promoção e pelo cumprimento dos *imperativos objetivos* do sistema do capital é *colossal*, mas de modo algum, exclusiva (...) pois sem *desenredar* tantas coisas nesse terreno é impossível definir as linhas estratégicas *do que deve ser feito*, bem como *do que pode ser feito* em termos da realidade do Estado como parte integrante do sistema do capital. (Mézsaros, 2015b p. 59)

Ressalta-se que a boa agressividade dos contatos de corpos, no bom jogo esportivo não é sinônimo de violência. A formação ampla implica na separação entre violência e agressividade (contenção). Isso significa que a violência nasce nas entranhas da mente antes de atingir o corpo e, dependente das intenções e emoções, resulta em um comportamento x.

A perspectiva de uma emancipação política e/ou humana, com ou sem o Estado apresenta (mas não exclui) responsabilidade dos indivíduos na condução de processos de mudança. Estes, não estão desprovidos da violência pois, convivem com doses elevadas da ordem sócio metabólica do sistema do capital. Células violentas que compõem o tecido social podem ser, portanto, desencadeadoras de traumas e novas violências – até mesmo a reprodução de uma violência invisível, na qual fica difícil compreender o seu início. Uma maior proporção destas células ativa, conseqüentemente um maior número de pessoas; ao contrário, uma menor proporção, indica a possível (mas não provável) contenção da violência. A violência no esporte multiplica-se, principalmente se considerarmos que, para a sobrevivência da Escola e do Clube, não se pode permitir (e conviver)

com elevadas cargas de sarcasmo, bullying, racismo, imposição, etc e, portanto, é mais fácil excluir quem pratica a violência do que tratar do tema. No interior de aulas, treinos e ambientes abertos para crianças e jovens, a violência é um tema que tem nitidamente dois complexos: questões exteriores e questões individuais. Política, família, relações sociais, expectativas e formas de convivência são os traços fundamentais para expressar emoções contidas, como a raiva, a intolerância e o desejo reprimido. Em íntima relação com o esporte, a violência permeia fatos incontestáveis como a produção de energias de potencial tóxico ou explosivo, capaz mesmo de estragos consideráveis. Escrevendo sobre os conceitos relacionados à violência, Arendt adverte que as ideias de poder, vigor e força geralmente associadas à violência, nem sempre se unem na mesma perspectiva. Na verdade, o que pode ser extraído é que o domínio de um (indivíduo ou coletivo) sobre o outro é a lógica mais aceita. A autora considera tentador pensar o poder em termos de comando e obediência, e assim equacionar poder e violência como poder de governo, pois mesmo nos assuntos domésticos, a violência aparece como último recurso para conservar intacta a estrutura de poder contra contestadores individuais. Nos enquadramentos da educação e do esporte percebemos com nitidez tais traços, o que equivale a dizer que, tanto professores como treinadores, não arriscam abrir mão de seu poder como controladores de uma turma.

Tudo isso deve ser ponderado para não cair no extremismo do terror ou no ecletismo do nada fazer. Há um fator autodestrutivo da vitória da violência sobre o poder quando isso ocorre. Tal caminho pode ser sintetizado da seguinte maneira: A fim de manter a dominação, a violência passa a ser uma ferramenta de excessivo controle, ou seja, atinge um grau totalizante e naturalizado, assumido pela maioria envolvida, tanto na violência física como na simbólica. As facetas violentas da própria violência assumem formas inesperadas. Sendo instrumental, a violência é racional e eficaz. Pode servir para dramatizar queixas e trazer para a sociedade a denúncia.

Exatamente pelo excessivo controle, O Estado não pode ser hipertrofiado, evitado de penduricalhos entre poderes paralelos como as milícias e as falsas promessas da “proteção social”. Neste ponto sublinhamos uma oposição ao livre

mercado, mas, também, à liberdade estatal. A tese mezariana da ilegalidade do Estado, com ou sem violência, confirma tal necessidade.

O verdadeiro problema não é a violência genérica, mas a ilegalidade do Estado bem concreta, socialmente fundamentada e sustentada que emerge regularmente e afirma-se como uma questão de determinações de crise sistêmica (...) o monopólio da violência, independentemente de ser de fato falso enquanto monopólio pretensamente exclusivo, também é uma evasão ideologicamente flagrante e em causa própria do problema essencial, ou seja, a ilegalidade do Estado, mesma quando esta não se manifesta de forma violenta. (Mézszáros, 2015b, p. 52-3)

“Mais” ou “menos” Estado não é, portanto, uma equação que possa extirpar a violência, nem mesmo, situá-la em um patamar civilizatório. Diante da avalanche das violências, incluindo as manipulações, mentiras e formas ocultas, a superação do Estado e do próprio sistema metabólico do capital, apresentam-se como ponto de partida para uma vida cheia de sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas.

Não seria necessário dizer que, tematizar a violência é um procedimento preventivo. Alunos e jogadores necessitam, de forma permanente, escutar preleções sobre o tema. Parece tolo tal assertiva, porém não sabemos como garantir que o outro não tenha em seu coração, quantidades de violência potencializadoras de sofrimento. Na verdade, pouco podemos garantir dentro de um sistema caótico no qual a violência pode tanto aparecer como consequência deste caos, como também ser indutora de uma piora das relações estabelecidas. De qualquer maneira, restabelecer a lógica do funcionamento do esporte ajuda na compreensão do papel dos estudantes, professores e treinadores, suas promessas e seus limites. O domínio é um conceito de ligação entre os objetivos do jogo e os caminhos traçados para alcançá-los. Exercer o domínio sobre o outro ou a partir de uma posição de liderança não é só legítimo para a cena esportiva, como também, necessário. A dominação simbólica é recheada de controles e pulsações: as regras do jogo, a ética dos jogadores, a expectativa e tolerância dos torcedores. Nos variados processos pedagógicos, ensinar (e aprender) a lógica das competições esportivas passa a ser um meio de transposição às barreiras barbarizantes da

violência banal. Transmitida sem pudor, por meio de seus cabos de reprodução acrílica, a bola de neve da violência se transforma em partículas detentoras de ódio mortal. Uma das paralisias que tudo isso causa pode ser evidenciada pela massa de torcedores completamente impotentes diante de crueldades. Na tentativa de criar vias de compreensão e atuação possíveis para o tema, o reconhecimento da violência deve ser conduzido, não como algo a ser extirpado de uma só vez, mas como, um trabalho que visa domesticar sua essência e inibir os excessos. O debate sobre violência no esporte é fortemente vinculado à violência no/do futebol, violência de torcidas organizadas, violência física e simbólica de jogadores, segurança de eventos e alternativas de paz. No caso do futebol, o simbolismo do pertencimento/engajamento em torcida organizada foi facilitado por meio dos novos fetiches da mercadoria esportiva (estampas, uniformes, bandeiras, miudezas, etc) que os clubes utilizam como “divulgação”. Tal forma de comércio sugere nichos específicos de consumidores.

Nos anos 1990, as torcidas organizadas cresceram significativamente e, hoje em dia, algumas delas chegam a ter dezenas de milhares de associados. A maior parte deles é homem, jovem e se ampara num estilo de vida “de periferia” (...) Além disso, conforme já antecipamos, elas são constantemente rotuladas de violentas. (...) No cenário internacional, estudos baseados na obra de Norbert Elias indicaram que essas ações produzem uma excitação agradável, são fontes de reconhecimento e status dentro de alguns grupos e estão relacionadas a um ideal de “masculinidade agressiva”. (Lopes; Dos Reis, 2017)

Destacamos como machismo velado, a violência presente na “masculinidade agressiva” cujo termômetro oscila, para cima e para baixo. Isso ocorre pelo empoderamento do grupo que destila uma excitação agradável no indivíduo e o faz isca de um movimento irracional. Os coletivos de torcedores organizados são, portanto, constituídos de classes populares e classes médias em uma junção com o machismo explícito e velado. Cantorias, bombas, depredação, confrontos corporais, xingamentos diversos entre outras características são objetivados pelos grupos de torcidas que justificam suas ações com o palavreiro ingênuo da defesa do belo espetáculo esportivo. O Estado e a ordem jurídica e policial como mediador destes conflitos impõe aos jovens de variadas classes, sua posição dominante de

classe no poder. Outra ingenuidade deste tema é a tentativa de controlar o movimento por meio da alocação de mais polícia, seguida de medidas preventivas como câmeras de segurança, registros, proibições, etc.

Há ainda, um tipo de violência que poderia ser classificada no campo da ideologia. Jovens de classes médias são lançados ao ambiente esportivo, imbuídos de uma suposta superioridade ou domínio em relação aos outros. Não se trata de machismo, tampouco de racismo, mas de sentimento de classe superior, típico da mãe que pede ao filho para não misturar-se com “gente de baixo”. Isso pode criar atalhos formativos pouco controláveis, expressos na organização e escolha de grupos para formação de equipes.

1.4.2. Alfabetização esportiva

Ao nos debruçarmos sobre uma temática específica como a alfabetização esportiva, recuperamos a totalidade do processo de alfabetização, um dos motes para tratar das bases do esporte. Entre os pilares de sustentação do ensino e da aprendizagem, condensados nos processos de iniciação esportiva, destacamos uma convergência de conceitos: o corpo, a infância, o jogo, a aula de Educação Física e o treino no clube esportivo com um afunilamento para a faixa etária mediana da iniciação esportiva tradicional. (Figura 1)

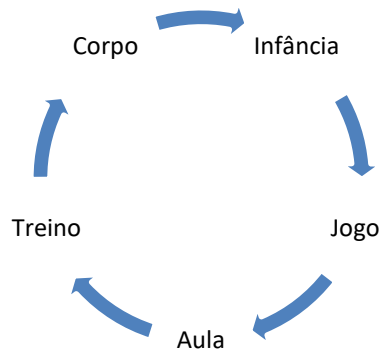


Figura 1. A costura da alfabetização esportiva.

Os saberes multidisciplinares são somados à particularidade de domínios do sistema alfabético-motor, ou seja, da aquisição de condicionamentos estruturantes,

como andar, correr, equilibrar, saltar, lançar, arremessar, receber e as inúmeras ênfases presentes em cada um destes valores. A área de aprendizagem e comportamento motor edificou como linguagem aceita, a construção de movimentos rudimentares, locomotores, manipulativos, estabilizadores e fundamentais. (Gallahue; Ozmun; Gooway; 2013)

Em mediação, o letramento corporal se apresenta como uma reunião de mapas, letras, sílabas, palavras e cores que o sujeito internaliza em seu corpo, totalidade substantiva que direcionará movimentos e intenções ao longo da vida. O letramento corporal ativa um processo paralelo, no qual caminham a alfabetização formal e a alfabetização esportiva. A socialização da criança, na família, na escola, no clube e na sociedade, constitui, finalmente, o sistema de suporte para que letramento e alfabetização formem uma equação exitosa.

Chamamos de *alfabetização esportiva* os diversos conhecimentos e saberes agrupados em torno do viver, do fazer e do pensar do esportista, processo lento que ocorre durante a escolarização formal, no clube e no interior da família e no conjunto de relações sociais. Refere-se ao processo cognitivo-motor, oriundo de práticas lúdicas com perspectiva pedagógica: incidental (jogar para aprender) e intencional (aprender jogando). (Grecco, 2012) No esporte, utiliza-se o conceito de literacia esportiva, porém, no nosso entendimento, somente após serem esgotadas as oportunidades da alfabetização esportiva. A literacia (conceito irmão da literatura) é definida como: as capacidades de leitura, escrita, cálculo e processamento de informação na vida cotidiana. Diversos materiais escritos (textos, documentos, gráficos), são utilizados para a vida profissional e social.²⁶

A alfabetização esportiva, ainda não é o esporte na prática, mas tão somente, a sua promessa. Como uma plataforma de alfabetização, induz à ideia de que, se bem-feita, pode, no futuro, colher frutos e êxitos. Uma criança alfabetizada nesta perspectiva, pode, por exemplo, desenvolver talento para a literatura, o teatro, o jornalismo, etc. No caso do esporte o raciocínio é similar, uma boa base motora, assegura, um desenvolvimento físico, biológico, psicológico e social que pode

²⁶ . Ver BENAVENTE, Ana et al. A literacia em Portugal. **Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica**. Lisboa: **Fundação Calouste Gulbenkian**, 1996.

conduzir, qualitativamente, ao desenvolvimento de talentos para a dança, a culinária, a arquitetura, a medicina, a geografia, às modalidades individuais e coletivas do mundo esportivo e tantos outros. Tudo isso, porém, depende de condições econômicas concretas que podem mudar, ao sabor de circunstâncias não previsíveis.

A alfabetização esportiva, neste contexto, é uma *preparação para a entrada no mundo do esporte* e, portanto, condensa a ideia da necessidade de um alfabeto motor e da própria discussão do tema, ainda restrita a círculos acadêmicos. No sentido de incrementar a iniciação esportiva, a percepção de uma totalidade, composta por brincadeira, corpo, infância, jogo, e mundo do esporte indica um debate complexo e necessário, não disponível à maioria das famílias. O atraso, pode, por exemplo, ser visto no número apresentado pela Organização Social “Todos pela Educação” (2018): 30% da população é constituída por analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que têm dificuldade de expressar, escrever, coordenar, manipular conceitos entre outras habilidades. Transferimos este conhecimento para as múltiplas formas de aprendizagem corporal e esportiva, chegando à ideia chave de que a alfabetização esportiva não pode ser reduzida a *um simples processo de letramento e iniciação*, ao contrário, é um dos trabalhos realizadores, principalmente nos anos iniciais da formação infantil.

Há um vasto repertório de movimentos, pensamentos, transferência de conhecimentos para diferentes jogos e atividades, bagagem acumulada dentro e fora da família. Assim, o desafio para os dias de hoje seria: 1 - Superar a dicotomia entre a negação do esporte e a especialização precoce; 2 - Tratar a alfabetização esportiva dentro de uma escola de tempo integral, diante das novas tecnologias de informação e comunicação. Para tanto, seria necessário recriar a riqueza de ambientes como a rua, a praça, o parque, o condomínio e a própria escola para *trazer* o conhecimento produzido nestes ambientes para dentro do treino. Diante das transformações do mundo infantil, quando recebe os impactos das regras do esporte convencional, um reordenamento da lógica do ensinar e aprender esportes se impõe como urgente. Neste ponto, é importante um retorno à compreensão do ser da criança, percebendo-o como corpo inteiro, portanto, não como corpo

fragmentado, mas a totalidade corporal do ser criança, que envolve, dialeticamente, a objetividade e a subjetividade como parâmetros enriquecedores. Ainda em fase formativa, a criança tem o direito de receber, com qualidade, educação integral sobre os valores olímpicos e o olimpismo. (Rubio, 2009)

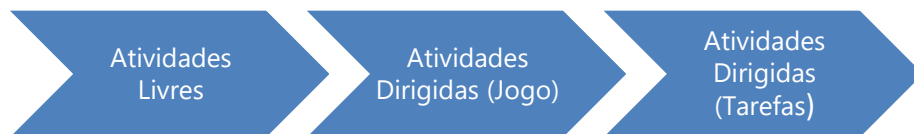
Então, a ideia da alfabetização esportiva não pode ser restrita ao saber ler e escrever o jogo, ou seja, não é simplesmente jogar. Deve ser incrementada com os conhecimentos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos do esporte. Além disso, há que se buscar ambientes múltiplos e significados mais amplos como o letramento corporal, processos pedagógicos que incluem a família, a escola e o clube para a criação de novas formas de jogos e esportes.

Sem fugir às orientações mais gerais do crescimento e desenvolvimento humano, incluídos os incentivos à prevenção de doenças e a promoção de uma saúde integral, procuramos por verbos que expressam indicações para atividades na educação infantil, no sentido que aproximá-los à ideia da alfabetização esportiva e, por sua vez à desenhos mais específicos para a pedagogia do esporte. O exercício mental, extraído de Barbanti & Tricoli (2004) foi a junção destes verbos no esboço de atividades, conforme segue.

As crianças em idade pré-escolar balanceiam as atividades energéticas como **correr, pular, jogar bola, brincar**, etc., com alguma atividade passiva e sedentária. Algumas crianças, no entanto, precisam de encorajamento frequente para exercícios mais vigorosos, ao passo que outras necessitam de restrições dos professores para evitar a exaustão. No geral elas precisam de suficientes possibilidades de movimento que estimulem de forma fantasiosa e variável **correr, saltar, saltitar, trepar, subir, balançar, pendurar, oscilar, puxar, empurrar, carregar, lançar e apanhar**, assim como outras formas de movimentos fundamentais. (BARBANTI; TRICOLI, 2004, p. 205) (grifos meus)

Tal eixo permite visualizar sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas mais próximos ao esporte, ou seja, permite enquadrar as atividades, ao mesmo tempo como gerais e particulares. Permite também, no que tange à particularidade da criação (do profissional e da criança), encontrar um caminho diferenciado para sua execução.

Figura 2. Três ênfases pedagógicas.



Alfabetização esportiva e letramento corporal se completam. Ambos os valores são construídos paralelamente ao processo de alfabetização formal. Na infância dos dias de hoje, as atividades físicas e esportivas, neste universo apresentam-se confinadas, se considerarmos as múltiplas possibilidades dos tablets e smartphones. O espaço da rua e do espontâneo foi transformado. Isso também envolveu a educação familiar e uma nova disposição em espaços como o condomínio, os shopping-centers e as praças públicas. Embora questões emergentes positivas e negativas sejam entrelaçadas nas discussões educacionais, o mundo infantil continua repleto de possibilidades visuais, auditivas e de relações sociais, o que faz com que as crianças, logo cedo, tenham oportunidades variadas.

Entre os universos de formação cognitiva e motora, a alfabetização pode ser útil para a Pedagogia do Esporte, tendo em vista que já foi intensamente experimentada na Educação Infantil e em momentos de intenso desenvolvimento da Educação Física na escola. Quando os conceitos são inter-relacionados, ou seja, letramento corporal, alfabetização esportiva e a própria ideia de literacia esportiva, (envolvimento do esporte para a vida) entendemos que o tema como um todo ganha relevo e densidade.

1.4.3. Competição

As crises capitalistas, (econômicas, sociais e culturais) são fomentadas por competições entre Estados, empresas e agentes nos mercados. Formam-se monopólios e oligopólios que limitam e comprimem os pequenos. Por intermédio de leis coercitivas e agressivas de competitividade (nacional e internacional) os

mercados forçam os capitalistas à saltos de inovação nos processos de produção; o trabalho é aumentado em termos de um quantitativo de horas (mais-valia absoluta) e, de uma maior intensidade no interior das jornadas (mais-valia relativa). Isso torna o sistema, por necessidade, dinâmico do ponto de vista tecnológico. Competir no mercado, para a concepção geral do capitalismo, requer a atenção de três características fundamentais do modo de produção: 1 – O capitalismo é orientado para o crescimento; 2 – O controle do trabalho na produção e no mercado é essencial para o lucro; 3 – O capitalismo é, por necessidade, tecnológica e organizacionalmente dinâmico (Harvey, 1994). Então, vivendo em uma sociedade global e, portanto, no meio de uma globalização competitiva entre nações, empresas e capitais, na busca por fatias alargadas de mercados consumidores, vivemos em permanente competição (Chesnais, 1995).

A ideia de uma mundialização do capital considera que a globalização está dentro deste processo, mas faz parte dele como a tentativa de salvar a crise capitalista. Continua a ocorrer uma competição financeira desleal de grandes capitais, porém, seu poder de fogo é dirigido à expansão do sistema. Desta maneira, um mercado mundial do capital é formado, em função de uma transformação econômica do tipo unidade mundial de produção e trocas. Por sua vez, as empresas são mundializadas com o fortalecimento da era comunicacional digital. Isso aumenta as chances de incremento de produtos e serviços envolvendo a concepção, a produção e a distribuição. Aos poucos o sistema cria adaptações na forma de gestão mundializada. Os traços constitutivos desta engrenagem e as consequências para as famílias de classes médias incluem trabalho, salário, renda e emprego em estado de degradação.

A influência da mundialização do capital sobre o consumo das famílias dá-se mediante dois caminhos principais. O primeiro é aquele da diminuição da renda do trabalho assalariado (...) essa influência acentua-se por um aumento da tendência em poupar da população de renda média (e até de baixa renda) em face das incertezas perante o futuro. Os países onde o nível de desemprego é alto e onde a “cultura” do trabalho “informal” ainda é pouco desenvolvida são os primeiros a ser afetados pela queda do consumo das famílias (...) O segundo caminho é aquele da redistribuição da renda nacional em proveito dos rendimentos rentistas, que se desenvolveu, dependendo dos países, a partir do

início ou do meio dos anos 80. Essa redistribuição resulta do advento dos mercados financeiros e das aplicações. Leva a uma polarização da oferta nas altas rendas, que molda aos poucos os contornos e orienta parte das despesas de P&D industriais para objetivos estéreis do ponto de vista social. (Chesnais, 1995, p. 27)

Este é um contexto com tendência à perversão; está impregnado nas pessoas e dita as normas da convivência tornada pacífica pois o “mundo globalizado” dirão os defensores capitalistas, torna possível comprar e vender mais rapidamente e com menos burocracia. Para exemplificar as entranhas da competição e seu enraizamento nas classes médias, recuperamos uma fonte do marxismo que discutiu o processo de expansão muito antes da mundialização.

Rosa Luxemburgo lembra que, no interior de classes ascendentes há um objetivo de poder: criar rotas de dominação pela ciência, intelectualidade e cultura. Ao pinçar tal esquema teórico e remontá-lo, historicamente por meio da luta da então burguesia contra a aristocracia, o resultado é, novamente, a dominação, desta vez de uma nova classe.

Em toda sociedade de classes a cultura intelectual – a ciência, a arte – é uma criação da classe dominante, e têm o objetivo de satisfazer, em parte, as necessidades do processo social e as necessidades intelectuais dos membros da classe dominante. Na história das lutas de classes até hoje, também as classes ascendentes – como o terceiro estado na modernidade – foram capazes de antecipar sua dominação intelectual em relação à dominação política ao opor uma ciência e uma arte novas à cultura obsoleta do período decadente. (Luxemburgo, 2021, p. 127)

Há mais de cem anos atrás, poder-se-ia ter a clareza de que a competição das classes ascendentes (leia-se classes médias) tinha como objetivo satisfazer as suas demandas e, assim, dominar. Reforçamos também, para os dias atuais, em adição à este pensamento, a pluralidade das lutas. Trata-se de um “terceiro estado”, ou seja, de um conjunto amplo de pessoas capazes de fazer o que o Estado não fez.

Em outra direção, Luxemburgo avalia o sentido exponencial da competição capitalista e o faz a partir da ideia de expansão. Seria como somar um conjunto de lutas para que as classes tivessem sua acomodação e domínio garantidos. Como a classe dominante tem lastro de séculos em seus tentáculos de dominação, o processo expansionista fica facilitado. Basicamente, a expansão capitalista é

diretamente proporcional às guerras que visam territórios coloniais. Este é o sentido mundial deste tipo de estratégia.

É pura ilusão esperar que o capitalismo se contente somente com os meios de produção que for capaz de obter por via comercial. A dificuldade que o capital enfrenta neste sentido reside no fato de que, em grandes regiões da Terra as forças produtivas se encontram sob o controle de formações sociais que rejeitam o comércio, ou não podem oferecer ao capital os meios principais de produção que lhe interessam, porque suas formas de propriedade e o conjunto de suas estruturas sociais excluem de antemão tal possibilidade. Isso acontece sobretudo com o solo e com a riqueza que este contém em minerais, externamente com os pastos, bosques e reservatórios de água, ou com os rebanhos e povos primitivos que se dedicam ao pastoreio. Esperar pelos resultados do processo secular de desagregação dessas regiões de economia natural, até que esse resultasse na alienação, pelo comércio, dos meios principais de produção, significaria, para o capital, o mesmo que renunciar totalmente às forças de produção nesses territórios.” (Luxemburgo, 2021, p. 32)

A expansão do capital tem, portanto, a estratégia geográfica de abrir caminho para a colonização de territórios e povos, espaços não capitalistas ou áreas virgens que serão estimulados a criar rotas mercantis. Ao fazer isso, os sentidos expansionistas irão abocanhar as relações sociais e pessoais em uma compressão incontrolável, ou seja, como regra geral, todo o tecido social será submetido ao capitalismo e sua forma competitiva, inclusive, Estado, políticas sociais e culturais aparentemente opostas à tais vibrações. Há, porém, potencialmente, um conjunto de classes médias que farão parte do futuro mercado consumidor desta expansão. Serão novos produtores e consumidores não incluídos nas categorias convencionais de capitalistas e classe trabalhadora, porém que dependem de mercadorias de todo tipo. Como se sabe, a sensibilidade das mercadorias, seus atrativos estéticos e seus aspectos funcionais indicam aos compradores, que os benefícios serão proporcionais aos custos e, portanto, vale a pena comprar.

Ao considerar a expansão do capital como um fenômeno de atualização do marxismo as principais ideias deste tema localizam-se nos capítulos 2 e 3 de O Capital) a autora faz um esboço das consequências desta teoria e, ao mesmo tempo, posiciona-se contrariamente.

À medida em que vai crescendo o número de participantes dessa caçada em busca de novos campos de acumulação de capital e diminuindo o número de regiões não capitalistas ainda abertas à expansão universal do capital, mais acirrada se torna a luta, ou a competição, visando a conquista dessas regiões de acumulação; tanto mais frequentes também se tornam, no cenário mundial, as incursões do capital, as quais acabam constituindo verdadeiras cadeias de catástrofes (de ordem econômica ou política), representadas pelas crises mundiais, pelas guerras e pelas revoluções” (Luxemburgo, 2021 p. 113).

O acirramento das lutas ou aumento da competitividade pode ser visto nas vaidades individuais dos capitais para si. Regras pseudodemocráticas e falsidades dos círculos acadêmicos são reproduzidas para que a pacificação atinja uma determinada plenitude ou alívio nesta escalada descontrolada. Então, é válido difundir práticas sadias de convivência entre povos; é válido competir com regras honestas para aprender o funcionamento do jogo comercial; é preciso, de qualquer maneira e com os meios que estão disponíveis, lutar para poder sobreviver no mercado.

Para dentro das famílias e dos orçamentos domésticos é preciso poupar para o futuro dos filhos e, com continuidade ao momento anterior, é preciso cortar gastos e aumentar receitas. A competitividade apresenta-se, portanto, como o novo padrão de performance dos territórios no cenário de globalização desigual (o termo mundialização do capital parece ser mais abrangente) e alastra-se para as células e intenções de grupos, famílias e pessoas.

Como que este mecanismo penetra na educação e, em particular, na educação esportiva? Para responder à questão, incluímos na mistura, o enquadramento da família e a trajetória educacional formal (escola e clube) como unidade inseparável. O sentido plural do currículo, consideradas as suas diversas fases ao longo da vida esportiva, assim como as arestas, as discrepâncias e os desvios dentro e fora da família, será afetado e, como é um dos responsáveis pela formação humana e profissional de caráter amplo, com visão de integralidade, será fortemente atacado. Como a trajetória curricular não é uma linha reta mas um espiral de possibilidades, as expectativas e os objetivos traçados, ainda que cheios de intenção proativa e desejo de acerto, são comprometidos por franjas da competitividade, do ponto de vista das diferenças e domínios individuais.

Formação e intervenção, nesta perspectiva, como faces de uma mesma moeda, calcadas na criatividade, indicam os sinais que normalmente são considerados na educação formal (escola e clube) e na família; tudo isso pode ser incrementado por desenhos competitivos e saudáveis, porém, necessita de alta qualidade pedagógica. Por diferentes atalhos, o caráter da competitividade global visa destruir a pluralidade e a amplitude do currículo, da formação e intervenção de qualidade socialmente diferenciada. Destacamos ainda, que a lógica da escada educacional em conformidade com a lógica da escada esportiva, ou seja, anos de escolarização em consonância com anos acumulados de prática corporal e esportiva poderão ser freados na perspectiva de enxugamento dos currículos, saberes e cargas horárias para diferentes tempos educacionais.

Assim, ao partir do pressuposto que as crianças ascendem a níveis mais elevados de sofisticação no conhecimento, na medida em que avançam na idade e, atingem determinados picos de ruptura e continuidade, com sedimentação de saberes próprios à sua bagagem, compreendemos que as horas de práticas corporais e esportivas devem ser acumuladas e registradas; quando possível, aumentadas. Este debate é dramático, particularmente no que se refere à competição imobiliária, posse, uso e desenvolvimento do espaço urbano. Como consequência do avanço da mundialização e financeirização, os capitais imobiliários são somados ao consumo de propriedades individuais e, com isto, devasta as áreas virgens (terras, matas, espaços não ocupados, etc.) em busca de nova produtividade. Como a terra é imóvel e irreprodutível a competição entre os agentes econômicos tem como objetivo diminuir custos para viabilizar-se. O capital simbólico da competição por melhores espaços de moradia e lazer é buscado pelas classes médias. Entre outras questões geográficas e urbanas, a falta de espaço para o esporte emerge como questão estratégica.

Segue-se a isto informações e conhecimentos sobre os espaços para as práticas corporais do esporte, do jogo, do exercício e do lazer. O modelo de desenvolvimento da participação esportiva, do inglês *developmental model of sport participation* (DMSP) é um dos caminhos interessantes para a reflexão dos atalhos por onde passam discussões produtivas sobre o jogo e as ramificações dos sentidos

esportivos. Trata-se de uma concepção ampliada da noção de desenvolvimento tendo em vista as múltiplas atividades exercidas em vários espaços. Os defensores deste modelo advogam dois conceitos básicos: o de *jogo deliberado e prática deliberada*. Considerando que a média das famílias encontram-se sufocadas entre a sobrevivência, as dívidas e o sonho na educação dos filhos, compreender os caminhos de formação e intervenção passa a ser um desafio para aqueles que lidam com as chances da educação esportiva em nossa atual configuração societária, especialmente, de maneira desafiadora, em países como Portugal e Brasil.

O modelo do DMSP sofreu críticas e seus idealizadores, apresentaram, em complemento, o PAF – Quadro de desenvolvimento de valores pessoais.

A relação pai-atleta também se faz importante neste contexto. Pais que respeitam a decisão do treinador e demais autoridades envolvidas com a modalidade esportiva, por exemplo, parecem influenciar os filhos de maneira positiva. Famílias que praticam e/ou consomem o esporte não necessariamente são pré-requisitos para manter a criança motivada no programa esportivo. Deste modo, é preciso expor o valor e o significado de se envolver em atividades esportivas, sendo importante que os pais ofereçam oportunidades para hábitos de vida saudáveis relacionados ao exercício físico. (De Souza; Vicentini; Marques, R, 2020)

Constatamos também, que há um gargalo a ser enfrentado neste tema. Mais do que uma simples visualização de abordagens e tendências, divisões etárias e programas, as crianças e os jovens são pressionados pelas famílias para outras carreiras fora do esporte. Isso significa que deve haver um hiato na formação, pouco percebido pelos intelectuais. Perguntas do senso comum que desestimulam a prática esportiva evidenciam a pressão exercida pelos adultos, muitas delas polêmicas, que podem ser lidas por lentes positivas ou negativas a depender dos possíveis diálogos dentro e fora da família: O que fazer com o esporte? O esporte dá dinheiro? Não é melhor seguir uma profissão sólida? Para que praticar esporte se não há incentivo? Mas, não é só isso. Os cortes de classe, presentes nas famílias de rendimento médio, influenciam o gosto, a entrada, a permanência ou o abandono do esporte. Na mesma direção há que se observar o núcleo sensível das emoções de crianças e jovens. Por *núcleo sensível* entendemos a proximidade dos professores com os alunos, no sentido do carinho, não como mero coadjuvante,

mas como estratégia profissional. As emoções das crianças e dos jovens são ligeiramente diferentes das emoções dos adultos; há um peso central, que diz respeito ao conhecimento das emoções que, depende fundamentalmente, de acúmulo de experiência. Ao redor deste núcleo encontramos os aportes pedagógicos, assim como as estruturas físicas, equipamentos, materiais e gestão. Seria como, hipoteticamente traçarmos metas para cada um dos quesitos e estabelecer uma média final, ou seja, um quantum de emoção. Apostamos que esta média é baixa, por uma série de inconvenientes *enjaulados* nos sistemas educacionais.²⁷

Decodificamos a estrutura emocional a partir do contraditório que é inerente à ela. Isso significa que há mudanças repentinas nas emoções de crianças e jovens, ou seja, o alegre e o triste podem ser rapidamente alternados em função da não total pureza destes sentimentos - quase sempre o alegre contém uma parte do triste e o triste, uma parte do alegre. Conseqüentemente, as emoções (positivas e negativas) tornadas comportamentos reais nos treinos e nas competições apresentam-se como um termômetro (mais quente, mais frio) ou balança (pendente para um lado, pendente para outro); podem ser diagnosticadas por professores e treinadores, assim como podem ser desenvolvidas, freadas, impulsionadas, contidas.

Categorização das emoções

| | |
|--|---|
| Emoções positivas (contraditórias) Elogios | Emoções negativas (contraditórias) Críticas |
| Alegria/Aberto | Tristeza/Fechado |
| Respeito | Indiferente |
| Surpreso | Embaraçado |

²⁷ . Ver Sadi (2016) e a discussão do caos educacional, quadras sem cobertura, sem manutenção, sem espaços adequados, quase sempre abandonados. Muitos alunos para poucos professores, muitas turmas e poucos horários, conteúdo disperso ao longo do currículo, em que pese as iniciativas de homogeneização e de diretrizes democráticas, excessiva burocratização dos processos de aquisição (compras), limpeza, reformas e manutenção, pais alienados, ignorantes e sem compromisso com os sentidos humanos das práticas corporais e esportivas.

| | |
|-----------|-----------|
| Indignado | Frustrado |
|-----------|-----------|

Tabela de emoções criada pelo autor

O formato de competições esportivas que privilegia uma compreensão dialética, complexa e ampla, também se encontra condicionado ao ambiente social, às estruturas físicas (espaços, equipamentos e materiais) e às orientações políticas e didáticas. Para enfrentar este conjunto limitador, qualquer que seja o ambiente de competição, é necessário que seja *oxigenado*. Entendemos por ambiente oxigenado as práticas sadias do *fair play* e a limpeza do ambiente do jogo, as inovações e um suporte criativo das lideranças (Sadi, 2016; Scaglia; Medeiros; Reverdito; Montagner, 2013; Virgílio, 2017).

O ambiente familiar é repleto de contradições mas, também, revelador dos potenciais que podem ser produzidos para a superação dos problemas de relacionamento, expectativas dos pais, medo dos filhos e a própria ideia de oxigenação dos treinos e das competições. Ninguém escolhe onde nasce, portanto os percursos da educação em geral são reverberados na família. No que se refere aos aportes pedagógicos que possam elevar a qualidade da formação, destacamos 3 modelos ecológicos de ensino e treino, atrativos por desafiar o pensamento e a ação de professores e treinadores, ousados naquilo a que se propõem. Nestes modelos, convivem o espaço da educação moral e suas fragilidades diante de um ambiente fragmentado e líquido como o que vivemos. Isso implica que o esporte também será fragmentado e líquido, isto é, sem a continuidade, sem os desafios e sem as estruturas físicas e simbólicas que determinam totalidades (Hirama; Montagner; Baía; Matos, 2012).

Embora o principal ambiente de competição seja o jogo em si, a formação no esporte compartilha uma série de valores como o *fair play*, o convívio social, o campo afetivo e ético. No interior deste vasto ambiente há que se reconhecer pontos de inflexão fundamentais: aprendizagem, consolidação do apreendido, experimentalismo, projeto e superação (Sadi, 2012). As classes médias e suas frações, a diversidade cultural e a forma de ser e comportar-se de crianças e jovens são indicadores pedagógicos para a ponderação e a avaliação dos comportamentos esportivos em diversos ambientes. Na sequência, diferente do esquema tradicional

“todos são iguais à partida”, esboçamos sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas das classes médias, no quesito pertencimento/engajamento, quando direcionado à promoção e aposta de carreira esportiva.

Capítulo 2 - O pertencimento/engajamento na promoção e aposta de carreira esportiva

Entre os vários desafios e responsabilidades que devem ser observados na promoção e no tratamento do esporte, sintetizados pela perspectiva de *esportivizar a escola e escolarizar o esporte*, é preciso criar uma ofensiva pedagógica que enfrente a questão da exigência e da disciplina, no sentido de *melhorar a aprendizagem e otimizar a instrução* (Rosado; Mesquita, 2011). Como meio de renovar a educação e emprestar-lhe um lado festivo, o esporte carrega o sonho, a esperança, a afetividade e a sensibilidade dos corpos que partilham humanidade. Mas é preciso substituir as lamentações por estratégias de ação e responsabilização por seus cursos (Bento, 2004). Ao tomar a decisão de ensinar, aprender, treinar, exercitar e render, professores e jovens são confrontados com o enigma da competitividade e do ceticismo e chamados a transpor obstáculos. Acelerar e tolerar são posturas emocionais a serem exigidas dentro de uma competição e, mesmo que se queira, não há como fugir disso. A formação acumula déficits históricos e, na contramão, é preciso desenvolver modelos pedagógicos como o Sport Education (Lopes, 2018).

O denominador comum passa a ser o jogo como meio de ensinar e aprender as bases do esporte somado à competição como momento de fortalecimento, confiança e superação, ou seja, o jogo como ferramenta do processo. Nesta base formativa são incluídos os insumos do fazer do esporte: os exercícios e tarefas relacionados à técnica; os esquemas intelectivos das táticas; as dicas e leituras dentro das práticas; as perguntas e respostas do *feedback* avaliativo (Sadi; Costa; Sacco, 2008).

Tudo parece encaixar-se perfeitamente: a formação integral com o esporte, o esporte com os objetivos do(a) treinador(a) e estes com o universo dos

conhecimentos sobre o jogo, uma categoria que funda as bases do esporte e as explora historicamente. No entanto, os encaixes não são perfeitos. Há ajustes a serem feitos na ocupação do tempo e na reprodução familiar de uma educação comprometida com a produtividade. Há, provavelmente, intenções não discutidas suficientemente, no interior das famílias, sobre as quais pouco se pode dizer. (seriam resultado da falta de acordo tácito entre pais e filhos, isto é, de uma desconfiança mútua, quanto às verdadeiras chances de se firmar no esporte?)

As classes médias, portanto, continuam na luta, por herdeiros obedientes, competentes e produtivos, de tal forma que este compósito de valores possa lhe trazer status e poder. Questões sem resposta (ou com respostas nebulosas e confusas) têm sido comuns em tempos sem esperança. O não dito e as plenas convicções são misturados nas intenções de formação. Assim, *a esportivização da escola e a escolarização do esporte* devem ser observados com cautela: se, de um lado, uma ofensiva pedagógica puder ser, o máximo possível, democrática (e há dúvidas quanto a isso), por outro, deve-se criar uma defensiva pedagógica no sentido de resguardar a autonomia dos aprendizes (na escola, como alunos, no clube, como jogadores e, em casa, como filhos). A metáfora do ataque, da defesa e das transições em um jogo de invasão, por exemplo, serve para iluminar, o que chamamos de ofensiva ou defensiva pedagógica. Em outras palavras, ao mesmo tempo, encontramos caminhos de desenvolvimento do esporte. Neste imbróglio, a principal equação a ser resolvida não parece relacionar-se à educação como pedagogia, mas aos investimentos, em termos concretos e simbólicos das classes médias, ou seja, ao dinheiro, aos princípios morais, aos esforços e desejos de pais/responsáveis e treinadores.

Como realização de expectativa familiar, o esporte é inculcado desde cedo, na mente das crianças; fracionado em prazer, responsabilidade e ocupação do tempo livre. Não pode ser parcelado e trocado por muitas exigências, pois, nesta fase, para quem o pratica, normalmente não há o que cuidar/preservar. Por volta dos dez anos de idade há uma intensa simpatia por uma ampla gama de manifestações esportivas ainda incipientes, porém sensitivas e pulsantes. Nesta faixa etária, a alfabetização esportiva provavelmente esgota seu papel. A

motricidade, tendo atingido certo equilíbrio estável, entre os valores sociais do permitido e do proibido, está pronta para o conhecimento de novas oportunidades. Será preciso mais alguns anos para que as dimensões da saúde, da estética e dos problemas relacionados à nutrição apareçam. Nos esportes coletivos, a preponderância do círculo de amizades mais imediata será decisiva como elo de pertencimento deste(a) esportista, em fase de construção. Os resultados práticos dos treinos e das competições funcionam como motivação e atiçam a curiosidade por mais desafios. As brisas, porém, podem ser perdidas na trajetória familiar que os jovens percorrem nestes momentos.

Aqui, há uma nota fundamental que é preciso sublinhar. Na drástica redução de espaço para o lazer e o esporte, imposta pela atual irracionalidade imobiliária do capitalismo, ou seja, na exploração do urbano com lógica pautada em lucro, os terrenos, praças e becos que antes eram destinados ao corpo transformam-se em construções verticais e asfalto. Existe, portanto, um espiral de destruição criativa e promessa de uma nova criação que é ilusória, isto é, o ajuste espacial efetuado, permite aos capitais, invadir áreas virgens (desocupação forçada) e gerar valor a partir da venda de um produto novo (apartamento). O fluxo de expectativas e desejos para futuros consumidores (classes médias) far-se-á sentir enquanto os ocupantes das moradias antigas são desalojados (classes populares).

A urbanização, citada por Harvey (2000), recebe e escoia capitais ociosos antes improdutivos em outras escalas e esferas. As paisagens são recriadas a um custo social invisível (os trabalhadores não serão ouvidos) e isso se faz por um processo de *destruição-criativa* orientado pelas necessidades da burguesia (manutenção de sua hegemonia) e das classes médias que julgam que não há problema em retirar as pessoas de suas moradias desde que se devolva alguma compensação a elas. Às médias e grandes cidades, o desenvolvimento e a geração de empregos são vendidos pela publicidade e marketing dos empreendimentos por meio de financiamentos bancários que estrangulam as classes médias em longas prestações mensais. Predomina-se fortemente, uma ideologia impositiva, baseada na retirada de trabalhadores de seus locais de origem ou ocupação somada à

compressão do orçamento das famílias. Retiram-se sutilmente, os espaços de brincadeira, jogo e esporte de seus filhos, numa palavra, seus sonhos.

A 'homogeneização' de bairros ocorre por meio de tipologias arquitetônicas e está diretamente ligada à segregação social. À medida que bairros são adensados com torres residenciais, eles passam a atender apenas a faixas específicas de renda. O congelamento de áreas de interesse social – não se pretende discutir aqui sua legitimidade – também provoca exatamente o mesmo efeito (Aguiar et. al., 2012).

A discussão conduzida por especialistas em Arquitetura evidencia que a questão estética está em aliança com a ideia do espaço público, inicialmente para todos. Mas, como na prática, a teoria pode ser outra, verificamos que há uma série de contradições nos aspectos visuais das cidades. O que sobra, são lugares sujos e/ou abandonados e, então, o empresariado, em aliança com os banqueiros, ocupa, constrói, promove, devasta.

O produto a ser entregue são as tecnologias de informação, comunicação e diversão, em forma de recompensa ou troca pela destruição consumada. Desviam o foco das lutas e locupletam o tempo de todos; exigem das novas gerações, uma resposta palatável ao tempo livre, do tipo: *Deves ser capaz de manipular adequadamente suas tarefas*. Nesta equação, reside também, as normas comportamentais - cobrança dos adultos aos mais jovens: exige-se disciplina, pontualidade e produtividade. Na contramão da promessa educativa, o pacote pode tornar-se excessivo para quem ainda não está pronto ou disposto ao ordenamento social. No caso dos esportes coletivos e seu vasto campo de sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas, muitas vezes se esquece que, quem irá trilhá-lo, encontrando-se em momentos contraditórios de formação, não é capaz de enxergar a proposta na sua totalidade. Esquece-se também das confusões entre trabalho e tempo livre, supondo que o tempo dos estudantes, necessariamente é livre, o que nem sempre é verdadeiro e, provavelmente, é falso na própria consciência petrificada dos pais, adquirida, no encontro da vontade em subir ao estrato imediatamente superior da classe média com os desejos e subjetividades de espelhar nos filhos, o chamado bom exemplo. Como um suposto modelo a ser

copiado, os pais cometem vários erros ao entregar aos filhos, um *espelho* a ser seguido.

Adorno avalia que há uma cilada, denominada *pseudo atividade*, engendrada pela burguesia para, de forma inconsciente, acumular mais capital. Por caminhos da psicologia, abandona-se o outro em função de uma economia doméstica, de tipo burguesa, como o *machado em casa economiza o carpinteiro*. Afirma o pensador que o cinismo e a imbecilidade ocupam a consciência das pessoas e, nas traquinagens que escolhem como tempo livre, (na verdade, nada livre, mas, petrificado no trabalho alienado) deparam-se com o hobby ou o tédio do tempo coisificado.

A rígida divisão da vida em duas metades enaltece a coisificação que entrementes subjugou quase completamente o tempo livre (...) O *do it yourself*, um tipo de comportamento recomendado atualmente para o tempo livre, inscreve-se, não obstante, em um contexto mais amplo. Eu já o designei há mais de trinta anos como *pseudo-atividade* (...) Tempo livre produtivo só seria possível para pessoas emancipadas, não para aquelas que, sob a heteronomia, tornaram-se heterônomas também para si próprias (Adorno, 1995, p. 79).

Diante de um emaranhado caótico que é a educação familiar das classes médias, o tempo livre passa a ser cada vez menos livre. Isso porque as pressões por produtividade são marcadas em todos os membros destas classes como possibilidade de troca de um *suposto trabalho* por tempo livre, ou seja, as satisfações compensatórias são institucionalizadas fazendo com que a tênue demarcação trabalho/tempo livre fique confusa na cabeça do homem comum. Reside também aqui, a ocupação do tempo de crianças e jovens que são direcionados ao esporte. Podemos assim orientar dois caminhos para esta discussão: de um lado, a cilada adorniana que prevê a domesticação do tempo como ilusão e pseudo atividade; de outro, um desdobramento apocalíptico que prevê emancipação do trabalho (e tempo) produtivo.

A domesticação do tempo não pode ser um debate ingênuo, indutor da ideia de que, quem dirige as famílias, têm o poder de controle sobre os filhos. Desde o rádio, passando pela televisão e, até a chegada da internet, tal compreensão até poderia ser enquadrada como correta, porém, as redes de computadores hoje,

cumprem um papel avassalador quanto ao potencial de (in)formação na cabeça de crianças e jovens, de tal maneira que aos pais, o próprio controle aparece descontrolado. Vivemos em um ambiente aparentemente livre no qual as redes sociais ocupam boa parte de nosso tempo. Isso provoca um domínio de mentes e emoções, um controle *quase imperial* de nossos comportamentos. Em muito, perdemos a nossa privacidade (e possivelmente, a nossa capacidade de amar). Amarrados ao smartphone, computador e/ou tablet, nossos sentimentos foram também amarrados, fazendo com que a liberdade fosse confinada às possibilidades de consumo - compras pela internet. Em plena era de intensa alienação, estamos todos, 24 horas do dia, conectados; à busca de sensações diferentes, novidades, modas, alimentos, serviços, etc.

Todavia, em ambos os caminhos, as responsabilidades teriam que ser divididas e isso, é cada vez mais difícil em uma sociedade que dá adeus às práticas coletivas, ao sentido coletivo no geral. O *do it yourself* (faça você mesmo) como vencedor temporário do agrupamento social mais coletivizado é perverso para qualquer tentativa de mudança, planejada no interior das classes médias bem-intencionadas.

Chegamos a um ponto sensível, no qual é preciso pinçar as seguintes subjetividades na educação familiar: a educação de poucos filhos (um ou dois) e as muitas cobranças no que diz respeito ao “ser alguém na vida”. Obstáculos de pertencimento/engajamento, citados anteriormente, na discussão do corpo consumista e das emoções (que inclui o processo de consolidação de personalidade) são somados às relações sociais mais imediatas da família e dos primeiros grupos de amigos. Ter ou não ter irmão (ou irmã) é o primeiro obstáculo, mas também, pode ser um facilitador. Isso porque as comparações do “do it yourself” podem gerar, de maneira contraditória e dialética, um sentido coletivo de pertencimento/engajamento de classe do tipo, “do it with us” (façamos conosco). Novamente, como questão ideológica, o pertencimento/engajamento foi, historicamente, percebido pela burguesia, como educação moral e restrita aos círculos de relações (pessoais e sociais) da classe de origem. Curiosamente, para as classes médias, desenvolveu-se uma fusão entre o “do it yourself” e o “do it with

us”, com predominância do “do it yourself”. Apenas em um processo educativo amplo e voltado à autonomia do sujeito, poder-se-á romper com esta lógica.

Na outra ponta do pertencimento/engajamento rebate a questão nacional, diretamente vinculada à aposta de carreira esportiva. Em países de semiperiferia do sistema, como Portugal e Brasil, tal questão apresenta raízes vinculadas às formações sociais, econômicas e culturais, cujo debate mais amplo não se pode fazer aqui. O que salta aos olhos não é, portanto, a formação nacionalista, mas os diferentes usos e abusos reproduzidos no mundo do esporte. Tais engrenagens chegam no interior das famílias de classes médias e atingem o coração e as mentes de crianças e jovens, orientados para a exploração de sua carreira esportiva. Esta franja de pertencimento/engajamento é sutil e contém os seguintes elementos: o “sentimento” da bandeira do país; a “emoção” do hino nacional; o domínio e reconhecimento da medalha olímpica; outras distinções relativamente ao mérito e recompensa financeira. O filtro e as mediações da questão nacional permitem compreender um ponto chave do esporte: a questão universal/internacional que produz contrapontos e antídotos às mazelas sociais. A questão nacional como identidade nacional foi percebida por Bauman no tratamento do tema como imaginação ou invenção. O autor afirma que o Estado, estrategicamente, carimba a identidade nacional como forma de disciplinar os indivíduos, noção próxima do Estado como aparelho da burguesia. Nesta empreitada há, portanto, um casamento do Estado com as classes dominantes no sentido de ordenar, apaziguar e criar comportamentos identitários nas classes médias e populares.

A “identidade nacional” foi, desde o início, e continuou sendo por muito tempo, uma nação agonística e um grito de guerra. Uma comunidade nacional coesa sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do Estado estava destinada a permanecer não só perpetuamente incompleta, mas eternamente precária – um projeto a exigir uma vigilância contínua, um esforço gigantesco e o emprego de boa dose de força a fim de assegurar que a exigência fosse ouvida e obedecida (...) nenhuma destas condições seria atendida não fosse pela superposição do território domiciliar com a soberania indivisível do Estado. (Bauman, 2005)

A identidade nacional como ferramenta poderosa poderia então, fracionar sua força e criar identidades paralelas, porém, as dificuldades em torno da “nação unida” encontram resistência e precariedade. Ao mesmo tempo em que queremos

uma identidade nacional nos esportes para vencer campeonatos mundiais e olímpiadas, queremos autonomia para não participar dos momentos de derrota, comparando-se ao Estado – pedimos proteção ao Estado e, ao mesmo tempo, seu enxugamento. Dada a fragilidade do conceito de identidade nacional, entendemos que falta ainda, elevado pensamento estratégico aos governantes e, portanto, carência formativa desde a educação básica das futuras gerações.

Capítulo 3 - Contornos e práticas específicas da política e da cultura

3.1 - Os limites do capitalismo predatório, suas globalizações e mundializações

O mundo dos serviços como via privilegiada de saída da crise capitalista neoliberal/neoconservadora aproveita as vontades e os desejos das classes médias para imprimir um consumo mais agressivo. O corpo torna-se mais consumista do que já era, e ingere os *fast foods* para, posteriormente, queimar calorias em atividades físicas personalizadas. Esta nova lógica mercantil, com os instrumentos sedutores dos *shopping centers*, por meio de imagens coloridas e outros atrativos, atira-se a favor das futilidades e do controle remoto como aprisionamento do corpo. Todas as classes são atraídas para este tipo de consumo. Seria como um aspirador que suga o pó, todos são sugados para este novo consumo. A natureza degradada e transformada em *selva de pedra*, afasta os espaços esportivos tradicionais e, em seu lugar, vende os subterfúgios individuais. A regência do mercado infantiliza adultos para que as áreas virgens possam ser exploradas, vendidas, compradas, desenvolvidas; imprime-se um marketing agressivo nas sensibilidades das pessoas, para que o consumo seja ampliado. Dessa forma, o corpo experimenta novas sensações e passa a consumir produtos e valores supostamente sofisticados.

Entre os vários serviços do *corpo esculpido*, o custo-benefício está entranhado no universo simbólico dos trabalhadores (e na sua impossibilidade de consumir plenamente); constitui uma das substâncias ativas para a regulação do trabalho com vistas à produtividade. Por custo-benefício compreende-se a relação complexa de dispêndio de energia geradora e promotora de um resultado chamado processo-produto. No caso do esporte envolve a teia complexa de saberes

científicos, sua aplicabilidade e as oportunidades oferecidas tanto pelo Estado, como pelo mercado. O trabalho dos professores e treinadores é, portanto, dependente destas relações, podendo ser configurado como uma atividade de alta sensibilidade. Além disso, é um trabalho que pode, por exemplo, ser equiparado com profissões ditas “liberais” como o médico, o psicólogo, o engenheiro, o administrador, entre outras.

O trabalho dos esportistas e atletas também está inserido no gigantesco aparato dos serviços, configurando-se como um trabalho de *entrega corporal*.

Carreiras curtas, ganhos elevados para uma pequena elite e uma vida de expectativas e lesões já foram formados como uma espécie de subcultura. Competir em excesso implica, portanto, na convivência de dor, sofrimento e lesão e, ao mesmo tempo, na submissão de condições precárias de trabalho.

O universo profissional dos trabalhadores, recheado de sofrimento, permite compreender os principais traços de devastação, promovidos pelo sistema e direcionados àqueles que vivem do trabalho.²⁸ Ao levar em conta as subjetividades eivadas de cargas negativas, é possível perceber pontos de estrangulamento e ruptura, doenças depressivas e moléstias desconhecidas.

Os professores/treinadores pertencem a uma categoria profissional especial e isso, por si só, já evidencia intensidades subjetivas muitas vezes descontroladas. Não se trata aqui de medir o esforço e/ou os impactos do sofrimento, antes, compreender o envolvimento do corpo, do movimento, das intenções estéticas e tantas outras setas que são assumidas por aqueles que estão na linha de frente dos processos de formação e treino esportivos. Nessa direção, somos impactados por doenças do trabalho, assim como, desenvolvemos a possibilidade de adoecer por *Burnout*.²⁹ Em plena era de informatização do trabalho no mundo maquinal-digital, ocorre também, um processo contraditório marcado pela informalização do trabalho (trabalhadores sem direitos) presente na ampliação dos

²⁸ - As categorias profissionais foram modificadas a partir da precarização do trabalho. Entre elas, os setores metalúrgicos, agroindústria, serviços de telemarketing e callcenter. Ver ANTUNES, Ricardo, **O privilégio da servidão, o novo proletariado de serviços na era digital**, 2020.

²⁹ Ver CODO, Wanderley; Vasques-Menezes, Iône. O que é burnout. **Educação: carinho e trabalho**, v. 2, p. 237-254, 1999.

terceirizados/subcontratados, flexibilizados, trabalhadores em tempo parcial, teletrabalhadores, potencializando exponencialmente o universo do trabalho precarizado (Antunes, 2020, p. 124). Ironicamente, a pandemia e as águas turvas do atual mundo do trabalho marcam um tempo devastado, porém com um *filho de luz ao final do túnel mesmo capenga*; mantemos a esperança de por melhores dias no futuro. Nossa aposta é de caráter semi-utópico, ou seja, inclui a possibilidade concreta de fazer do esporte uma área cheia de sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas, sem perder de vista os limites da política que atrapalham ou mesmo impossibilitam os avanços.

Os anos de 2020 e 2021, certamente, foram tempos marcados por profundas crises nas diversas sociedades, principalmente nas classes populares, os considerados *de baixo* e, também nas classes médias. Ficou claro para todos nós que despolitizar não pode ser um caminho produtivo. A negação da política dentro de um processo de negacionismo crescente no mundo inteiro, aponta como saída, a não saída. Como se fosse possível retirar a política de cena e cada área tratar do seu umbigo. Como se fosse possível neutralizar as opiniões (tão diversas) e/ou naturalizar as diferenças ou desigualdades. Não é.

A política, ontem e hoje, reverbera na ação social mais imediata. Afirmamos que a política cria trilhas pedagógicas e a pedagogia gera opções e tratamentos políticos antes não observados. Ainda refém de ódios, e desavenças, é preciso, sobretudo, limpar e reoxigenar a política. Nossa primeira aposta, portanto, é a de que, será cada vez mais necessário, os professores/treinadores envolverem-se com pautas políticas com parcimônia e responsabilidade. Em segundo lugar, é preciso compreender o que se passa para aparelhar-se em uma discussão qualificada sobre política. Não apenas informar-se com dados objetivos mas, também, como proferir palavras certas em horas certas; como escutar com paciência e acumular conhecimentos e saberes sobre a estratégia e as táticas políticas. Várias são as entradas nestas conversas: eleições, partidos, realizações, necessidades, construção de pautas de reivindicação, salário, jornada de trabalho, ideologia, economia e produção, etc. No caso da educação ainda temos os projetos, as avaliações e tantas outras questões que permeiam o debate. Para efeito didático a

síntese dos estragos promovidos pela extrema direita nos últimos anos e, na sequência, um esboço sobre o futuro, são chaves fundamentais da perspectiva *mudancista*. Não deve-se pois, ficar preso à determinismos, frases de efeito e receitas de bolo. As complexas engrenagens e o sentido destrutivo e incontrolável do capitalismo também foi disseminado no chamado socialismo real. O Estado, portanto, não sobreviveu às objetivações reprodutoras do capital. Isso reforçou um modo de produção voltado aos objetivos de valorização do capital e não ao humano e social. Neste ponto é preciso redesenhar as mediações de primeira e segunda ordem para perceber como as classes médias costumam tais reproduções. Com um esforço teórico em condensar as bases marxianas, Mézsaros resume as mediações de primeira ordem como as necessárias para a vida humana e o trabalho, enquanto as de segunda ordem, como aquelas nas quais o trabalho é alienado e produtor de riquezas para a burguesia.

As complexidades dos processos de mediação ofuscam a perspectiva de oxigenar o sistema de totalidade pois enquanto o trabalho estiver subordinado ao capital, as classes sociais, suas fragmentações e hierarquia favorecerão a lógica da tríade capital, trabalho e Estado, que é uma lógica destrutiva no pensamento mezariano. Do geral para o específico, encontramos a força negocial dos sindicatos em uma curva histórica descendente. Resultado da desindustrialização e substituição de trabalho vivo por morto, esta queda é generalizada no mundo e expressiva nos países de semiperiferia, como Portugal e Brasil. Os movimentos sociais horizontais e plurais de jovens desempregados e subempregados ocuparam o espaço desta fraqueza dos sindicatos tradicionais. A isso se juntou o aumento da feminilização da força de trabalho, a flexibilização e o aumento da informalidade. Em um processo dialético, a semiperiferia do sistema acolheu o sufoco do sindicalismo e promoveu a espontaneidade das lutas. Neste imbróglio, ainda é cedo para decretar a falência do sindicalismo tradicional. O que é possível dizer é que os jovens ativaram seus mecanismos empreendedores, ainda que muitos, sem êxito. Acirraram a competitividade na luta pelos salários existentes, quase sempre baixos em comparação com os trabalhadores qualificados. O refúgio corporativista e burocrático dos sindicatos oficiais abriu espaço para outras formas de enxergar e

combater os problemas da destrutividade do capital. Esta sutil movimentação ainda não completou uma tendência dominante, mas, mesmo assim pode ser considerada para os estudos sobre os jovens de classes médias como uma das rupturas/continuidades históricas.

A burocratização do movimento sindical no Sul foi frequentemente acompanhada pelo progresso de movimentos sociais contestatórios, transitando tendencialmente do chão de fábrica para as comunidades onde habitam os trabalhadores precários. Em alguns casos, a inquietação social nos bairros e nas comunidades transbordou para os espaços públicos, manifestando-se de maneira mais ou menos orgânica em levantes populares cujo alvo é invariavelmente o Estado. (Braga, 2017, p. 35)

Junto aos sindicatos, os partidos também perderam destaque. A fragilidade partidária e a pouca aderência ideológica, fruto da devastação neoliberal/neoconservadora atingiu os partidos de centro esquerda e esquerda que também foram questionados pela cosmovisão dos jornalistas de direita. (Messenberg, 2017) Tudo isso empobreceu as classes médias. Se antes a ideia de classe média permitia situá-la em um patamar diferenciado e produtivo, de forma a apostar no futuro dos filhos com algum tipo de garantia, hoje este tipo de pensamento está congelado em razão de uma acentuada piora nas relações econômico-sociais oriunda do caos no sistema metabólico do capital.

Os defensores da ordem estabelecida, armados ainda com seus poderosos *geradores de névoa*, fazem tudo o que estiver a seu alcance para mistificar seu adversário histórico (...) Há mais de um século eles pregam com desfaçatez que as classes estão *se fundindo* umas nas outras e que estamos todos passando à *classe média*. Entretanto – em meio ao crescimento cada vez mais evidente da desigualdade e da exploração – esquivaram-se de modo calculado e continuam a esquivar-se da questão: *média entre o que?* (Mézsaros, 2015c, p. 322)

Mundializa-se, também, a ideologia das direitas e, entre outras falsificações, a afirmação generalizada da abstração na representação das classes. A classe média, nesta lógica, não teria razão de existir. Ao contrário deste pensamento e, também, ao contrário da justificativa da negativa ao conceito de classe média,

consideramos que, após um conjunto de determinações econômicas e culturais, a expressão *classes médias* parece ser a mais adequada.

3.2 – Sementes do esporte como pedagogia: aula, treino, representações, perspectivas.

Os processos de iniciação esportiva em aulas de educação física na escola ou em sessões de treino no clube, não são os únicos conteúdos da Pedagogia do Esporte nem encerram as determinações e projeções desta área. Há uma compreensão tímida e mecanicista que vê no ensino e na aprendizagem do esporte (aulas de educação física + sessões de treino, uma solução de tipo idealista para a formação de um novo homem. A educação não muda a sociedade; pode contribuir para a formação de mentes criativas e abertas, mas isso depende de uma série de fatores que, nem sempre, estão interligados.

Na contramão do reprodutivismo, lançamos o desafio de uma pedagogia do esporte que possa abraçar totalidades pouco exploradas. Mas, é preciso qualificar a crítica. Iniciamos com os megaeventos esportivos e o fluxo do dinheiro. A revolução técnica e tecnológica abriu espaço ao capital para criar uma estratégia ideológica de consumo do esporte. Nesta lógica, não apenas o computador substitui outras linguagens, mas também o cinema, a televisão e o revigoramento das relações sociais mais individualizadas indicam novas possibilidades. O mercado sabe qual é o perfil dos espectadores que deseja. O esporte na propaganda e marketing, vende qualquer tipo de produto. Patrocinadores e apoiadores como Coca-Cola, McDonalds, Visa, Panasonic, Bradesco, Claro e Globo são alguns dos financiadores mais interessados. Ao apertar os controles e/ou dar cliques, o dinheiro começa a circular no grande mundo de negócios envolvendo o esporte. As crianças e os jovens absorvem este consumo e isso, pode indicar pontos positivos e negativos na longa formação humana.

Os tempos de *megaeventos* conferem alta lucratividade para o setor e não poderia ser diferente quando os indivíduos passaram de ativistas à espectadores. O mercado esportivo continua hipertrofiado por indústrias culturais que lançam, a todo instante, imagens e produtos de captação de emoções.

Então, a tendência de acelerar negócios e envolver o segmento empresarial constitui uma oportunidade ímpar para os organizadores de megaeventos. A união do dinheiro com o poder sustenta, uma série de aquisições, fusões, aperfeiçoamentos, contratações, novas soluções, avanços tecnológicos, entre tantas outras engrenagens favoráveis à organização; um crescimento substancial dos espaços, das novas perspectivas de trabalho, da agilidade nos processos e da qualidade no produto final.

Os novos consumidores-espectadores do esporte no mundo globalizado já eram infantilizados pela sedução dos mercados. A mundialização do capital cria raízes sólidas e captura os extratos das classes médias emergentes, aquelas que aventuram-se na internet e pagam o acesso aos canais de TV por assinatura, pois consideram o acesso físico aos espaços de jogo caros e inseguros.

As relações entre empresas e mercado, apresentam, por sua vez, um elevado grau de sofisticação e certo equilíbrio na manutenção de hegemonia conquistada. São relações a serem, constantemente, aperfeiçoadas do ponto de vista da propaganda e do marketing. Isso incluiu a naturalização e neutralização das diferenças de classe e, um conhecimento segmentado mais detalhado do mercado como ponto de partida para a destinação final do produto: a realização da mágica de vender ingressos até para quem está endividado e deixar a massa do povo com o acesso precário pela TV e internet.

Baseado nos quatro “Ps” do marketing, transportados para o esporte como (1) Produto Esportivo, (2) Preço do Esporte, (3) Promoções Esportivas e (4) Ponto-de-Venda, os organizadores estabelecem, como parâmetro geral, que, se o esporte seja produzido por atletas, processado por empreendedores e consumido por pessoas que admiram os atletas, desde que possam pagar pelo serviço. (Schwarz & Hunter, 2017) Tais pessoas podem até pertencer às classes populares, mas o foco dos serviços são as classes médias. A produção do esporte está diretamente associada à estruturas organizacionais do setor, normalmente parcerias público-privadas e comitês nacionais, com restrição de recursos financeiros e orçamentários. Os fracassos esportivos são avaliados por firulas das notícias, pelos números de medalhas e outras formas de *besteirol*. Buscar o sucesso do povo ou

pelo menos, as trilhas de uma *cidadania esportiva* estão longe das metas institucionais e da lógica do Estado mínimo, resquício dos erros neoliberais/neoconservadores. Amadorismo e pseudo-profissionalismo são a tônica da política de esporte que, também, está recheada de parcerias que não saem do papel, do *trololó* e do *mimimi* político. Assim como não há um planejamento estratégico ousado e de qualidade, não há a criação decente de um *índice de desenvolvimento esportivo*, tampouco fatores críticos de sucesso, como observados em outros países. (Meira; Bastos; Bohme, 2012)

Nessa direção, não há uma coordenação institucional autônoma e com poder decisório. Não há foco pedagógico no interior de escolas e clubes, o que implica em afirmar que não há nenhuma possibilidade, nestas condições políticas, da construção de uma unidade entre a escola e o clube com vistas à promoção de esportistas e atletas. O caos da estrutura esportiva e do potencial de regionalização reprimido, aprofunda ainda mais a crise na política de esporte, afinal, nesse meio, sobram falsos profetas e faltam mentes lúcidas.

Os quatro “Ps” da produção do esporte teriam que ser somados aos 12 “Ps” e às múltiplas interconexões entre o docente, o aluno e a estratégia. (Sadi, 2016) Assim, o (1) Profissionalismo de recursos humanos, a (2) Planificação da iniciação esportiva, a (3) Proteção da escola e dos escolares e a (4) Promessa educacional encontram fertilidade quando conjugados com as complexas relações em rede dos conceitos. Acrescentamos ao norte, os 5ps profissionais, específicos aos gestores, professores e treinadores que se dedicam à uma plataforma crítica, criativa e mudancista: prática, percurso, projeto, processos e produtos. O esporte olímpico, por sua vez assume a tragédia deste empacotamento, no qual Estado, empreendedorismo, mercados, mídia e consumidores em geral pertencem.

A falência de discursos e pressupostos originários do Olimpismo tem se mostrado latente e cede espaço cada vez mais avassalador à lógica do mercado, da profissionalização e do espetáculo. O lado singelo do fair play, o altruísmo das condições de respeito, amizade, solidariedade e integração dos povos passam a soar como um paradigma vencido, uma sinfonia totalmente desencontrada, ou no melhor da metáfora, desafinada, tendo ainda a sua frente um maestro (ou um conjunto deles!) e uma orquestra que não leem a mesma partitura.(Almeida & Marchi Júnior, 2014)

É importante sublinhar que, em países como Portugal e Brasil, jovens de classes médias estarão propensos ao afunilamento mercantil em oposição ao público/estatal que é empurrado ao mínimo da saúde e da educação, ainda que o eixo neoliberal/neoconservador tenha feito os estragos que fez sucumbido ao então desenvolvimentismo. Isso faz com que, em grande medida, o próprio olimpismo e seus valores éticos sejam desacreditados. Não há espaço para os países da semiperiferia do sistema inserirem suas propostas na agenda mundial capitalista, afinal, se a crise já é elevada no centro, o que sobra para o Sul global é o “lavar as mãos” dos gestores capitalistas liderados pelo grande capital.

Na sequência, de posse do esboço teórico, citado acima, lançamos as sementes do esporte como pedagogia, algumas delas, naturalmente já enraizadas na cultura esportiva e na historiografia da Educação Física.

3.2.1 – Aula/treino

Ensinar esportes parece tarefa fácil, desprovida de planejamento e pesquisa. Na recente história da Educação Física é muito comum ouvir opiniões sobre o *fazer por fazer*, ou seja, atividades soltas, sem significado, sem sistematização e organização e, às vezes, sem disciplina. Ao professor/treinador, cabe observar. Nesta lógica, o ensino dos esportes foi, ao longo dos tempos, operado por meio do tradicionalismo, do tecnicismo e do escolanovismo em aliança com o *método do abandono*, da falsa liberdade, do fazer sem compromisso, do fazer solto, largado e não integrado. Líderes pedagógicos caíram na ilusão de que seriam reconhecidos e respeitados. Seus alunos seriam atletas em potencial e, o sonho olímpico, à um passo da conquista. Engendrou-se uma operação simbólica e ilusória, enquanto a pirâmide esportiva permanecia intacta. Sendo os professores/treinadores pessoas oriundas, basicamente das classes médias, é comum, no interior das discussões e debates, a ênfase no caráter metodológico do trabalho, ponto importante e substantivo do reconhecimento profissional e pedagógico nos ambientes da escola e do clube. Para traçar um mapa do ensino do esporte na escola (e nas escolinhas de esporte no interior de clubes ou mesmo escolinhas isoladas) seria necessário utilizar ferramentas dialéticas por meio de uma confrontação teórica e prática.

Mergulhados na cirurgia da arte docente, hipotecamos nossas energias na perspectiva de recriar o esporte como pedagogia, em uma seta mudancista. Tal empreitada, necessariamente ousada, depende de vários tipos de poder: poder político, poder de decisão e poder de negociação. De um lado, os erros e êxitos, de outro, as perspectivas ou intenções de ruptura e, ao mesmo tempo, o *lavar as mãos, do rola bola*, que joga contra, isto é, que deslegitima a área, mas que pode ser um pontapé para a sua redescoberta.

A edificação do esporte como pedagogia acompanhou a aula de Educação Física tradicional/tecnicista ou mesmo a aula de carimbo renovador. Espelhou-se na organização de equipes para competições estudantis, no formato de *aulas de treinamento*. As responsabilidades foram atribuídas ao professor *técnico esportivo* (treinador) por meio de desresponsabilização e desrespeito ao conjunto da escola, seu projeto pedagógico e os professores. Tais marcas, ainda presentes na realidade escolar, deveriam ser substituídas por mecanismos horizontais de participação e atuação do coletivo escolar. O esporte (e seu componente educacional) é legítimo para todos e, a sua manifestação escolar, (assim como a oferta com máxima qualidade possível) deve integrar um projeto coletivo. O *como fazer* localiza-se no estudo e na pesquisa da Escola de Tempo Integral e dos aspectos da integralidade da formação do docente e do alunado e, assim, permitem avançar no debate e indicar as principais pistas.

Ao longo de muitos anos, os professores preocuparam-se com o ordenamento legal, com o currículo, com o formalismo do esporte, com o conteúdo e a metodologia da cultura corporal, da história, da cultura esportiva entre outros temas. O esporte como pedagogia, era apenas um espaço destinado aos alunos de destaque das aulas de Educação Física. Reside aqui o primeiro questionamento: por que tal seletividade está impregnada na prática profissional? É evidente que as escolas necessitam de equipamentos, de materiais esportivos e de organização, administração e contribuição dos mais variados tipos. Também parece sensato que, queiramos ou não, o esporte é excludente no seu nascedouro e, portanto, os sentidos competitivos, permanecem excludentes. Na prática é possível fazer esforços para minimizar as exclusões, não para eliminá-las. Mesmo assim, uma

qualidade social referenciada, ou seja, com bases teórico-políticas consistentes, é mais ampla do que isso: pressupõe criatividade crítica por parte de quem ensina, articulada à sensibilidade humana e às intenções mudancistas.

Ir além das modalidades esportivas convencionais: futebol, futsal, voleibol, basquete e handebol implica em reordenar o trato da iniciação esportiva (processo formativo que normalmente dura por volta de dez anos) combina um currículo ampliado com conteúdo de razoável densidade acumulada. O próprio termo *modalidade* ao ser substituído por *atividade*, assume um caráter plural, carrega doses brandas, pulsações rítmicas convenientes, além de uma temperatura amena. No espaço de uma década, construímos um esforço de incentivar o termo *atividade* e inibir o termo *modalidade*. Não obtivemos êxito nesta empreitada. A cultura específica das *modalidades* parece ter sido mais forte que a das *atividades*. (Sadi, 2016) Em tempos de incerteza bioecológica, o equilíbrio é uma meta a ser alcançada. Tudo isso é necessário para que as modalidades esportivas não sejam palco de guerra. Esta discussão pode parecer lateral, mas diante do fenômeno da violência e de suas múltiplas perversidades, pode também se revelar profícua. A cegueira do produtivismo deseja o empacotamento ou quiçá, o descarte das manifestações coletivas, entre elas, o esporte. A mesma pauta é importante para que se considere aportes necessários para uma educação integral: brincadeiras e jogos como metodologia acessível, ampla participação ativa das crianças, registros significativos, ensino inteligente de técnicas e táticas de jogos (não como repetição de gestos, conforme o ensino tradicional/tecnicista), tarefas/pesquisas para o envolvimento dos pais e organização de competições pedagógicas e festivais esportivos.

Em retrospectiva, podemos questionar as atividades das escolinhas de esporte: Elas ensinam o quê do esporte? De que forma e o que formam? É possível afirmar com segurança que as crianças aprendem o esporte e os valores sociais do esporte, porém isso é muito vago. Aprendem a ter autonomia para tornarem-se homens e mulheres inteligentes? Como sabemos, tradicionalmente, os processos de iniciação esportiva são pautados pelo ensino de gestos técnicos separados do contexto dos jogos, normalmente em fila, para, depois do processo, juntar os

fundamentos técnicos aprendidos e aplicá-los em situação concreta de competição. A ilusão desta forma de ensinar é exatamente esta: Nem sempre as habilidades técnicas dos jogos podem ser aplicadas às *situações concretas do jogo* e da competição, pois a dinâmica da movimentação com e sem bola, assim como as múltiplas funções dos jogadores indicam processos diversos e complexos que se distanciam dos fundamentos técnicos. As *situações concretas do jogo* envolvem um movimento rápido da inteligência humana e a todo instante são requeridos mecanismos de mudança. O método analítico ou tradicional/tecnicista ilude-se com os avanços tecnológicos da preparação física e da própria preparação técnica do esporte de alto rendimento. Os atletas evoluem quando encontram oportunidade para exercer a sua corporeidade; quando aumentam a sua autonomia em relação aos treinadores; quando encontram perspectivas de respostas às suas perguntas/anseios. Do contrário, a ilusão será ainda maior, talvez próxima à ideia do automobilismo, por exemplo: o que vale é a máquina em detrimento do homem, a produção de mais tecnologia para a superação de tempos ou, mais dinheiro para ganhar dinheiro a mais em detrimento do esporte como estética e ética.

As crianças podem ser imbecilizadas por uma educação meramente reprodutora, como aquela que faz da repetição de movimentos e do condicionamento de comportamentos a espinha dorsal de sua filosofia. Aliás, essa foi a tônica na história do esporte, repetida por muitos até hoje. Esse tipo de envolvimento coletivo quando ofertado para as novas gerações de esportistas forma, na verdade, *máquinas destemperadas* – homens de temperatura baixa e, em última análise, uma sociedade iludida, explosiva, carente, fragilizada e doente. Em paralelo à esta ilusão, as classes sofrem os impactos de uma ignorância generalizada, isto é, seu sofrimento coincide com a densa reprodução social do capital, havendo, portanto, para as classes populares, maior sofrimento e, à medida que se sobe no padrão de classes médias, tal sofrimento, embora existente, passa a ser menor. Isso não é uma regra, mas uma tendência que depende de outras circunstâncias familiares e das próprias responsabilidades envolvidas no entorno das comunidades.

Há uma outra compreensão pedagógica da lógica reprodutivista. O método

de instrução herbartiano, por exemplo, ilustra a ideia do percurso analítico-sintético, a partir da aula. Johann Friedrich Herbart propôs cinco passos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, utilizando-se do *micro tempo* da aula. Os cinco passos estão listados em ordem e são acompanhados de cinco significados conforme o quadro.³⁰

| Cinco passos e cinco significados a partir do método de instrução herbartiano | |
|---|----------------------------------|
| Preparação | Recordação e/ou memorização |
| Apresentação | Conhecimento novo e/ou prontidão |
| Assimilação | Comparação e/ou motivação |
| Generalização | Abstração e/ou travamento |
| Aplicação | Exercitação e/ou passividade |

Os cinco passos herbartianos são, ao mesmo tempo, estruturalistas e práticos para a sociedade do consumo. Estão presentes em manuais de jogos recreativos, lúdicos ou populares com objetivos explícitos de ensinar o passo a passo (receita) de atividades e divertir os jogadores. Esta afirmação é, todavia redundante e limitadora, pois o jogo, na sua essência, já carrega a recreação, a ludicidade e a popularidade. Mas, como não se pode fugir do tempo, do conteúdo, da produção e do consumo da aula de Educação Física ou sessão de treino, o ensino tradicional/tecnicista é sempre uma plataforma de segurança dos professores/treinadores. Em qualquer formato, o jogo recreativo é algo que dá prazer, diverte e ocupa aqueles que participam dele. O objetivo e o conteúdo integram-se à manifestação social dos praticantes, também controlado pelo tempo.

³⁰ Ver SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Autores associados, 2018.

Então, o sentido de (re)criar, condensa uma substância fundamental para que os excessos do tradicionalismo/tecnicismo sejam descartados: o planejar autônomo de coletivos de professores/treinadores. Isso indica algo que é próprio para os momentos livres; parar o trabalho para descansar, pensar, digerir as ideias e aliviar o estresse. A integração é o elo que une o planejamento aos jogadores, o jogo à avaliação.³¹

A pergunta que incide sobre a maneira pela qual as crianças aprendem é central para que se perceba como os métodos incidem, principalmente, na infância: as crianças *jogam para aprender ou aprendem para jogar?* Dentro desse espectro o princípio global-funcional está na frente do princípio analítico-sintético e a resposta é a ênfase no primeiro em detrimento do segundo. De acordo com Santana (2004) o princípio global-funcional apresenta as seguintes limitações: muitas informações ao mesmo tempo; execução imprecisa de habilidades técnicas; a relação com a bola é prejudicada em alguns momentos de jogo. Assim como, não se trata de negar os métodos e sua história, não se pode recompor as suas lógicas superadas. A expressão *não se pode jogar a criança e a água do banho junto* ilustra a necessidade de uma via metodológica oxigenada, o que não significa, a princípio, um compromisso infalível com o êxito.

O desenho desta via descarta as polarizações irracionais, os extremismos, os formatos demasiadamente ideológicos, assim como as ingenuidades. O conteúdo presente, no compromisso de uma formação integral, é um desafio para a educação e o esporte, mas isso depende de uma concepção não revanchista, ancorada na ciência e na prática; dotada de alta disposição para o diálogo, no curso do desenvolvimento humano. Partindo de determinantes históricos, lógicos e dialéticos, as metodologias terão que ser, necessariamente, reprocessadas, antes de seu vir-a-ser. Trata-se de uma aposta, centrada no acúmulo de experiências

³¹ . Ver Sadi (2010; 2016). Reconhecendo o potencial formador das tradições e considerando a ruptura com o tradicionalismo/tecnicismo, o jogo é o centro dos processos de ensino-aprendizagem. Alguns exemplos de jogos integrativos e recreativos mais conhecidos são o pega-pega, o esconde-esconde, o pega-bandeira, o bambolê, a amarelinha, a peteca, a corrida com saco, a dança das cadeiras, que devem ser adaptados a partir de categorias de jogos (jogos de invasão; jogos de rede/parede; jogos de rebatida/campo e jogos de alvo) Todos os jogos são, também, muito utilizados nas formas de aquecimento dos atletas, discussão acumulada há muito tempo.

teórico-práticas com chances reais de êxito, tendo em vista as promessas e os acertos da pedagogia do esporte.

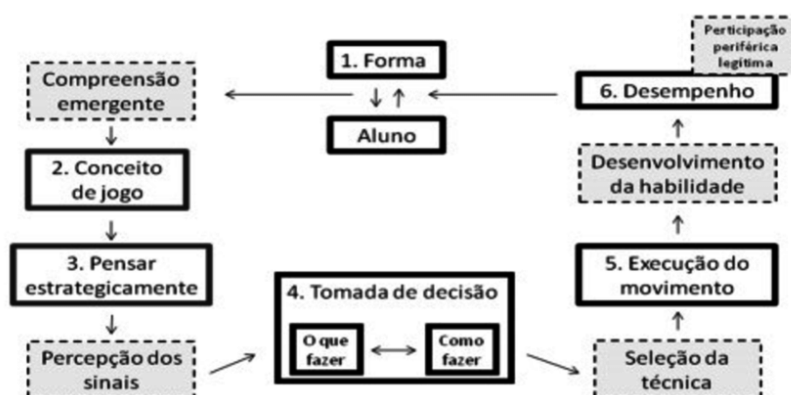
Com as lentes, acima citadas, passamos a considerar os principais recortes das formas metodológicas deste trabalho: O TGfU, o Sport Education e o Game Sense. Partindo das ideias mais avançadas destes três modelos, questionamos a sua aplicabilidade. Desnecessário dizer, nessa altura, que um projeto mudancista de educação e esporte deva considerar, à partida, o planejamento coletivo, a escola de tempo integral em aliança com o ambiente de treino e todas as determinações que até agora, pinçamos: sentidos, significados, sensibilidades e perspectivas das classes médias, violência, alfabetização esportiva e competição.

Na direção de uma fundamentação teórica não burguesa que possa alinhar/focar as metas de uma formação humana com elevada qualidade questionamos: É possível enxugar ou minimizar a lógica individualista do TGfU? Uma pergunta chave para os professores/treinadores nesta direção: “Does TGfU works?” (O TGfU funciona?) Certamente, as contradições da prática profissional, principalmente relacionadas às carências materiais e de pessoal seriam fortemente sentidas.³² Questionamos o caráter individualizado deste método/modelo, por meio da pergunta: O TGfU é burguês? As respostas, sempre provisórias, nos informam que depende de onde, como e com quem se trabalha.

O potencial dos princípios pedagógicos não lineares, estabelecido na literatura, por meio das seis etapas do TGfU, possibilita compreender o modelo, suas expectativas e quem sabe, responder sobre o funcionamento do modelo, do ponto de vista teórico. Recuperemos o percurso para alinhar os conhecimentos da memória. As seis etapas podem ser consideradas circuitos de cognição a serem ativados pelo indivíduo em situação de jogo (em treino ou competição). O modelo é dividido em quatro princípios pedagógicos: Amostragem, complexidade tática, modificação-representação e modificação-exagero. Tais princípios estão dentro de

³² . Ver TAN, Clara Wee Keat; CHOW, Jia Yi; DAVIDS, Keith. ‘How does TGfU work?’: examining the relationship between learning design in TGfU and a nonlinear pedagogy. **Physical education and sport pedagogy**, v. 17, n. 4, p. 331-348, 2012.

jogos e suas possibilidades inéditas de educação. A partir da ilustração abaixo - caminho percorrido pelo modelo, os princípios estão articulados.



Fonte: Ricardo Franco Lima Researchgate, Modelo revisto do TGfU (Kirk & MacPhail, 2002)

Deve-se observar que o passo a passo, de 1 a 6, respectivamente, aluno, jogo, estratégia, tática/técnica, execução de movimento e desempenho tem caráter não linear, ou seja, não segue a risca, uma escada de 6 degraus, um atrás do outro, em que não se pode pular uma etapa. Ao contrário, permite fugas de pensamento rápido, como os conceitos de *compreensão emergente*, *percepção de sinais*, *selecção de técnica*, *desenvolvimento de habilidade* e *participação periférica legítima*. Entendemos que são atalhos ou *conhecimentos de gaveta mental*, que podem ser sacados/utilizados nos momentos oportunos.

O princípio da amostragem implica em transferir conhecimento de um jogo para outro. Os jogadores são estimulados à descobertas entre semelhanças e diferenças dos jogos. A complexidade tática envolve um processo crescente de compreensão, do fácil ao difícil, do simples ao complexo, com ida e volta de pensamentos. Tais variações incrementam o conteúdo de ensino. A modificação-representação permite aos jogadores experimentar situações que requerem tática, tomada de decisão e execução de habilidades. A modificação-exagero requer do professor ou treinador o desenvolvimento de um foco para a atividade e então, a modificação ou criação de jogo e conseqüente utilização exagerada do foco. Isso é importante para ajudar os alunos a compreender os conceitos táticos. Por exemplo, os professores podem exagerar a ideia de alterar a profundidade do ataque em

jogos de rede e parede, tornando a quadra longa e estreita.

Os 4 princípios e o caminho de 6 etapas são, ao mesmo tempo, teóricos e práticos, ou seja, a serem estudados, planejados e aplicados por professores/treinadores no ensino e treino de jogos. Desde os anos 2000, quando o TGfU foi popularizado como movimento internacional e amplamente difundido pela internet, tem ocorrido algumas mudanças, principalmente relativas ao espaço acadêmico. A primeira publicação do modelo (1982) já havia gerado o interesse de pesquisadores, pedagogos e instituições esportivas, no sentido de descentralizar princípios e buscar aplicações em diversos grupos. O mundo passou a consumir o modelo com a obediência de uma crescente numérica de artigos, livros, encontros e congressos. Destacam-se seis objetivos permanentes: 1. Divulgar informações acadêmicas, procedimentos e recursos; 2. Promover o diálogo internacional em torno da teoria, pesquisa e pedagogia; 3. Estabelecer programas de ensino e treino; 4. Criar redes internacionais para pesquisa colaborativa, por exemplo, por meio de projetos; 5. Refletir sobre filosofia, teoria e pesquisa; 6. Explorar e garantir recursos de financiamento.³³

O caráter de pensamento integrado do TGfU não fica claro para os alunos/jogadores que não estão familiarizados com esse tipo de método. Na medida em que julga que o professor/treinador deve fazer a pergunta, há um véu de dúvidas, não respondido, satisfatoriamente. Disso decorre, problemas práticos insolúveis para determinados grupos com elevado número de pessoas pois, certamente, questões ficarão no ar. Exatamente em função de questões que o modelo é instigante. Pesquisas sobre a representatividade do TGfU podem ser resumidas em dez questões principais: 1. Como as abordagens científicas existentes em diferentes disciplinas podem ser usadas para melhorar o jogo para iniciantes e jogadores profissionais? 2. Como pode o estado da arte e a tecnologia serem integrados na avaliação do jogo (iniciantes e jogadores profissionais)? 3. O pensamento de complexidade pode ser considerado um embasamento teórico adequado para o ensino e a aprendizagem de jogos relacionados ao esporte? 4.

³³ Ver BUTLER, Joy; OVENS, Alan. TGfU and its governance: from conception to special interest group. *Ágora para la educación física y el deporte*, v. 17, n. 1, p. 77-92, 2015.

Como pode o pensamento complexo ser utilizado no cotidiano da Educação Física e do Clube? 5. Como criar e projetar jogos para aprendizagens imediatas? 6. Como desenhar jogos com restrições que permitam a compreensão tática e o desenvolvimento de habilidades utilizando-se adaptações e uma cognição social? 7. Como os programas de desenvolvimento de professores e treinadores podem utilizar as abordagens centradas no jogo? 8. Como as abordagens relacionadas ao TGfU podem ser implementadas na formação de professores ou treinadores com o objetivo de facilitar a aprendizagem e formação em serviço e, assim, promover o desenvolvimento profissional de novatos? 9. O TGfU pode ser considerado um modelo útil em diferentes culturas? 10. O desenvolvimento físico/psicomotor, cognitivo, afetivo/social e cultural pode ser promovido por meio do TGfU e abordagens relacionadas?³⁴

O Sport Education foi originalmente proposto na década de 1980 e pensado estruturalmente para escolas. Inicialmente desenvolvido na Nova Zelândia e na Austrália o modelo é baseado na teoria dos jogos. Visa o aprimoramento de habilidades esportivas, o conhecimento de regras e o desenvolvimento afetivo por meio dos jogos. De forma similar ao TGfU, porém com expansão menor, o Sport Education foi espalhado ao mundo, principalmente com a força de países como Canadá, Estados Unidos e Japão. Siedentop, o mentor intelectual da proposta, identificou seis características básicas: temporadas, afiliação, competição formal, evento final, manutenção de registros e festividades. O objetivo dos professores é criar um ambiente de ensino ativo e positivo para oferecer esportes e atividades competitivas para todos os alunos. Desta forma estimula-se a participação voluntária (não obrigatória) e o interesse em desenvolver habilidades, assim como a compreensão da estratégia e da tática em esportes coletivos. A alfabetização esportiva, a literacia, o trabalho em equipe, a ética e a coesão são variáveis decisivas no trabalho de pequenos grupos. Uma vez que a coesão da equipe é estabelecida, os membros podem aprimorar a confiança coletiva. Isso ocorre por meio de atividades de construção de equipe (elevação da confiança individual;

³⁴ . Ver MEMMERT, Daniel et al. Top 10 research questions related to teaching games for understanding. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 86, n. 4, p. 347-359, 2015.

melhoria do apoio mútuo entre os colegas e aumento das habilidades fundamentais de movimento) Alegria, coesão e êxito são conceitos altamente relacionados; aumentam o profissionalismo coletivo e o desempenho da equipe.³⁵

O modelo Game Sense original surgiu como uma derivação do TGfU (Evans & Light, 2008). Baseado no *desenho de jogos* combina o aprendizado de habilidades técnicas e táticas no sentido de desenvolver a lógica de jogo nos jogadores. A ideia original tem sido refinada a partir de uma pedagogia para o tratamento das habilidades técnicas e táticas nos jogos que incorporam mais do que o TGfU (Thorpe, 2005). Desde então, tem sido abordado em pesquisas, livros didáticos e publicações aplicadas, com a ocorrência, inclusive, de variações do modelo (Zuccolo et al., 2014).

Entendemos como um *novo Game Sense*, o modelo de ensino e treino que desenvolve a tática em jogos e as habilidades técnicas necessárias por meio de jogos modificados e perguntas guiadas pelo treinador. Este novo Game Sense enfatiza o desenvolvimento de táticas e a tomada de decisão ao focar-se no jogo ao invés dos exercícios de habilidade técnica e a prática do jogo. Aos jogadores, são apresentados desafios no lugar de habilidades isoladas. Mesmo assim, os jogadores ainda desenvolvem suas habilidades, mas somente após compreenderem o jogo e o papel das habilidades no contexto do jogo. (Breed & Spittle, 2020)

A utilização de um modelo híbrido (TGfU + SE) foi investigada em 2017, chegando-se à conclusão de que há êxitos ou melhorias significativas na autonomia, competência em jogos e prazer nas atividades. Quando os modelos foram vivenciados separadamente, não houve êxito significativo. Os modelos TGfU e SE compartilham objetivos e conceitos similares, mas é na combinação dos dois modelos que os potenciais de motivação são elevados. É possível apontar que o modelo híbrido funcione bem na escola, porém é mais difícil criar um prognóstico desta questão para o clube.³⁶

³⁵ Ver KAO, Chun-Chieh. Development of team cohesion and sustained collaboration skills with the sport education model. **Sustainability**, v. 11, n. 8, p. 2348, 2019.

³⁶ . Ver GIL-ARIAS, Alexander et al. Impact of a hybrid TGfU-Sport Education unit on student motivation in physical education. **PloS one**, v. 12, n. 6, p. e0179876, 2017.

Uma pista sobre o êxito do modelo híbrido refere-se à lógica de aceleração dos atuais tempos de mudança tecnológica. Crianças e jovens podem facilmente entrar em estado de tédio diante das inúmeras repetições seja na própria tecnologia, seja no próprio comportamento. Assim, quando há alternância de modelos e jogos, quando há novidades, estímulos e desafios, os focos de aprendizagem e a motivação intrínseca podem ser melhorados.

Do ponto de vista de uma aceitação dos três modelos, juntos ou separados é provável que futuras investigações e estudos obtenham respostas favoráveis à aceitação. Isso porque há, mundo afora, pais, professores e treinadores dispostos a socializar os êxitos, em detrimento dos fracassos. No Game Sense, por exemplo, existe uma intensa preocupação com os comportamentos sociais (e, portanto, a defesa de uma *triade* dos modelos não seria surpresa.

Em todas as discussões de professores/treinadores há a predominância da temática formação de atletas e o rol de sensibilidades que isso envolve. Subjetivamente, portanto, adentra-se à ideia de melhor formar crianças e jovens para que, tornando-os atletas, dominem a literacia esportiva. Isso talvez responda pela perspectiva de aportes no capital cultural deste tipo de formação por parte de muitas famílias de classes médias.

Por parte dos professores/treinadores, o uso balanceado dos três métodos é restrito à círculos acadêmicos e poucos profissionais arriscam-se na sua aplicabilidade. Isso implica em duas considerações: um não acesso ao conhecimento produzido pela ciência do esporte e uma tergiversação coletiva na prática profissional, quando confronta-se o domínio de conhecimentos metodológicos. Está presente também, indiretamente a questão da identidade profissional e o pertencimento/engajamento às classes médias.

As relações pessoais e sociais estabelecidas entre os professores/treinadores e a sociedade implica percebê-los como pessoas inseridas em um contexto social complexo, oriundas, predominantemente, de uma determinada classe média e carimbadas com alguma identidade de gênero, de raça e de personalidade. Comportamentos são assumidos e o próprio corpo do professor “fala” muito. Os estereótipos específicos de classes médias como, saberes

intelectuais, aprendizado de liderança, consumos variados e diferentes, certa padronização na aparência corporal (roupas, calçados, cabelo) definem sua posição diante de outros profissionais (profissões). Então, a identidade já vem com vários dados objetivos, nos quais os métodos de trabalho são visíveis. Há elementos subjetivos e não visíveis ocultados ora de maneira inconsciente, ora com o propósito da ocultação, entre eles, a tergiversação ou indefinição conceitual. Gatti (1996, p. 88) entende que “os professores, ao agirem de determinadas maneiras revelam/escondem uma identidade complexa em que representação de conhecimentos, crenças, valores e atitudes integram vivências nas salas de aula e fora delas.” Há, portanto, diante de muitas turmas, nas escolas e nos clubes, uma limitação central nos trabalhos pedagógicos, quando realizados apenas por um professor/treinador – pessoa única que pode comprimir-se e adoecer em um mundo já comprometido pelo metabolismo social do capital.



Os

Caminhos metodológicos. Adaptado de BREED, Ray; SPITTLE, Michael. **Developing Game Sense in Physical Education and Sport**. Human Kinetics Publishers, 2020.

Sobre a perspectiva instrumental dos modelos, isto é, as maneiras pelas quais os modelos formam atletas, todos respondem favoravelmente, se comparados à insuficiência do modelo tradicional/tecnicista. Mesmo que se tenha pela frente uma concepção produtivista e consumista de homem e sociedade, quando os modelos são compreendidos em sua aplicabilidade, os esforços são direcionados à qualidade de uma educação esportiva ampla e, nesse sentido, contribuem para a formação humana integral. Isso significa que há uma grande absorção de conteúdo (jogos, práticas, tarefas e avaliação) das intenções presentes nos três modelos. Mais uma vez, dispomos, na atualidade, de conhecimento suficiente para advogar a elevação da qualidade. Difundir modelos pedagógicos alinhados às necessidades mudancistas, formam, indiretamente, esportistas

qualificados para intervir no futuro. Não se trata de apenas jogar bem e compreender bem o jogo, mas, fundamentalmente, ingerir conhecimento de causa para lutar contra a sociedade apequenada pelo capital.

Por dentro dos modelos encontramos a montagem de cenários como uma verdadeira arte do ensino e aprendizagem do esporte. A montagem de cenários (e o nome lembra, diretamente, o teatro e o cinema) satisfaz, parcialmente, algumas das possíveis respostas ou dúvidas, porém, são os cenários mais utilizados na escola do que no clube. No Sport Education e no Game Sense a questão será mais simples, considerando-se que, além do jogo, existem outras expectativas imediatas, como as tarefas de elaboração de fazeres para as competições. De qualquer modo, considerando-se o caráter coletivo da escola, é mais fácil dividir papéis, tarefas e preparação para a organização de festivais e competições esportivas. No clube, em função da disciplina e dos rígidos calendários e periodizações, a lógica produtivista impera, dificultando-se trabalhos mais generalistas. Poderíamos tentar mudar isso?

Nenhum dos três métodos adota, explicitamente, a questão da docência compartilhada.³⁷ Entendemos que a liberdade do professor/treinador passa por esta questão, ou seja, ninguém é livre sozinho, ninguém articula conhecimentos e os trata, didaticamente para um coletivo amorfo. Em outras palavras, é preciso ter gente capacitada para auxiliar as melhores ideias pedagógicas e isso pode ser melhorado e otimizado com a docência em dupla. Aqui é preciso sublinhar que a figura do professor/treinador auxiliar não pode ser diminuída. Ambos os sujeitos (professor/treinador principal e auxiliar podem planejar e participar. Haverá mais ou menos diálogo, na medida em que concepções forem desnudadas; o fazer em conjunto, certamente complexo, passa pela formulação e confrontação de ideias, saberes e práticas a serem constantemente, postos à prova. Nesse caminho espinhoso, é fundamental abrir-se ao outro, ouvir críticas e ponderar permanentemente.

Suponhamos que os professores/treinadores possam, por exemplo, em projeto coletivo - reunião de duas horas semanais, compartilhar experiências com a

³⁷ . Ver HOCHNADEL, Simone; CONTE, Elaine. **Docência compartilhada: possibilidade de inovação e resignificação da atuação profissional?**. Unilassale, 2019.

utilização do TGfU, do Sport Education e do Game Sense. Nesta hipótese, as principais dificuldades seriam vinculadas a dois eixos: 1 - Elaboração de conteúdos diferenciados para diferentes grupos e idades; 2 - Ensaio de perguntas e respostas. Para agilizar a reunião, os professores/treinadores auxiliares apresentam a problemática de cada eixo e os professores/treinadores principais tecem argumentos e interpretações possíveis. Como introdução, retorna-se aos modelos com a ilustração de um jogo. A assimilação cultural do jogo, como atividade organizada, possibilita estabelecer um padrão de ensino e treino que o torne produtivo no espaço de uma aula/sessão. Aqui, o momento é de seleção do melhor jogo que será apresentado a determinado grupo.

Os passos herbartianos e a lógica da alfabetização esportiva encaixam-se no método do Sport Education porém necessitam de uma experimentação ativa, apropriada para os primeiros anos de escolarização. Segue-se o peso da dialética no pensamento de crianças e jovens e os estímulos docentes para que sejam elaboradas perguntas e respostas inteligentes a partir do TGfU.³⁸ Finalmente, estabelecem-se os parâmetros específicos de conteúdo e avaliação do Game

³⁸ Ver Sadi (2021). Exemplos de perguntas: 1. Quanto tempo demorou o jogo? 2. Podemos jogar mais rápido? 3. Quando você decidiu arremessar/chutar? 4. Qual foi o tempo médio de posse de bola de ambas as equipes? 5. Qual é o tamanho do espaço de dentro e de fora da quadra? 6. Para quem você passou a bola? 7. Qual é a melhor distância para sacar/arremessar/chutar? 8. Por onde é melhor atacar? Direita, centro ou meio? 9. Quais são os melhores jogadores do time adversário? 10. O que deve ser feito quando o time adversário pegar a bola? 11. O que deve ser feito para não juntar muita gente perto da bola? 12. Antes de sacar/atacar/chutar no que você pensa? 13. Quais as diferenças entre uma defesa aberta e uma defesa fechada? 14. Ao decidir passar a bola, você conseguiu fotografar mentalmente a posição dos jogadores? 15. Qual técnica você utilizou mais neste jogo? Questões específicas: 1. Quando você estava com a posse da bola, optou por passar para a esquerda, direita ou tentar driblar? 2. No início do jogo é melhor estudar o adversário ou sair jogando e deixa-lo jogar? (qual será o tempo para isso?) 3. O que fazer ao escolher uma jogada que deu errado? 4. Em cada espaço dividido (defesa, meio, ataque) qual é o nome (função) dos jogadores? 5. O que você fez quando estava perdendo e faltava pouco para acabar? 6. O que deve ser feito quando o time adversário provocar e/ou fazer falta? 7. Quando ocorrer a perda da posse de bola o que fazer para recompor a equipe? 8. O que você fez quando arriscou o saque/arremesso/chute? Conseguiu visualizar o seu time? E o adversário? 9. Como conduzir a bola ao ataque sem ter medo de perde-la? 10. Como que você salta para arremessar/atacar? No momento destes saltos, como é a sua técnica? 11. Quando utilizou suas técnicas pensou em não fazer falta? 12. Como você vem melhorando suas técnicas? 13. Você consegue perceber as modificações nos jogos e o que estamos fazendo nas aulas/treinos? 14. Em um momento tenso do jogo, como você controla suas emoções? 15. Você é capaz de escrever sobre diferentes jogos e esportes, considerando as habilidades de movimento, técnicas, táticas e estratégicas?

Sense.

Entendemos, portanto, a necessidade de realizar um *aggiornamento* (atualização) nas principais questões relativas à estratégia, tática e técnica que emergem do jogo e se alastram para a vida. Seria como mixar as questões de habilidades técnicas e tarefas físicas para complementar a aula/treino que tem como base o jogo; incrementar o ensino-aprendizagem de parâmetros complexos; perguntar e responder de forma permanente. A tabela apresentada sintetiza valores e tempos aproximados na estruturação de uma aula ou treino. Quando os objetivos são esgotados, novas intenções são abertas para esgotar o vir-a-ser. Isso é diferente conforme a idade. Então, a tabela destinada aos tempos, prevê a necessária interrelação entre jogo, atividade e tarefa (exercício) de repetição. Costura caminhos e visualiza a chegada após um processo amplo em forma de *túnel pedagógico* da vida. Diferencia a construção do jogo em sutilezas próprias e, com isso seus diferentes *temperos no caldo do esporte*. Ainda que os resultados sejam objetivos esperados, a pacificação dos momentos pensantes se torna mais leve que a carga de estresse acumulado no conjunto dos pensamentos. Pensar no jogo é como carregar a ideia do jogo para dentro e fora do ambiente esportivo; a bola para a área, o centro da cabeça do jogador para o resultado. Pensar, passa a ser determinante, não apenas no jogo jogado e na profissão, mas no substrato que alimenta as nossas crenças, uma química de tipo palatável, saborosa, desejosa. Paralelamente ao placar do jogo e da vida, a questão do pensamento e os diversos filtros de criatividade inerentes, somam esforços no emaranhado das complexas relações em rede entre o aluno, o docente e a estratégia (Sadi, 2016).

Os sentidos e significados coletivos da aula e seu planejamento supõe a formação generalista e, ao mesmo tempo, específica. Supõe, também, o equilíbrio de cargas horárias do aluno/jogador, principalmente diante de um produtivismo avassalador, promovido pelo capital. Construído sob bases democráticas de participação, a escola de tempo integral e/ou o clube são responsáveis diretos por uma nova forma de produzir e consumir o esporte. Horizontalizar um replanejamento constante é uma forma de avaliar, durante o percurso, os processos

e produtos almejados (resultados esperados em treinos e competições, comportamentos éticos, etc).

| Porcentagem de tempo destinado às atividades de aula/treino em jogo, tarefa técnica e tarefa física | | | | | |
|---|------|----------------|---------------|------------------|--------------------|
| Níveis | Jogo | Tarefa técnica | Tarefa física | Jogo-Tarefa-Jogo | Tarefa-Jogo-Tarefa |
| 1 | 80% | 10% | 10% | | |
| 2 | 60% | 20% | 20% | | |
| 3 | 60% | 20% | 20% | | |
| 4 | 50% | 25% | 25% | | |

Observações: As tarefas (técnicas e físicas) são exercícios construídos (esporte escolar e esporte de base) que podem adaptar-se às aulas de Educação Física (Sadi, 2016).

Os níveis de 1 a 4 representam intervalos de idade, com início aos 6/7 anos e uma subida de 2 anos a cada nível. São aproximações para a divisão de grupos e, portanto, alguma flexibilidade nas faixas etárias é possível e desejável. Assim, quanto menor a idade, mais jogos. À medida em que o processo de alfabetização esportiva é esgotado, o caminho das tarefas apresenta-se como desafio aos jovens esportistas. Tarefas física e tarefas técnicas não são, necessariamente, exercícios, podem ser outros jogos ou algum tipo de criatividade surgida entre o grupo. Diante da perspectiva avançada dos modelos e incrementos de aulas e treinos com o foco na sofisticação do conhecimento, do ensino e da aprendizagem, os professores/treinadores requalificam seu trabalho e assumem a lógica da coletividade. Com isso, reforçam a necessidade de ótimas condições de trabalho

(reivindicação e negociação com padrões e Estado). Entre o ideal e o real, localizam suas atividades no interior de classes médias e no mundo da alienação, questão que supõe, necessariamente, os pilares centrais já esboçados: estrutura/funcionamento; pertencimento/engajamento; pedagogia/treino.

Nesta direção, distanciam-se dos projetos orientados para as classes populares, pois além de pouco atrativos, do ponto de vista econômico, tais projetos não irão satisfazer questões sociais e culturais do domínio simbólico, presentes em projetos mais específicos como os modelos TGfU, Sport Education e Game Sense. Novamente, esgotam-se objetivos e, portanto, novos caminhos terão que ser abertos. Na sequência, pinçamos uma discussão estratégica sobre a formação dos profissionais a partir de um olhar crítico sobre a posição de classe.

3.2.2. Crítica da crítica dominante

A área de Educação Física possui raízes históricas e concepções que nem sempre explicam a atual realidade. Poderíamos hoje, em uma rápida equação, (*formação + emprego = qualidade*) ter um vasto conjunto de profissionais competentes e motivados, além da criação de outras rotas de serviços corporais, esportivos, etc. Substantivamente, não é o que ocorre. Os empregos mais densos e estáveis nos setores público e privado respondem por pouca gente e são derivados da meritocracia em detrimento da gestão democrática e popular.

Na modernidade, por exemplo, é possível verificar uma distribuição, por classes sociais, das principais atividades relacionadas à EF. Brincadeiras, jogos, danças, lutas, ginásticas e esporte formavam à época, na história da disciplina, a identidade de currículos e conteúdos, dentro dos primeiros cursos superiores da área. A disciplinarização da história da EF segue um compósito doutrinário que abarca civis e militares. (Figueiredo, 2016) O enriquecimento de classes privilegiadas, o status social e sua manutenção, a reserva de mercado, a exclusão, assim como o preconceito racial, de gênero e ideológico eram características embutidas neste processo. É sabido que a burguesia buscou situar as instituições militares, médicas, religiosas e esportivas a seu favor, ao mesmo tempo em que criou estantes e anteparos para outras classes participarem destes espaços.

Negociou valores objetivos e simbólicos com o domínio da propriedade, do poder do dinheiro, das finanças e das crises. (Chesnais, 1995) Investiu em edificações, equipamentos e aparatos; condicionou trocas; dispôs-se a juntar forças, por dentro do Estado, ora por interesse próprio, ora como forma de desenvolvimento.

O domínio burguês que comanda Portugal é reduzido em número de pessoas e intenso em termos de concentração de renda. Cerca de mil indivíduos, ou 0.01% da população constituem a alta burguesia; estes são acompanhados por 300 mil proprietários, isto é, os 3% que se seguem na estrutura piramidal (Louça; Lopes; Costa, 2014) O tecido social ao redor desta hierarquia dissipa a reprodução do capital e chega à Universidade. Formação, currículo e prática profissional, são, portanto, arenas de disputa, nas quais o poder simbólico, autoritário ou democrático se faz valer.

O percurso curricular português é avançado: 5 anos de formação inicial (no Brasil, basicamente, são 4 anos). Não apenas o tempo de integralização, a nomenclatura, o conteúdo de disciplinas e atividades serve de parâmetro para a avaliação, mas, fundamentalmente, o tratamento das humanidades, da cultura e das artes como base formativa seguem formatos diferentes.

Nesse sentido, a área necessita de mudanças radicais: ir às profundezas e/ou sutilezas do conhecimento para projetar o futuro afinal, falamos de uma área do Esporte ou das Ciências da Motricidade Humana? Em recente artigo sobre o tema, Manoel Sérgio, professor português, relembrou carta escrita à Lino Castellani Filho, em 1983, na qual afirmava

A vossa cordialidade seduziu-me – sentimento inalterável, mesmo diante da ousadia das minhas ideias acerca da Educação Física (EF). Mas, se bem atender, eu não me refiro em primeiro lugar à EF, porque ela é o produto do dualismo antropológico racionalista, que está defunto, como se sabe. Os três pilares em que assenta a minha filosofia são: o conceito hegel-marxista de totalidade; a intencionalidade da fenomenologia; e o cristão amai-vos uns aos outros como eu vos amei. A minha Ciência da Motricidade Humana (CMH) resulta de um filosofar. (carta a Lino Castellani Filho) (Sérgio, 2022)

O que importa não é a nomenclatura da área, mas de fato, o que ela encerra, se faz o debate avançar, recuar ou permanecer onde está. A EF tem alta necessidade de justificação, portanto, excessos ideológicos e reveladores de fragilidade, tanto do ponto de vista teórico-acadêmico, como do ponto de vista da prática profissional, necessitam ser filtrados.

Os professores trabalham com os retalhos da *semiformação*. Na média, lutam como podem. Nada garante que as Ciências da Motricidade Humana ou Ciências do Esporte, sejam, pela simples existência, culturais na essência. Certamente, para uma refundação da área, um longo caminho se faz necessário para que os diálogos sejam promovidos. Novos estudos e debates são nodais e imprescindíveis. Os bloqueios e empecilhos de formação humana plena necessitam de limpeza/oxigenação para abandonar discursos estéreis e transformá-los em políticas efetivas.

Considerações provisórias

O apagar das luzes deste ensaio teórico faz uma homenagem ao Professor Jorge Olímpio Bento em uma de suas apaixonadas defesas filosóficas do esporte. Reproduzimo-la por entender que precisamos de oxigênio em tempos sombrios e fumacentos, nos quais, ondas reificadas e futilidades que se agigantam ocupam um lugar central na vida das pessoas. Afirma Bento:

O desporto é uma fabricação de próteses para as insuficiências e deficiências do corpo do homem e para além dele. É uma norma sem tecto e apresenta este como o chão sumamente apetecível, mas que ninguém pisa. Não obstante, faz parte da luta contra a ideologia da impotência que nos sussurra que na vida não há nada para fazer, que não podemos fazer nada de relevante por nós, que não somos os sujeitos principais da nossa construção, que nos devemos omitir e entregar nos braços de um destino de derrotados e vencidos. Por isso ele é educativo, é um sal da educação. (Bento, 2008, p. 55)

De Portugal ao Brasil constatamos o potencial e, ao mesmo tempo, as limitações do esporte. Lidar com tal ambivalência requer a costura de uma unidade entre professores, treinadores e pais, ainda frágil para os futuros projetos. Em uma grande síntese, a ideia da semiperiferia do sistema impõe razoáveis limitações. Os

semiperiféricos recortam possibilidades de desenvolvimento humano e social, confrontam teses ideológicas da esquerda à direita, escudando-se no corporativismo, inclusive o desenvolvimento pedagógico da escola e do clube assumem tal delineamento. Tudo isso atinge os segmentos mais decisivos das classes médias e está justificado na literatura pelo ângulo da sociologia e pelos aportes da Educação e Educação Física. No interior das famílias têm prevalecido a marca do conservadorismo.

Os países centrais, representados pelo Norte global e pela hierarquia, impõem, na lógica capitalista, uma divisão internacional de capitais e trabalho, amplamente desfavorável aos países semiperiféricos. Estes, por sua vez, estão pautados pelo estrangulamento e dependência de finanças. A ocorrência de uma mundialização do capital, concomitante ao neoliberalismo/neoconservadorismo atinge o coração dos países da semiperiferia; desdobra-se em uma generalidade de políticas compensatórias, no trato com o público/privado que transformam o corpo individual/social. Com isso são lançadas, faíscas e desdêns às classes médias.

Diretamente, para o esporte, sobram poucos recursos e, ainda que existentes, são mal distribuídos pois as prioridades são dirigidas ao esporte competitivo e olímpico em detrimento do esporte de caráter educacional. As classes médias, localizadas no confronto direto de classes populares e burguesia, também são produtoras e consumidoras do esporte, portanto, tem interesse neste “investimento”. Quando realiza suas intenções e cria oportunidades diversas à seus filhos, em caminhos de autonomia e responsabilidade, reordena muitos dos erros que foram herdados da moral burguesa.

Luta(m) como pode(m) é uma expressão que define bem tais caminhos. Perdas e ganhos sempre fizeram parte da vida das famílias, porém a novidade nos anos recentes é o caráter deste tipo de luta. O precariado, em expansão, tem tornado as classes médias - consumidoras de pouco consumo, o que significa uma baixa de recursos para os mais diferentes produtos, serviços e investimentos. Os economistas utilizam o termo recessão para tratar deste problema. As sobras dos salários e das rendas (em um movimento de sobre e desce, mas com tendência à

quedas significativas), leia-se “poupança” para as camadas C e D, são, basicamente, inexistentes. Isso implica em um rebaixamento de todos os extratos das classes médias e uma piora generalizada na expectativa e motivação para a vida. Considerando a questão ideológica nestas lutas, os novos tempos são marcados por guinadas à direita, cuja característica de luta difere sistematicamente das lutas da esquerda, outrora ascendentes e unificadas.

Neste ponto, é preciso abrir um parêntesis para destacar a “questão marxiana do ter” citada neste texto. O ponto central é o sentido de posse, a propriedade privada não apenas como imóvel, mas como objeto sensível. Formulações subjetivas de direita serão mais radicais e “egoístas” com o “ter”. Isso abre passagem para as classes médias disputar fatias maiores de consumo. Entre outros pensamentos não ditos, destacamos dois: 1. “Votamos na direita pois o governo vai tirar de nós para dar aos pobres”; 2. “Educação é nossa responsabilidade e não do governo”. Os pensamentos não ditos foram expressos no aumento de votos para as direitas no mundo todo. No Brasil, tal tema foi traduzido pelo “voto envergonhado em Bolsonaro”. Em uma acirrada disputa, verificou-se um declínio das direitas (e um esvaziamento ideológico das esquerdas), apesar, ainda das grandes votações nominiais em partidos conservadores e liberais.

Há, contudo, um calço teórico fundamental para a interpretação do “sentido do ter” em Marx. Trata-se de um aprofundamento do conceito de alienação. Duas vias principais, a hegeliana e a marxiana explicam a “posse” e o “apego”. Do lado da consciência, a alienação é um conjunto de complexos que indicam despojamento consciente, externalização, desapego. Do lado do objeto coisificado, a alienação é transformada em estranhamento contra o homem. Em resumo, a transcendência deste fenômeno dar-se-ia pela totalidade e compreensão alargada dos dois lados, preservando-se a liberdade. O “sentido do ter” a partir de uma conotação material-espiritual e seu caráter universal possibilitaria à transcendência humana, uma porta de saída da mesquinhez em direção à livre solidariedade. Tal teorização, por mais humanista e utópica que possa parecer, configura-se em uma plataforma de luta subjetiva, interna, sensível, favorável às classes médias, detentoras de capital simbólico sofisticado, talvez as únicas que são capazes de perceber a circularidade

destes raciocínios. Entendemos, portanto, como possível, que alguns passos sejam ensaiados entre professores, treinadores e pais para a formação e atuação dos futuros esportistas/atletas.

Diante de um objeto multifacetado como o esporte, os olhares sobre as suas possibilidades educativas, ora convergem, no sentido do positivo e do desenvolvimento, ora divergem com as formulações críticas e das mazelas em seu entorno. Então, ao promover franjas deste desenvolvimento e, ao mesmo tempo, produzir a reivindicação ao Estado da parte que lhe cabe, as classes médias assumem o esporte nas suas múltiplas fragmentações, investem e apostam em seus filhos, demonstram elevada conexão com os valores morais e éticos disseminados e, finalmente, lutam como podem.

No que tange à formação básica, a escola e o clube têm a tarefa de criar aportes pedagógicos mais significativos que os atuais. Isso implica no redesenho dos modelos híbridos arrolados neste trabalho. Juntamente com o estudo e a pesquisa, o debate político-pedagógico merece também, um lugar de destaque entre os professores/treinadores e pais interessados.

No âmbito psicossocial tais iniciativas podem significar vontade deliberada de ascensão, ou seja, luta alpinista e dedicação para “melhorar de vida e ganhar dinheiro”. Provavelmente, o sistema metabólico do capital contenha células específicas que atizam a ambição de pessoas das classes médias e as empurram para uma frenética degradação de valores éticos e morais, portanto, na contramão dos valores produtivos do esporte educacional e mesmo dos valores olímpicos. Tais células, entretanto podem fazer o caminho inverso, isto é, lutar pela oxigenação e recuperação do sistema geral. As permissões aos filhos, por exemplo é um dos subtemas importantes e sensíveis, ainda não totalmente elucidado, pois depende muito das expectativas de quem entra na aventura do esporte.

À procura de respostas nem sempre pragmáticas, a reflexão e discussão devem convergir com a concepção ampla de totalidade social, de tal forma que a flexibilidade metodológica seja preservada. Em sintonia com uma tendência analítica antissistema, é possível revelar uma aderência das classes médias ao esporte, este, compreendido como conhecimento e cultura para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa; VILLAS BÔAS, Lúcia. Um olhar psicossocial para a educação. *Cadernos de Pesquisa*, 2018, 48: 14-41.
- ADORNO, Theodor. *Palavras e sinais*. Editora Vozes, 1995.
- ALMEIDA, Renan. Os bastidores da regulamentação do profissional de educação física. *Vitória: UFES, Centro de Educação Física*, 2002.
- ALMEIDA, Bárbara S; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Movimento Olímpico: uma leitura sociológica sobre desenvolvimento, cenários de crises e futuras possibilidades de mudanças. In: RUBIO, Kátia (org) *Preservação da memória: a responsabilidade social dos jogos olímpicos*. Editora Laços, 2014.
- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. *Rio de Janeiro: Graal*, v. 2, 1985.
- ANDERSON, Perry et al. Balanço do neoliberalismo. *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23, 1995.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. Boitempo editorial, 1999.
- _____. *O privilégio da servidão, o novo proletariado de serviços na era digital*, 2020.
- AGUIAR, Douglas et al. *Urbanidades*. Letra e Imagem Editora e Produções LTDA, 2012.
- ANDRADE, Vanessa Batista de. Estética da Mercadoria e Obsolescência: um estudo da indução ao consumo no capitalismo atual. *Dissertação de Mestrado*, Unesp, Araraquara, 2007.
- ARCARY, Valério. A revolução solitária. *Revolução ou transição*, 2012.
- ARENDT, Hannah. *Pensar sem corrimão*. Editora Relógio D'Água, 2018.
- _____. *Entre o passado e o futuro. Oito exercícios sobre o pensamento político*. Relógio D'Água, 2006.
- BARA FILHO, Maurício Gattás; GARCIA, Félix Guillén. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 22, n. 4, p. 293-300, 2008.
- BARBANTI, Valdir J. *Formação de sportistas*. Editora Manole Ltda, 2005.
- BARBANTI, V., &TRICOLI, V. A formação do sportista. In A. Gaya, A. Marques & G. Tani, (Eds). *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades*. Porto Alegre, UFRGS. 2004, 199-215.
- BASTIDAS, Marina Gallego; BASTOS, Flávia da Cunha. A lei de incentivo fiscal para o esporte e a formação de atletas no Brasil. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, v. 1, n. 2, p. 111-121, 2011.
- BAUDELLOT, Christian; ESTABLET, Roger. Escola, a luta de classes recuperada. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 11, n. 22, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENAVENTE, Ana, et al. *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

BENTO, Jorge Olímpio. *Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor auto-retrato*. Casa da Educação Física, 2008.

BRAGA, Rui. *A rebeldia do precariado – trabalho e neoliberalismo no Sul global*. Boitempo, 2017.

BENTO, Jorge. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. *Desporto para Crianças e Jovens–Razões e Finalidades*, p. 21-28, 2004.

BÖHME, Maria Tereza Silveira. Treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 21, n. 2, 2010.

BREED, Ray & SPITTLE, Michael. *Developing Game Sense in Physical Education and Sport*. Human Kinetics, 2020.

BROFENBRENNER, Urie. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Artmed Editora, 2011.

BUENO, Luciano. *Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento*. 2008. Tese de Doutorado, FGV.

BUTLER, Joy; GRIFFIN, Linda. *More teaching games for understanding: Moving globally*. Human Kinetics, 2010.

BUTLER, Joy; OVENS, Alan. TGfU and its governance: from conception to special interest group. *Ágora para la educación física y el deporte*, v. 17, n. 1, p. 77-92, 2015.

CARNOY, Martin; GOVE, Amber K.; MARSHALL, Jeffery H. *A vantagem acadêmica de Cuba: por que seus alunos vão melhor na escola*. Ediouro, 2009.

CHESNAIS, François. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. *Economia e sociedade*, 1995, 4.2: 1-30.

CODO, Wanderley; Vasques-Menezes, Iône. O que é burnout. *Educação: carinho e trabalho*, v. 2, p. 237-254, 1999.

COLLET, Carine et al. Formação esportiva de atletas de elite: um estudo com as seleções brasileiras de voleibol. *Tese de Doutorado*, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

COSTA, José Ricardo Caetano; SERAU JUNIOR, Marco Aurélio; SOARES, Hector Cury. *O "estado de mal-estar social" brasileiro*. Repositório Furg, 2020.

CÔTÉ, Jean et al. When "where" is more important than "when": Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. *Journal of sports sciences*, v. 24, n. 10, p. 1065-1073, 2006.

_____. The influence of the family in the development of talent in sport. *The sport psychologist*, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

COUTINHO, Nilton Ferreira; DOS SANTOS SILVA, Sheila Aparecida Pereira. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos na formação profissional em educação física. *Movimento*, v. 15, n. 1, p. 117-144, 2009.

DE MELO DIAS, Ricardo; CORRÊA, Daniel Alves. Aspectos importantes no processo detecção e orientação de talentos esportivos e a contribuição da estatística Z neste contexto. *Conexões*, v. 13, n. 2, p. 166-184, 2015.

DE SOUZA, Iuri Salim; VICENTINI, Lucas; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. As Múltiplas Facetas da Participação Esportiva: Contribuições de Jean Côté e Colaboradores. *Quaderns de Psicologia*, 2020, 22.3: e1547-e1547.

DUARTE, Rodrigo. *Indústria cultural: uma introdução*. Editora FGV, 2010.

ENGELS, Friedrich. *Del socialismo utópico al socialismo científico*. Ediciones AKAL, 2021.

ESTANQUE, Elísio. *A classe média: ascensão e declínio*. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.

FAZENDEIRO, Júlio. O declínio da filiação partidária em Portugal: respostas e estratégias das lideranças. In: ESPÍRITO SANTO, Marco Lisi Paula do (org) *Militantes e ativismo nos partidos políticos*. Portugal em perspetiva comparada. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2017.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. A história da Educação Física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil: o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958). *Tese de doutorado*, UFMG, 2016.

GALLAHUE, D. L., OZMUN, J. C., & GOODWAY, J. D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos*. AMGH Editora, 2013.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a prática*, v. 20, n. 3, 2017.

GARGANTA, Júlio. Modelação táctica em jogos desportivos: a desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. *Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos*, p. 108-121, 2008.

GATTI, Bernardete A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. *Cadernos de Pesquisa*, nº 98, p. 85-90, 1996.

GIL-ARIAS, Alexander et al. Impact of a hybrid TGfU-Sport Education unit on student motivation in physical education. *PloS one*, v. 12, n. 6, p. e0179876, 2017.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Esporte*, v. 7, n. 3, p. 401-421, 2007.

GUSSO, Karin Cristina. *Esporte, Mídia e Indústria Cultural*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2018.

HARVEY, David. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. Boitempo Editorial, 2019.

_____. *17 contradições e o fim do capitalismo*. Boitempo Editorial, 2017.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 34, n. 1, p. 149-164, 2012.

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; JOAQUIM, Cássia dos Santos; MONTAGNER, Paulo César. Pedagogia do Esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. *Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências*. São Paulo: Phorte, p. 171-199, 2011.

HOCHNADEL, Simone Borges; CONTE, Elaine. *Docência compartilhada: possibilidade de inovação e resignificação da atuação profissional?*. Unilassale, 2019.

JENNINGS, Andrew. *Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA*. Panda Books, 2012.

JUNIOR, Armando Boito. *Estado, política e classes sociais*. Unesp, 2007.

KAO, Chun-Chieh. Development of team cohesion and sustained collaboration skills with the sport education model. *Sustainability*, v. 11, n. 8, p. 2348, 2019.

LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antonio da. Entrevista com Raquel Varela: Revolução dos Cravos, condições de trabalho e vida em Portugal. *Revista Katálysis*, v. 18, n. 1, p. 123-130, 2015.

LOPES, Helder et al. Educar para a cidadania num contexto global: O desporto como instrumento de atuação. Universidade da Madeira, *Europa, educação, cidadania*, p. 153-159, 2018.

LOPES, João Teixeira; Louçã, Francisco; Ferro, Lígia. *As Classes Médias em Portugal. Quem são e como vivem* Lisboa, Bertrand, 2019.

LOPES, Priscila et al. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 30, n. 4, p. 1043-1049, 2016.

- LOPES, Felipe Tavares Paes; DOS REIS, Heloísa Helena Baldy. Ideologia, futebol e violência: uma análise do relatório “Preservar o Espetáculo, Garantindo a Segurança e o Direito à Cidadania”. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 2017, 69.3: 36-51.
- LOUÇA, Francisco. *O futuro já não é o que nunca foi – uma teoria do presente*. Bertrand Editora, 2021.
- LOUÇA, Francisco & MORTÁGUA, Mariana. *Manual de Economia Política*. Bertrand Editora, 2021.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital*. Editora José Olympio, 2021.
- MARTINS, G.; VIEIRA, M. L. Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese e contexto sociocultural. *Estudos de Psicologia*, 15 (1), 2010.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial, 2015a.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Boitempo Editorial, 2015b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Boitempo editorial, 2015.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel. *Temas de Ciências Humanas*, v. 2, 2005.
- MAZZEI, Leandro Carlos et al. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas. *Revista portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 14, n. 2, 2014.
- MEMMERT, Daniel; BAKER, Joseph; BERTSCH, Claudia. Play and practice in the development of sport-specific creativity in team ball sports. *High ability studies*, v. 21, n. 1, p. 3-18, 2010.
- MEMMERT, Daniel et al. Top 10 research questions related to teaching games for understanding. *Research quarterly for exercise and sport*, v. 86, n. 4, p. 347-359, 2015.
- MENEZES, Rafael; RODRIGUES MARQUES, Renato Francisco; NUNOMURA, Myrian. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. *Movimento*, v. 20, n. 1, 2014.
- MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado*, 2017, 32: 621-648.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Boitempo Editorial, 2015a.
- _____. *A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado*. Boitempo Editorial, 2015b.
- _____. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*. Boitempo Editorial, 2015c.
- MIGUEL, Luis Felipe. Consenso e conflito na teoria democrática: para além do "agonismo". *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 13-43, 2014.
- MITCHELL, Stephen A.; OSLIN, Judith L.; GRIFFIN, Linda L. *Sport foundations for elementary physical education: A tactical games approach*. Human Kinetics, PO Box 5076, Champaign, 2003.
- MONTEIRO, R. C. Pesquisa qualitativa como opção metodológica. *Pro-Posições*, v. 2, n. 2, p. 27-35, 2016.
- NERI, Marcelo et al. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: FGV/Ibre, CPS, p. 16, 2008.
- NERI, Marcelo C. As classes médias brasileiras. *Rio de Janeiro, FGV Social–57 páginas, 2019*.
- NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- _____. *Capitalismo e reificação*. Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

NOGUEIRA, Maria Alice. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 1, 1995.

_____. .. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 8, n. 14-15, p. 91-103, 1998.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. *DE ROSE, D. et al. Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed*, p. 73-83, 2009.

PANKHURST, Anne; COLLINS, Dave. Talent identification and development: the need for coherence between research, system, and process. *Quest*, v. 65, n. 1, p. 83-97, 2013.

PIKKETY, Thomas. *Pelo socialismo! Crônicas*. Bertrand, 2020.

POCHMANN, Marcio. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. Boitempo Editorial, 2015.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar. Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados. *São Paulo: Phorte*, 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro*, 1995.

REZER, Ricardo. Reflexões didático-pedagógicas acerca do ensino do esporte no processo de formação de professores de Educação Física. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 16, n. 1, p. 271-292, 2010.

ROSAS, Fernando. *Salazar e os fascismos*. Ensaio breve de história comparada. Tinta da China, Lisboa, 2019.

RUBIO, Kátia. *Esporte, educação e valores olímpicos*. Casa do Psicólogo, 2009.

SADI, Renato Sampaio; COSTA, Janaína Cortês; SACCO, Bárbara Torres. Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. *Pensar a Prática*, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2008.

SADI, Renato Sampaio. *Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos*. São Paulo, Ícone, 2010.

_____. Projeto de formação de esportistas e atletas brasileiros com a perspectiva dos jogos olímpicos rio de janeiro 2016 e sua relação com a educação física e a base formativa de atletas. *Comunicação oral* apresentada no XIV Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, 2012.

_____. *Pedagogia do Esporte: explorando os caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas*. São Paulo, Ícone, 2016.

_____. Política do Ministério do Esporte: entre a burocracia e a perspectiva de desenvolvimento. *Revista Corpoconsciência*, v. 21, n. 1, p. 80-91, 2017.

_____. Desenvolvimento do modelo Game Sense na Educação Física e Esporte. Tradução, 2021.

_____. Processos criativos de avaliação em modelos ecológicos na pedagogia do esporte: construindo caminhos para a investigação e a intervenção. *Latin American Journal of Development*, 2021, 3.3: 1516-1524.

_____. Ansiedade, stress, tédio e raiva: oscilações no equilíbrio emocional e no desempenho esportivo. *Praxia-Revista on-line de Educação Física da UEG*, 2022, 4: e2022001-e2022001.

- SANTOS, Ana Cordeiro; REIS, José. *Portugal: uma semiperiferia reconfigurada*. e-cadernos CES, 2018, 29
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Autores associados, 2018.
- SCAGLIA, Alcides et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Movimento*, v. 19, n. 4, 2013.
- SCHWARZ, Eric C.; HUNTER, Jason D. *Advanced theory and practice in sport marketing*. Routledge, 2017.
- SÉRGIO, Manuel. Motricidade Humana: o itinerário de um conceito. *Motricidades*, v. 6, n. 1, 2022.
- SIEDENTOP, Daryl; HASTIE, Peter A.; VAN DER MARS, Hans. *Complete guide to sport education*. Human Kinetics, 2011.
- SILVA, Dirceu Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gestão das políticas públicas do Ministério do Esporte do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 29, n. 1, p. 65-79, 2015.
- SOUZA, Jessé. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. *a “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich, p. 55-67, 2013.
- _____. *A classe média no espelho*. Sextante, 2018.
- SOUZA, Ranieldo Barreiras Barbosa; JÚNIOR, Francisco Rubens Feitosa; BRUNO, Flávio Marcelo Rodrigues. A Gestão da Marca Nas Redes Sociais. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, v. 1, p. 11-16, 2018.
- SOUZA, Rosivaldo Santos. Ideologia Hegemônica e Contra ideologia gramsciana: Uma perspectiva filosófica. *Cadernos Cajuína*, v. 2, n. 3, p. 66-78, 2017.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. *Esquerdas do mundo, uni-vos!* São Paulo: Boitempo, 2018.
- TAN, Clara Wee Keat; CHOW, Jia Yi; DAVIDS, Keith. ‘How does TGfU work?’: examining the relationship between learning design in TGfU and a nonlinear pedagogy. *Physical education and sport pedagogy*, v. 17, n. 4, p. 331-348, 2012.
- THERBORN, Göran. *Do marxismo ao pós-marxismo?*. Boitempo Editorial, 2015.
- TORRE, Bruna Della. Adorno, leitor de Marx. *Sociologia & Antropologia*, 2019, 9: 519-541.
- VAN ZANTEN, A. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. *Perspectiva*, v. 22, n. 1, p. 25-45, 2004.
- VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. *GARCIA, E. S.; LEMOS, KLM Temas atuais VII: Educação Física e Esporte. Belo Horizonte: Health*, p. 09-26, 2002.
- VIRGÍLIO, A. et al. Aprendizagem de treinadores esportivos: fontes de conhecimento e prática profissional nos jogos esportivos coletivos. *Journal Of Sport Pedagogy And Research*, v. 3, n. 2, p. 20-26, 2017.
- VYGOTSKI, Lev Semenovitch. A formação social da mente. *Psicologia*, v. 153, p. V631, 1989.
- _____. *Pensamento e linguagem*. 2008.
- WRIGHT, Eric Olin. Fundamentos de uma análise de classe neomarxista. *Análise de classe. Petrópolis: Vozes*, p. 19-45, 2015.